

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

**CELINA LESSA NAZARIO**

**DIÁLOGO:  
MESTRE E DISCÍPULO UMA LEITURA TEOLÓGICA DA  
*PEDAGOGIA DO OPRIMIDO* DE PAULO FREIRE**

**PORTO ALEGRE**

**2011**

**CELINA LESSA NAZARIO**

**DIÁLOGO:  
MESTRE E DISCÍPULO UMA LEITURA TEOLÓGICA DA  
*PEDAGOGIA DO OPRIMIDO* DE PAULO FREIRE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Urbano Zilles

PORTO ALEGRE

2011

## FICHA CATALOGRÁFICA

N335d Nazario, Celina Lessa  
Diálogo : mestre e discípulo ima leitura teológica da pedagogia do oprimido de Paulo Freire / Celina Lessa Nazario.  
– Porto Alegre, 2011.  
103 f.

Diss. (Mestrado em Teologia) – Fac. de Teologia, PUCRS.  
Orientação: Prof. Dr. Urbano Zilles.

1. Teologia. 2. Freire, Paulo – Crítica e Interpretação.  
3. Religião e Educação. 4. Sociologia Educacional. I. Zilles, Urbano. II. Título.

CDD 377.82

**Ficha Catalográfica elaborada por  
Vanessa Pinent  
CRB 10/1297**

**Celina Lessa Nazário**

**“DIÁLOGO: MESTRE E DISCÍPULO – Uma Leitura Teológica da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire.”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 22 de dezembro de 2011, pela Banca Examinadora.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Urbano Zilles  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Érico João Hammes

---

Prof. Dr. Marcos Sandrini

## AGRADECIMENTOS

Serei sempre grata a Deus, pelo dom da Vida e pela coragem de lutar.

A minha família, em especial, aos meus pais, que me educaram na fé e deixaram heranças imperecíveis em minha vida.

À Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas; de modo especial, ao atual Governo, na pessoa de Irmã Elena Ferrarini – Superiora Provincial, Província Imaculada Conceição e sua equipe; às irmãs da minha comunidade religiosa – João XXIII, à Irmã Sueli Nardin, diretora do Colégio São Carlos de Caxias do Sul, onde partilho minha missão; à comunidade religiosa das Irmãs Menino Deus de Porto Alegre, que me hospedaram e apoiaram. A vocês, que fizeram parte desta jornada acadêmica, obrigada pelo apoio!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Urbano Zilles, pela incansável paciência, pelo encorajamento e por, desde início, apostar nas minhas intuições. Descobri, com você, que eu sou muito mais do que imaginava ser.

Ao coordenador do curso, Dr. Leomar Brustolin, preocupado com a pessoa humana e o seu crescimento na fé, sou grata, pela sua colaboração e incentivo; à equipe de coordenação, secretaria e aos professores, que não passaram como cometas, mas, sim como estrelas, deixando o testemunho de teólogos, comprometidos com um mundo melhor, o meu muito obrigada, por contribuírem com a minha formação e acreditarem naquilo em que acredito.

Ao CNPq, que colaborou para que eu desse continuidade aos estudos, através de bolsa.

A todos os meus colegas de curso, que estiveram ao meu lado, dando-me coragem. Eu sempre vou me lembrar de vocês.

A todos vocês, muito obrigada, por fazerem parte de mais um capítulo da minha história, história feita com sacrifícios, mas, com a ajuda de cada um de vocês, pude chegar até aqui e acreditar que o sonho não o realizamos sozinhos.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta tese a todas as pessoas que amam e acreditam no ser humano, em todas as suas dimensões, a todos os meus amigos e colegas que acreditam nas potencialidades e nas possibilidades que temos. Aos que trabalham comigo, aos que partilham as suas experiências e gastam a sua vida por uma grande causa.

*“Se eu pudesse, daria um globo terrestre a cada criança... Se possível, até um globo luminoso, na esperança de alargar ao máximo a visão infantil e de ir despertando interesse e amor por todos os povos, todas as raças, todas as línguas, todas as religiões!”*

(Dom Helder Câmara)

## RESUMO

Esta pesquisa pretende responder à seguinte questão: Que interfaces podemos refletir de uma educação transformadora e cristã que estão presentes na área da educação scalabriniana hoje? A escola católica é um espaço privilegiado para exercer a sua missão de evangelizar. Refletimos sobre o *diálogo: Mestre e Discípulo*, através da leitura teológica da *Pedagogia do oprimido*, buscando o seu fio condutor na pedagogia do Mestre Jesus, na passagem de Lc 24,13-35, “Caminho de Emaús”, fazendo-se presente na pedagogia da educação scalabriniana. Identifica-se a contribuição de Paulo Freire, com um olhar na proposta do Evangelho de Lucas 24,13-35 e na educação scalabriniana que Dom João Batista Scalabrini lança como tarefa para uma congregação. Paulo Freire acreditava que a sociedade poderia ser transformada por meio da educação problematizadora dialógica. O diálogo se fundamenta nos elementos constitutivos, como amor, fé, humildade, confiança e esperança presente no pensamento pedagógico de Paulo Freire e de João Batista Scalabrini, que também fazem parte da reflexão teológica cristã. Em (Lc 24,13-35) o “Caminho de Emaús”, está o caminho da revelação da verdadeira pedagogia. Jesus é o Caminho a Verdade e a Vida. A pedagogia scalabriniana também busca, em seu jeito de educar, responder os apelos da Igreja e da sociedade que está em constante mobilidade. Fazendo do ambiente escolar um espaço teológico, a escola contribui com o carisma assumido na Igreja. Neste pensar do diálogo: mestre/discípulo há possibilidade de refletir a educação como possível fazer teológico na educação.

**Palavras-chave:** Diálogo. Paulo Freire. Pedagogia. Teologia. Emaús. Educação scalabriniana.

## ABSTRACT

This research aims to answer the following question: What interfaces can we reflect from a transformative and Christian education, that are in the area of scalabrinian education nowadays? The catholic school is a privileged space to exercise the mission of evangelization. We reflected upon the dialogue: Master and Disciple, through a theological reading of the *Pedagogy of the Oppressed*, looking for its conducting wire in Master Jesus' pedagogy in the passage of Lc 24, 13-35, The Way to Emmaus, that is part the scalabrinian education pedagogy. We identified Paulo Freire's contribution, in the proposal of the Gospel of Luke 24,13-35 and in the scalabrinian education that Don Giovanni Battista Scalabrini launches as a task for a congregation. Paulo Freire believed that the society could be transformed through education problem-solving dialogue. The dialogue is based on elements, such as: love, faith, humility, confidence and hope, that are in Paulo and Giovanni Battista Scalabrini's view of education, which are also part of Christian theological reflection. (Lc 24, 13-35) The Way of Emmaus is the path of revelation of the true pedagogy. Jesus is the way towards Truth and Life. Besides, the scalabrinian pedagogy aims, in the way that education happens, to answer the claims of the Church and society, that is constantly moving. Making the school environment a theological space, the school contributes to the charisma that is assumed in the Church. In this type of dialogue, in a master/disciple, it is possible to reflect upon education as a way to act in theological education.

**Key-words:** Dialogue. Paulo Freire. Pedagogy. Theology. Emmaus. Scalabrinian education.

## **LISTA DE SIGLAS**

CELAM - Conselho Episcopal Latino Americano

CIC - Catecismo da Igreja Católica

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil

DA - Documento de Aparecida

DV - *Dei Verbum*

ESI - Educação Scalabriniana Integrada

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

MSCS - Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UNICAMP - Universidade de Campinas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 CONTEXTUALIZANDO A OBRA DE PAULO FREIRE NO MUNDO DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 QUEM FOI PAULO FREIRE? .....	19
1.2 CATEGORIAS RELEVANTES/PERTINENTES DE PAULO FREIRE .....	22
1.3 DIÁLOGO: PALAVRA COMPARTILHADA .....	23
1.4 A LIBERDADE HUMANIZA .....	29
1.5 A CONSCIENTIZAÇÃO COMO ESSÊNCIA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA.....	35
<b>2 A PEDAGOGIA DE JESUS NO CAMINHO DE EMAÚS.....</b>	<b>43</b>
2.1 EMAÚS: CAMINHO DE DISCÍPULOS.....	45
2.2 O TEXTO E O CONTEXTO .....	51
2.3 A TEOLOGIA DE EMAÚS .....	58
2.4 NO DIÁLOGO DO CAMINHO, JESUS REVELA AS ESCRITURAS.....	61
2.5 TRANSMITIR A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE.....	65
2.6 O CONVITE, A PARTILHA DO PÃO E O RECONHECIMENTO DO GRANDE MESTRE.....	68
<b>3 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA COMO MISSÃO DA EDUCAÇÃO SCALABRINIANA .....</b>	<b>71</b>
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA CONGREGAÇÃO – MSCS.....	72
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SCALABRINIANA.....	75
3.3 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO SCALABRINIANA.....	80
3.4 ALTERIDADE .....	82
3.5 DIVERSIDADE .....	85
3.6 ACOLHIDA: A MARCA DO CRISTÃO É SER IRMÃO.....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>

## INTRODUÇÃO

Tendo em vista as grandes transformações sociais, as novas dinâmicas de relações políticas, culturais e religiosas, os avanços da tecnologia, os desafios no campo da educação contemporânea, colocam-se novas responsabilidades de reflexão e intervenção social, a partir de novas práticas educativas cristãs, que vislumbrem a participação e a intervenção consciente do ser humano, na busca constante da sua humanização.

Vivemos em uma época em que parece tudo estar saturado e não nos damos conta das mudanças rápidas e desafiadoras. As pessoas estão se tornando até indiferentes aos valores tradicionais que sustentam a vida. O individualismo está presente na vida dos jovens, das crianças e dos adultos. A sede do infinito está sendo alimentada por algo passageiro e imediato. Encontramos poucas pessoas com projetos de vida, alicerçados na esperança, e, se o ser humano não tiver esperança não busca da transcendência, não está procurando os valores que sustentam a vida e os valores cristãos.

A humanidade toda vive em busca do “ser mais”, e o espaço educativo reúne muitas condições para o atendimento dessa necessidade humana. “Tais centros educacionais não deveriam ignorar que a abertura à transcendência é uma dimensão da vida humana, e, por isto, a formação integral das pessoas reivindica a inclusão de conteúdos religiosos” (DA, n. 481).

O objetivo desta pesquisa, portanto, é aprofundar a importância do diálogo na educação transformadora e cristã na vida do ser humano. Propõe uma leitura teológica do pensamento freiriano, com um referencial teórico-crítico, construtor de um processo educativo humanizador, na constituição de uma pedagogia como prática de liberdade. Desta forma, Paulo Freire se constitui em importante caminho para ressignificar e revitalizar a reflexão no processo de ensino e aprendizado. Ele tem por base o diálogo, necessidade esta ontológica do ser humano. Através de uma relação dialógica e dialética entre professor e

aluno, a proposta pedagógica de Freire centraliza-se na dimensão do conhecimento, bem como no sentimento de aceitação do outro, da interação e da intersubjetividade.

O sentido de uma pedagogia libertadora, na obra de Freire, exige o entendimento de como os processos educativos se estabelecem na perspectiva de uma práxis educativa, que contribui para a libertação e a emancipação dos seres humanos e, ao mesmo tempo, a compreensão da relação histórica, política e cultural dessa ação pedagógica, com a dimensão existencial da categoria “humanização”.

Diante disto, podemos dizer que Paulo Freire propõe a constituição de uma antropologia que se assenta na categoria central de seu pensamento, que é a humanização e a libertação dos seres humanos.

Esta pesquisa pretende, por conseguinte, ser uma contribuição para os que estão comprometidos, como cristãos, com um trabalho de construção de processo inacabado em nossa época, principalmente os educadores, cientes de que uma parte importante da responsabilidade, a de intervir neste quadro de desumanização em que se encontram milhares de seres humanos, que fazem parte da cultura do silêncio, dos sem vez e sem voz, está em nossas mãos. Objetiva, igualmente, ser uma contribuição àqueles que acreditam que é, mediante a educação humanizadora, que o ser humano busca entender e participar do mundo no qual vive e para todos aqueles que acreditam que a educação não acontece somente nos espaços da escola, mas, na intervenção com o outro, consigo e com Deus, que são os caminhos que podem ensinar a ver as contradições sociais, políticas, religiosas, culturais e econômicas e a agir contra os elementos que oprimem a realidade.

Para isso, utilizamos a metodologia da leitura e interpretação de referencial teórico. Também, recorreremos a uma leitura da realidade e das experiências. Este estudo possibilita, então, um aprofundamento dos conhecimentos pedagógicos e teológicos acerca da temática do amor, do diálogo e da universalidade.

Para tanto, o trabalho está estruturado em quatro partes. O primeiro capítulo trata de uma leitura teológica da obra de Paulo Freire *Pedagogia do oprimido*, apresentando algumas categorias, elaboradas no seu pensamento pedagógico, como contribuição ao processo de humanização. Elencamos o processo histórico educacional, situando Paulo Freire como o agente transformador de uma pedagogia humana, trazendo presente as suas categorias relevantes e pertinentes: o diálogo, a liberdade e a conscientização, procurando relacionar

algumas influências e contribuições de seu ser e fazer pedagógicos nas reflexões educativas atuais.

O segundo capítulo é dedicado à leitura da passagem do Evangelho de Lucas 24,13-35, ou seja, à pedagogia do diálogo de Jesus no caminho de Emaús. O processo de educação começa com o chamado para seguir o Mestre, beber de sua sabedoria e fé, além de imbuir-se do Espírito que o anima. A pedagogia de Jesus é a pedagogia do encontro, do diálogo, motivado pela lógica do amor. É nesta lógica da fé que tentaremos refletir o que aconteceu entre o Mestre Jesus e os dois discípulos no Caminho de Emaús, por meio da reflexão, Emaús: Caminho de Discípulos, da Teologia do Caminho de Emaús, o Diálogo do Caminho, no qual Jesus revela e transmite as Escrituras, através de uma experiência da espiritualidade e do convite à partilha do pão e do reconhecimento.

O Mestre Jesus, em seu agir, em seu relacionar-se e em suas palavras, abre-nos o caminho e nos indica uma pedagogia necessária para um processo educativo e evangelizador realmente libertador.

O terceiro capítulo está focado no estudo e em uma reflexão sobre a educação transformadora como missão na educação scalabriniana. Uma educação vivida nos dias atuais, trazendo presente o legado de Dom João Batista Scalabrini que acreditava em uma educação da pessoa como um ser integral, não apenas, na transmissão de conhecimentos e preparação tecnológica, mas também, naquela que prepara a pessoa para a vida e forma o caráter. No decorrer deste capítulo, faremos um resgate dos seguintes assuntos: os aspectos históricos da Congregação – MSCS, da contextualização da educação scalabriniana, assim como dos princípios: a alteridade, a diversidade e o acolhimento. A marca do cristão é ser irmão. A educação, proposta pela filosofia scalabriniana, centra-se na criação do espaço para o diálogo, a convivência, a partilha, a fim de que as pessoas sejam acolhidas, valorizadas, participativas e colham ensinamentos para a vida. O ponto alto desta educação está em trabalhar, de maneira mais aprofundada, os valores, as características e as virtudes dos seres humanos. “Sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29).

Por fim, mostramos algumas considerações que iluminaram o objetivo do trabalho, ressaltando que um fazer diferente, com uma intencionalidade cristã nas práticas pedagógicas é possível, desde que se pense na prática, na transformação, constituindo, assim, um caminho, no qual desejamos mudar o nosso modo de ver, interpretar e de interagir as coisas. Desta forma, daremos a parcela de nossa contribuição, para mudar o mundo que nos rodeia ou, pelo

menos, fazê-lo melhor. Visualizamos que a educação é um processo de efetivação da humanidade em nós, e, por isto, é preciso entender a ação de educar como uma ação formadora, como campo de experimentação de nós mesmos e não, como uma ação instrutora.

Nas considerações finais, mostramos que é possível um fazer diferente nas práticas pedagógicas, que é possível unir as forças na soma das ciências, da razão com a fé em um trabalho de rede, somando e acolhendo as diferenças. É possível alimentar nossos sonhos e os sonhos de nossos alunos de um mundo melhor, de manter a esperança, de não brincar de “faz de conta” com Deus na vida. É possível vivenciar um Deus encarnado na história dentro de nossas escolas, de nossos grupos de jovens, em nossas igrejas. Não é impossível despertar na comunidade educativa a ideia de que a escola também é um lugar teológico de nossas ações e possível de construir um mundo de humanidade, de sentido e partilha. É impossível educar sem ter uma espiritualidade de transcendência. É possível perceber que Paulo Freire e João Batista Scalabrini fundamentam a sua pedagogia em uma pedagogia cristã, embebida nos princípios do Evangelho.

## 1 CONTEXTUALIZANDO A OBRA DE PAULO FREIRE NO MUNDO DA EDUCAÇÃO

Podemos dizer que a história da educação brasileira é um caminho marcado por um processo, no qual houve avanços e rupturas marcantes, e cada período determinado teve características próprias, frente a seu contexto político, econômico e social.

A educação, no período de 1549–1759, é exercida pelos jesuítas, que chegaram ao Brasil sob a liderança do Padre Manoel da Nóbrega. A primeira escola foi construída em Salvador, na Bahia. Dedicaram-se os jesuítas à pregação da fé católica e ao trabalho educativo. Porém, perceberam que, para fazer com que os índios adotassem aos moldes europeus, seria necessário que eles aprendessem a ler e a escrever na língua portuguesa.

O conteúdo do ensino dos jesuítas foi “caracterizado, sobretudo, por uma enérgica reação contra o pensamento crítico”.<sup>1</sup> Eles tinham um regime rigoroso, entretanto este é o início e a base da literatura brasileira. Os jesuítas trouxeram um método pedagógico, e as suas escolas seguiam, com coerência, um documento escrito pelo fundador da ordem, Inácio de Loyola a “Ratio Studiorum”.<sup>2</sup> Neste período, não só era transmitida a moral, os costumes, a religiosidade europeia, como também se usava um método próprio. Eles não se limitaram ao ensino das primeiras letras e, além do curso elementar, mantinham cursos de Letras e Filosofia, Teologia, assim como Ciências Sagradas.

Os jesuítas responsabilizaram-se pela educação dos filhos dos senhores de engenho, dos colonos, dos índios e dos escravos. A todos procuravam transformar em filhos da Companhia de Jesus e da Igreja, exercendo grande influência em todas as camadas da população.<sup>3</sup>

No ano de 1760, os jesuítas foram expulsos das colônias, em função de radicais diferenças de objetivos com os interesses da Corte. Enquanto os jesuítas preocupavam-se em defender o proselitismo, Pombal<sup>4</sup> visava a reerguer Portugal da decadência em que se

---

<sup>1</sup> ROMONELLI, Otaísa de Oliveira. *História da educação do Brasil*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

<sup>2</sup> PILETTI, Nelson. *História da educação do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 35. Segundo a *Ratio studiorum* – plano completo dos estudos mantidos pela Companhia de Jesus, além das aulas elementares nas quais os alunos aprendiam a ler e escrever, eram oferecidos três cursos: Cursos de Letras, Filosofia e Ciências, considerados de nível secundário, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior e destinados principalmente à formação de sacerdotes.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>4</sup> O nome do Marquês de Pombal era Sebastião José de Carvalho e Melo, mas todos o conheciam por este título, que lhe foi dado pelo rei D. José. Os jesuítas foram expulsos das colônias por Marquês Pombal, primeiro

encontrava diante de outras potências europeias da época. Além disso, Lisboa tinha passado por um grande terremoto e necessitava ser reerguida. Os jesuítas não apresentavam uma educação que convinha aos interesses comerciais, os seus objetivos eram os de servir aos interesses da fé, de acordo com os seus conceitos de crença. Pombal, por sua vez, pensava em organizar uma educação que servisse aos interesses do Estado, que não refletisse as questões humanas e sociais, estando ela afastada de qualquer tipo de participação da sociedade.

Em 1808, com a vinda da Família Real ao Brasil, houve uma nova ruptura. Para atender às necessidades da permanência dos Reis de Portugal no Brasil, D. João VI abriu Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real e o Jardim Botânico. O surgimento da imprensa permitiu que a história tivesse uma complexidade maior. Os fatos e as ideias eram divulgados e discutidos no meio da população letrada. Não deixa de ser uma grande preparação do terreno para as questões políticas do período seguinte da história do Brasil.

A educação, contudo, continuou a ter uma importância secundária. “A abertura dos portos, além do significado comercial de expressão, significou a permissão dada aos ‘brasileiros’ (madeireiros de pau-brasil) de tomar conhecimento de que existia, no mundo, um fenômeno da civilização e cultura”.<sup>5</sup>

No ano de 1821, D. João volta a Portugal, e, em 1822, o seu filho, D. Pedro I, proclamou a Independência do Brasil. Em 1824, publicou-se a primeira Constituição brasileira. O Art. 179 da *Lei Magna* dizia que a “instrução primária é gratuita para todos os cidadãos”. Em 1834, o Ato Adicional à Constituição dispõe que as províncias passariam a ser responsáveis pela administração do ensino primário e secundário. Com isso, surge, em 1835, a primeira Escola Normal do país. Certamente, acreditava-se que a sua fundação seria um ganho, porém, não houve resultados educacionais positivos. Conforme Piletti:

Com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil e com a Independência, a preocupação fundamental do governo, no que se refere à educação, passou a ser a formação das elites dirigentes do país. Ao invés de procurar montar um sistema nacional de ensino, integrado em todos os seus graus e modalidades, as autoridades preocuparam-se mais em criar algumas escolas superiores e em regulamentar as vias

---

ministro de Portugal de 1750 a 1777, em função de diferenças radicais de objetivos. Disponível em: <[www.pedagogiaemfoco.pro.br](http://www.pedagogiaemfoco.pro.br)>. Acesso em: 14 maio 2011.

<sup>5</sup> LIMA, O. Lauro. *Estórias da educação do Brasil: de Pombal a Passarinho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1969, p. 363.

de acesso a seus cursos, especialmente através do curso secundário e dos exames de ingresso aos estudos de nível superior.<sup>6</sup>

Até a Proclamação da República, em 1889, teoricamente, nada se fez de concreto pela educação brasileira. No período da Primeira República de 1889 a 1929, adotou-se o modelo político americano, baseado no sistema presidencialista. Percebe-se a influência da filosofia positivista na organização escolar. É um período no qual se colocou em questão o modelo educacional herdado do Império, que privilegiava a educação da elite – secundário e superior – em prejuízo da educação popular – primária e profissional. A educação elitista entrou em crise em outras dimensões da vida brasileira: política, econômica, cultural e social.<sup>7</sup>

A crise da educação elitista e as inúmeras discussões provocadas desembocaram na Revolução de 30, responsável por numerosas transformações que fizeram avançar o processo educacional brasileiro.<sup>8</sup> A Segunda República, no período de 1930 a 1936, foi o marco referencial para a entrada do Brasil no mundo capitalista de produção. A nova realidade brasileira passou a exigir uma mão de obra especializada e, para corresponder às novas exigências, era preciso investir na educação. Em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública.

Em 1937, foi outorgada uma nova Constituição,<sup>9</sup> a qual enfatizava maior preparação da mão de obra para o mercado, encaminhava um ensino pré-vocacional e profissional. Mantinha a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário, dispunha como obrigatoriedade o ensino de trabalhos manuais em todas as escolas normais, primárias e secundárias. Em 1942, um Decreto criou o Ensino Profissionalizante, o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). A Constituição de 1946, que restabeleceu o regime democrático no País, reintroduziu alguns princípios que haviam sido suprimidos pela Carta ditatorial de 1937. A Constituição Imperial brasileira de 1824 e a República de 1891 afirmavam o direito de todos à educação. Todavia, a ideia da educação como direito ganhou visibilidade no cenário brasileiro a partir da Constituição de 1934, que declarou, pela primeira vez, no seu art. 140, que: “a educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos”.

Em 1953, a educação passou a ser administrada por um Ministério próprio: o Ministério da Educação e Cultura, e, em 1961, iniciou-se uma campanha de alfabetização, cuja didática, criada por Paulo Freire, lança a proposta de alfabetizar os analfabetos em 40

---

<sup>6</sup> Cf. PILETTI, Nelson. *História da educação do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 41.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 87.

horas. Em 1962, foram criados o Conselho Federal de Educação, que substituiu o Conselho Nacional de Educação, o Plano Nacional de Educação e o Programa Nacional de Alfabetização pelo Ministério da Educação e Cultura, inspirado no *Método de Paulo Freire*.<sup>10</sup>

Paulo Freire viveu em uma época de grandes desafios e constantes mudanças na educação. Em 1964, um golpe militar derrubou todas as iniciativas de modificar a educação brasileira.

A partir de 1964, a educação brasileira, da mesma forma que os outros setores da vida nacional, passou a ser vítima do autoritarismo que se instalou no País. Reformas foram efetuadas em todos os níveis de ensino, impostas de cima para baixo, sem a participação dos maiores interessados, alunos, professores e outros setores da sociedade. Os resultados são o que vemos em todas as nossas escolas: elevados índices de repetência e evasão escolar, escolas com deficiência de recursos materiais e humanos, professores pessimamente remunerados e sem motivação para trabalhar, elevadas taxas de analfabetismo.<sup>11</sup>

Foi o período de caráter antidemocrático, com uma proposta ideológica de governo. Universidades foram invadidas; estudantes, calados; e a União Nacional dos Estudantes (UNE), proibida de funcionar. Muitos professores foram presos, demitidos, e o Decreto-Lei nº 477/69<sup>12</sup> calou a voz dos alunos e professores. Foi a época da criação do vestibular classificatório.

Para erradicar o analfabetismo, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, que fracassou. Acabou extinto, e, no seu lugar, criou-se a Fundação Educar.

É no período mais cruel da ditadura militar que Paulo Freire tinha o seu pensamento pedagógico contestado, pois qualquer manifestação que fosse contra os interesses do governo era abafada. A metodologia de ensino do momento não educava as pessoas para a vida social e, sim, para o mercado de trabalho. Os militares não queriam, de modo algum, desenvolver o senso crítico dos educandos, ao contrário, o senso de competição e individualidade. A educação era o espelho de uma sociedade capitalista.

---

<sup>10</sup> PILETTI, Nelson. *História da educação do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 106. Durante toda a década de 50, Paulo Freire vinha acumulando experiências no campo de alfabetização de adultos em áreas urbanas e rurais próximas de Recife, experimentando novos métodos, técnicas e processos de comunicação. A partir de 1961, o método, já praticamente estruturado, foi posto em prática no Recife. Em 1962, estendeu-se a João Pessoa (Paraíba) e a Natal (Rio Grande do Norte), onde se desenvolveu a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”. Mas a experiência que deu divulgação nacional ao novo método foi a realizada em Angicos, no Rio Grande do Norte, cujo encerramento contou com a presença do presidente da República. A ideia básica do Método de Paulo Freire é a adequação do processo educativo às características do meio.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 114.

<sup>12</sup> Decreto nº. 477/69, art. 1º. (*Ibidem*, p. 116).

Vale salientar a importância de se refletir sobre os fundamentos históricos da ditadura militar, bem como acerca das complexas relações que se estabeleceram com toda a sociedade, uma vez que se entende que a educação não ocorre apenas nas salas de aula ou nas escolas. Analisar as origens sobre as quais se estabeleceram as relações entre a educação e a sociedade bem como o papel desempenhado pela Igreja Católica nesse período é fundamental para a compreensão das relações que ainda hoje são dominantes.

Destaca-se que o método de Paulo Freire não é somente uma técnica, mas também está centrado em uma teoria do conhecimento, no modo como se realiza a aprendizagem – é, portanto, uma filosofia da educação. O seu método é fundamentado em uma visão antropológica, visão de mundo, de pessoa. A *Pedagogia do oprimido* surgiu, então, como resultado do florescimento dos movimentos populares nos meados da década de 60, quando Paulo Freire foi exilado, em virtude desse momento político. A sua tese teve forte influência sobre a Teologia da Libertação, ao mostrar o outro lado da história, o dos oprimidos.

Com o aparecimento de Paulo Freire no cenário educacional brasileiro, houve um outro olhar sobre o processo de educação. Este partia do pressuposto de que “todo mundo sabe”. Com a *Pedagogia do oprimido*, era preciso ouvir a voz de quem vai à escola e ensinar a partir da realidade dos oprimidos. Ele consolidou um dos paradigmas mais ricos da pedagogia contemporânea, rompendo radicalmente com a educação elitista e comprometendo-se verdadeiramente com homens e mulheres.

O objetivo principal de Paulo Freire, em seu método, é conscientizar as pessoas para a necessidade de recuperar a humanidade, resgatando e comprometendo-se com o processo histórico. “A metodologia que defendemos exige, por isso mesmo, que, no fluxo da investigação, se façam ambos sujeitos da mesma. Os investigadores e os homens do povo que, aparentemente, seriam seu sujeito”.<sup>13</sup>

Para o autor, é a humanidade que deverá assumir o papel de perceber quem são os oprimidos, e salienta também que todos têm a possibilidade de se tornarem sujeitos livres. Pensa em um método não individualista, entretanto que acontece em um ato coletivo, solidário e de amor.

---

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a, p. 141.

Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da idéia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber, o seu método e o material da fala dele.<sup>14</sup>

A seguir, fala-se acerca da vida de Paulo Freire.

## 1.1 QUEM FOI PAULO FREIRE?

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921. A sua família viveu a religiosidade com crenças diferenciadas, sendo o pai espírita, a mãe, católica, tendo extrema bondade, solidariedade, justiça e capacidade de amar. Como educador pernambucano, é reconhecido não só em âmbito nacional, como também, internacional, pela sua grande contribuição à reflexão sobre a pessoa e o seu compromisso com a sociedade brasileira. Paulo Freire deixa a sua marca na área da educação como alguém que pensa e age para e com a pessoa mais excluída da sociedade. O objetivo de seu pensamento pedagógico era conscientizar, para transformar a realidade. Concebe a educação como reflexão sobre a realidade existencial, articulando-a com as causas mais profundas dos acontecimentos vividos e procurando inserir sempre os fatos particulares na globalidade das ocorrências da situação.

Trabalhou, inicialmente, no Serviço Social da Indústria (SESI) e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Foi professor e criador de ideias e “métodos” educacionais. Sua filosofia relativa à educação foi exposta, primeiramente, em 1958, na sua tese de concurso para a Universidade do Recife e se expandiu, enquanto ocupava o cargo de professor de História e Filosofia da Educação naquela Universidade. As suas primeiras experiências em alfabetização em Angicos (Rio Grande do Norte), em 1963, foram precedidas por trabalhos feitos em Pernambuco e na Paraíba.

Foi preso e exilado, por sugerir uma visão de educação humanizadora. O seu primeiro destino foi a Bolívia, permanecendo poucos dias ali. Depois, foi para o Chile, onde viveu de 1964 a 1969, convivendo em condições sociais e políticas que favoreciam as suas ideias de um educador que desejava reformas.

Para apoiar o processo de mudança que se estabelecia com a eleição de Eduardo Frei, com o apoio da Frente da Ação Popular, o governo chileno procurava novos profissionais e técnicos, principalmente no setor agrário. Paulo Freire, então, foi convidado, para auxiliar no

---

<sup>14</sup> BRANDÃO, Rodrigues Carlos. *O que é o método de Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 21.

processo de formação desses novos técnicos em um momento histórico, em que “encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe reestudar o seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente”.<sup>15</sup>

Por não obter o respaldo e a simpatia da oposição da direita do Partido Democrata Cristão, referindo-se à sua *Pedagogia do oprimido*<sup>16</sup>, escrita nesse período, deixou o Chile. Foi para os Estados Unidos trabalhar em Harvard e, um ano depois, para Genebra como Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas. Assessorou diversos países da África, recém-libertada da colonização europeia, na implantação de seus sistemas de ensino. “Esses povos queriam e precisavam se libertar da ‘consciência hospedeira da opressão’, com o intuito de tornarem-se cidadãos de seus países e do mundo. Paulo Freire os assistiu nesta difícil tarefa”.<sup>17</sup>

Retornou ao Brasil depois de dezesseis anos de exílio, em 1980. Lecionou na Universidade de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde hoje existe a Cátedra Paulo Freire.

Sofrer o exílio é mais do que reconhecer sua realidade. É assumi-lo com toda a dor que isso significa somente como o exilado ou exilada se prepara para a volta. Sofrer o exílio é assumir o drama da ruptura que caracteriza a experiência de existir num contexto de empréstimo. Sofro meu exílio ao lidar melhor com as dificuldades provocadas pela impossibilidade de voltar à minha origem; ao resolver as contradições entre o presente que vivo num espaço em que não vivi o passado, e o futuro a ser construído num espaço incerto.<sup>18</sup>

Escreveu numerosas obras na área educacional e social, é cidadão honorário de várias cidades do Brasil e no exterior e recebeu título de Doutor *Honoris Causa*, outorgado por muitas universidades. Em 2 de maio de 1997, faleceu em São Paulo.

Durante as décadas de 60 e 70 do século passado, o Brasil, assim como muitos países da América Latina, passavam por momentos difíceis, pois era o momento da plena ditadura

<sup>15</sup> GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire – uma biografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília; UNESCO, 1996, p. 72.

<sup>16</sup> STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 310. Em 1962, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, centenas de agricultores se alfabetizaram em 45 dias. Era o início da luta para alfabetizar e conscientizar a gente pobre brasileira. Exilado no Chile, em 1968, elabora teoricamente essa experiência popular na *Pedagogia do oprimido*.

<sup>17</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 43. (Col. Leitura).

<sup>18</sup> FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 8. ed. São Paulo: Olho D’Água, 2006c, p. 51.

militar e todos os meios de comunicação e formas de expressão sofriam a censura dos órgãos do governo. Com a educação, não era diferente. A pedagogia conservadora que, através das suas práticas educacionais humilham o aluno, mostrando que a escola podia tudo, pregava uma pedagogia ingênua, reproduzindo, na escola, lugar de *status*.

Creio que Paulo Freire, no desenvolvimento da sua teoria da educação, conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do pedagogismo dos anos 60, que pretendia, pelo menos na América Latina, que a escola faria tudo, e, de outro lado, conseguiu superar o pessimismo dos anos 70, quando se dizia que a escola era puramente reprodutivista.<sup>19</sup>

Segundo Paulo Freire, o educador não é neutro, mesmo que não tenha clareza e conhecimento de sua prática pedagógica ou de sua opção política. Propôs, assim, uma nova concepção de relação pedagógica. Em sua metodologia, as didáticas utilizadas e os valores sobre o mundo são inseridos na sua opção política. Lutou por uma educação contra o mundo hostil e investiu em uma educação que auxiliasse o ser humano a reencantar-se com o mundo, com a vida, transformando-o e recriando-o.

Parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido, [...] implicando em todo o esforço de reflexão do homem sobre si mesmo e sobre o mundo em quem e com quem está, e o faz descobrir que o mundo é seu também e que, por seu trabalho, não é a pena que paga por ser homem, mas, um modo de amar e ajudar o mundo a ser melhor.<sup>20</sup>

As suas categorias, que renegam o pensamento capitalista, merecem ser estudadas, refletidas, eis que a formação de seres críticos, dialógicos, amorosos que se indignam com as injustiças que os oprimem e que lutam por seus deveres e direitos podem transformar a sociedade.

Paulo Freire e a sua pedagogia, baseada no diálogo entre professor e aluno que se apresentam como aprendizes, tenta superar o sentimento de pessimismo que marcou a década de 1970. A relação de igualdade entre professor e aluno, diz Paulo Freire, fez com que fosse dado ao professor o papel de quem também aprende ao ensinar. Há uma unidade dialética

---

<sup>19</sup> GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire – uma biografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília; UNESCO, 1996, p. 111.

<sup>20</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 112.

entre ensinar e aprender, e lembra Marx, em sua terceira tese sobre Feuerbach: “O educador também precisa ser educado”.<sup>21</sup>

Os aspectos sociais sempre estiveram presentes no pensamento do educador, já que via a educação como instrumento de poder, ou seja, um ato político. Propôs, assim, um novo método que privilegiasse uma nova qualidade de vida para todos e que possibilitasse uma mudança de vida do oprimido. Entendia a construção do conhecimento como uma troca. Nesta concepção, o educador que opta por uma educação libertadora não pode realizar, em sala de aula, uma prática autoritária.

Minha presença de professor que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola é uma presença em si política. Enquanto presença, não posso ser uma omissão, mas, um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser meu testemunho.<sup>22</sup>

O professor deve respeitar a leitura de mundo do educando, reconhecendo a historicidade do saber. Conforme Paulo Freire, algumas virtudes, como amorosidade<sup>23</sup>, respeito ao outro, humildade, identificação com a esperança, abertura às mudanças e justiça se identificam com esse seu posicionamento. Assinala o autor que “ensinar exige comprometimento”,<sup>24</sup> é um ato de coragem e audácia de criar possibilidades de autonomia para o ser humano.

## 1.2 CATEGORIAS RELEVANTES/PERTINENTES DE PAULO FREIRE

O processo educativo nasce de nossa inquietude e saudável angústia diante da fragilidade humana e do caráter provisório das realidades criadas. É um desejo de realizar algo que possa contribuir para uma nova forma de ver a sociedade.

<sup>21</sup> FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau – Registro de uma experiência em processo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 138.

<sup>22</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 119. Col. Leitura.

<sup>23</sup> Freire trabalha com a concretude da produção do sentido e do sentir amorosidade/amor, como uma potencialidade e uma capacidade humana que remetem a uma condição de finalidade existencial ético-cultural no mundo. Uma amorosidade partilhada que proporcione dignidade coletiva e *utópicas esperanças*, em que a vida é referência para viver com justiça neste mundo. (STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 37).

<sup>24</sup> FREIRE, *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*, p. 119.

Como seres sociais, culturais, cristãos e políticos, educandos e educadores, somos protagonistas das categorias extraídas do pensamento de Paulo Freire. Ao analisar essas categorias freireanas, considera-se que são instrumentos que podem levar o ser humano a uma situação de superação de suas condições opressoras e, portanto, a sua vocação ontológica de ser a pessoa mais livre. O diálogo,<sup>25</sup> a conscientização,<sup>26</sup> a liberdade<sup>27</sup> e o amor<sup>28</sup> são algumas categorias que norteiam o trabalho político-pedagógico deste educador que acredita serem estes a fonte e o caminho de sua ação pedagógica que pretende “revolucionar” uma prática pedagógica transformadora e democrática. Como assevera o autor, a educação é um ato político que reeduca todos os envolvidos e muito mais do que transmissão de conteúdos.

Esses elementos são condições da própria existência humana, como meios determinantes para promoção ao diálogo crítico, reflexivo, radical, real e a liberdade, como condição que sustenta e alimenta a prática que revoluciona e transforma a realidade, que constrói a base da existência humana. O mundo não é uma realidade a ser conhecida e contemplada, mas, a ser humanizada e, também, para a humanização do próprio ser humano.

### 1.3 DIÁLOGO: PALAVRA COMPARTILHADA

O ser humano é um ser comunicativo por natureza e precisa de intercâmbios sociais que estabeleçam um diálogo por meio de sinais naturais ou convencionais. Entendemos o diálogo como palavra compartilhada, viva, porque gera novas palavras. Trata-se de palavras reflexivas que discorram entre perguntas e respostas. O diálogo ensina o ser humano a buscar a verdade. É uma atitude de disponibilidade desinteressada que facilita a comunicação entre seres humanos.

<sup>25</sup> Cf. STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 117. A proposta de uma educação humanista-libertadora em Freire tem, no diálogo/dialogicidade, uma das categorias centrais de um projeto pedagógico crítico, mas, propositivo e esperançoso em relação ao futuro.

<sup>26</sup> Cf. *Ibidem*, p. 88. Conscientização é um conceito estruturante da concepção e prática da *educação libertadora*. Por ser esta uma centralidade da produção teórica de Paulo Freire, e muitos creditam a ele a criação do termo. Todavia, na obra *Conscientização: Teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, o autor atribui a origem do termo à equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e a difusão daquele, a D. Helder Câmara, por traduzi-lo para o inglês e o Francês.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 241. Liberdade é um conceito central na antropologia de Paulo Freire, em torno do qual ele constrói a sua teoria pedagógica. De acordo com o autor, o que diferencia o ser humano de outros animais é o fato de os **homens** serem seres de integração ao seu contexto, um ser situado cultural e historicamente, com capacidade criativa e crítica.

<sup>28</sup> Cf. STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 37. Paulo Freire trabalha com a concretude do sentido amorosidade/amor como uma potencialidade e uma capacidade humana que remete a uma condição de finalidade existencial ético-cultural no mundo com o mundo.

Na proposta da educação libertadora de Paulo Freire, o diálogo/dialogicidade é um princípio central de seu projeto crítico. Assim, elabora a fundamentação teórica e filosófica sobre as condições do diálogo verdadeiro e do seu papel para uma educação libertadora. O diálogo dá sustentabilidade à comunicação e é a instalação de uma forma de vida livre. Precisa-se falar e ser ouvido, ver e olhar, contemplar. Palavra e olhar são luz, visão e mundo. O diálogo é o encontro dos homens e mulheres, mediatizado pelo mundo, para pronunciá-lo, é uma relação que não se esgota no eu-tu.

Segundo Freire, não somente o trabalho é *práxis*<sup>29</sup> de transformação do mundo, mas também, junto a ele, o diálogo (palavra). “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas, na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.<sup>30</sup> Pode-se até dizer que a *práxis*, em Paulo Freire, a partir da relação entre trabalho e diálogo, assume a seguinte estrutura: ação/expressão-reflexão/expressão-ação/expressão. Admitir que o diálogo é parte integrante da natureza humana é entender que o ser humano não se faz na solidão, não é um indivíduo que vive isolado.

A Teoria da Ação Dialógica pressupõe dois momentos fundamentais: a denúncia da desumanização e o momento do anúncio do processo de humanização a ser construído dialogicamente. Para o autor, esses dois momentos estão intrinsecamente conectados e se expressam pela ação de pronunciar as palavras denunciadoras e anunciadoras:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas, de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo e o modificam. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.<sup>31</sup>

O diálogo, no pensamento de Paulo Freire, é uma necessidade existencial. É um princípio primordial na educação libertadora. Para que o diálogo aconteça, são necessários alguns elementos, entre eles o amor. “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a ‘pronuncia’ do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor, é, também,

<sup>29</sup> STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 325. *Práxis* pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão, levando a uma ação transformadora. Opõe-se às ideias de alienação e domesticação, gerando um processo de atuação consciente que conduza a um discurso sobre a realidade, para modificar esta mesma realidade.

<sup>30</sup> FREIRE, P. *Cartas à Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003, p. 78.

<sup>31</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005a, p. 90.

diálogo”.<sup>32</sup> Isso implica coragem e compromisso com a outra pessoa. Quem não considera a outra pessoa como um ser de valor, de dignidade, tampouco terá condições de se aproximar e dirigir-lhe a palavra e, menos ainda, de escutá-la.

Neste sentido, é possível afirmar que o diálogo, como se apresenta na filosofia de Paulo Freire, é um dos princípios fundamentais, para pensar e agir na construção de um mundo mais humano, com base em uma vida de respeito e solidariedade e que assuma o valor fundamental em uma prática educativa verdadeira, que possibilite pronunciar-se criticamente em relação ao mundo.

Paulo Freire enfatiza ainda que o diálogo é o elemento chave, no qual o ser humano é sujeito atuante. Estabelecendo-se por intermédio dele a conscientização e mantendo o diálogo em uma horizontalidade, leva-se à exigência da humildade na esperança da historicidade.

A fim de que um diálogo aconteça, é necessário considerar duas questões fundamentais: o reconhecimento entre as partes e a necessária indeterminação prévia dos resultados. Ambas também são necessárias à interatividade. A dificuldade da interação se dá pela falta de não nos reconhecermos ou dizermos algo sem sermos reconhecidos. Neste caso, o diálogo é apenas uma palavra dita sem sentido. Em uma primeira instância: “O diálogo supõe o reconhecimento entre as partes. Ou seja, a palavra da parte “A” deve ser reconhecida pela parte “B” e vice-versa. Nenhuma das partes tem autoridade exclusiva sobre o conteúdo do diálogo”.<sup>33</sup>

O diálogo é um caminho que conduz a um processo não planejado, ilimitado e infinito, sem prever o resultado. O diálogo é um despojar-se. Todavia, o ser humano sente necessidade de se comunicar e de comunicar. O diálogo revela-se como palavra eficaz, que retira a pessoa do anonimato e a coloca em uma situação de relação.

Visando a construir o sentido do diálogo em sua pedagogia, Paulo Freire teve, em Martin Buber, uma fonte de importante contribuição. O pensamento de Buber reflete entre o Eu e o Tu, como forma de compreender o próprio sentido ontológico e essencial da convivência interpessoal entre os seres humanos e de sua relação com Deus. Na relação Eu-Tu, é que os seres humanos se encontram e se realizam, os quais se situam no mundo com os outros e se introduzem na sua própria existência. Na filosofia dialógica de Martin Buber, a própria condição humana de existência é privada de presença, quando, na relação Eu-Tu,

---

<sup>32</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005a, p. 92.

<sup>33</sup> BALBINOT, Rodinei. *Educação & Espiritualidade*. Xanxerê: News Print Gráfica, 2010, p. 83.

ocorre uma relação de dominação, pois haverá, de um lado, o dominado, transformando-se em mero objeto, deixando de ser, portanto, presença.

O presente, não no sentido pontual que não designa senão o término, constituído em pensamento, no tempo ‘expirado’ ou aparência de uma parada nesta evolução, mas o instante atual e plenamente presente, dá-se somente quando existe presença, encontro, relação.<sup>34</sup>

Toda experiência se expressa mediante uma linguagem. A linguagem é uma aptidão, para inventar ou utilizar intencionalmente sinais, símbolos e metáforas, quase como uma matriz do comportamento do ser humano. Pela linguagem, as pessoas agrupam-se, constituem-se em nações ou territórios e criam o berço de relação de entendimento.

A pessoa humana se faz racional, porque pode falar. O modo, por excelência do pensamento, é o que procura na língua o meio supremo de compreensão de si e dos outros. Entretanto, educar, filosofando, e filosofar é ajudar a pessoa a olhar o rosto do outro, a interpretá-lo, desde a responsabilidade, a compaixão e a compreensão de uma biografia pessoal.

Freire ainda expressa algumas condições para o diálogo, como: o amor, a humildade e a fé<sup>35</sup> nos homens. “Um dado *a priori* do diálogo. [...] Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz em uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia”.<sup>36</sup>

O diálogo faz crescer as possibilidades pessoais. Trata-se, porém, de um diálogo ou uma conversação que é palavra compartilhada (com-versa, que é voltar-se para o outro); vivo, porque gera novas palavras; reflexivo e justificado, por dar conta e razão das coisas e das vivências. Todo o diálogo enriquece as diferenças do ser humano. Sendo assim, qualquer líder que assume o papel de mediador deverá levar em consideração a riqueza das diferenças: posições éticas, religiosas, políticas e culturais.

<sup>34</sup> BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001, p. 14.

<sup>35</sup> STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 179. A fé tem, para Paulo Freire, um sentido daquilo que condiciona o ser humano em última instância, na acepção que lhe é atribuída pelo teólogo Paul Tillich, e que, por isto, não precisa necessariamente se expressar em termos religiosos. A esperança, a utopia e a amorosidade que perpassam a sua obra são expressões dessa fé, abordadas nos dois aspectos: no que diz respeito à sua filiação religiosa e à sua postura diante do ser humano.

<sup>36</sup> FREIRE, P. *Cartas à Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003, p. 81.

A *Pedagogia do oprimido* apresentou, conseqüentemente, um princípio pedagógico novo, uma revolução para a educação, uma crítica à dominação e à exploração social e, ao mesmo tempo, uma teoria pedagógica libertadora, que pressupõe o diálogo com os outros e haja esperança que este mesmo diálogo crie a oportunidade de construção de um mundo, onde possamos viver com dignidade, em um processo de humanização. Por isto, refletir sobre o diálogo em Paulo Freire é acreditar em um mundo melhor e sonhar com ele, esperançoso na possibilidade de criar relações cada vez mais humanas. Este é um dos grandes desafios.

Se o diálogo é o encontro de quem solidariza o refletir e o agir [...] não pode reduzir-se a um processo, onde um sujeito deposita idéias em outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica entre sujeitos que não aspiram ao comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem buscar a verdade, mas como impor a sua.<sup>37</sup>

A interpretação e a compreensão do diálogo são não apenas uma riqueza para o ser humano, como também, um jogo perigoso. Viver é interpretar, e interpretar é recriar, o que não pode acontecer sem uma ruptura ou perda prévia do já sabido. O diálogo, em primeiro momento, seria uma ruptura de preconceitos ou de juízos (ideias e crenças) inservíveis, porque incompletos e, em um segundo, a construção de outras novas ideias, mais adequadas à realidade. A interpretação é para sempre lembrar que nenhuma palavra pode se transformar em imposição, dogma ou verdade completa, ou, para que o texto ou mesmo as pessoas não se transformem em ídolos. A interpretação é uma longa caminhada, que convida a renunciar à necessidade própria, às conclusões pessoais rápidas ou a se chegar a determinações definitivas. Toda leitura e toda palavra compreendem um diálogo com o texto ou com o autor, interlocutor.

São possibilidades de interpretação justa de leitura do mundo e não, do mesmo mundo. Nietzsche declarava que há uma multidão de olhos e, conseqüentemente, toda classe de verdades, e, portanto, não há nenhuma verdade. Por isto, o diálogo se impõe, ao mesmo tempo, como caminho de conhecimento e virtude, e esta é o equilíbrio do conhecimento, o patamar da humildade que deixa o outro valer-se contra mim mesmo, embora resista.

Paulo Freire considera a ideia de que o ser humano é um ser-no-mundo e que a sua existência social passa a ser reconhecida a partir do momento em que ele capta, pela sua consciência crítica, a própria realidade. Ele assume uma posição otimista da existencialidade

---

<sup>37</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005a, p. 93.

humana. De acordo com o autor, os seres humanos, pela sua existência, são seres-no-mundo e seres-com-o-mundo, por isto:

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo, não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas, como ele pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-ser nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo e pelo mundo.<sup>38</sup>

O diálogo só pode existir, quando todos puderem ‘pronunciar’ o mundo.<sup>39</sup> Paulo Freire sugere, desta forma, que o diálogo é o caminho necessário, para que os indivíduos possam refletir sobre a sua realidade, tal como a fazem e refazem. É o encontro existencial das pessoas para, em colaboração, transformar o mundo, sem que haja uma relação de conquista e domínio de uma sobre a outra. Neste sentido, defendia uma educação, que pudesse levar a educação brasileira a superar as suas atitudes ingênuas e a adquirir uma consciência crítica, que lhe permitisse novas atitudes, caracterizadas por situações existenciais, que estimulassem o debate desafiador. Neste sentido, esta é uma educação alicerçada na dialogicidade.

Na contramão dessa proposta, deixa bastante claro que não há diálogo entre os que buscam a afirmação da humanização e os que não querem a ‘pronúncia’ do mundo. A relação dialógica não é possível no mundo, caracterizado por esses antagonismos.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro e nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros ‘isto’, em quem não reconheço ‘outro eu’?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?

Como posso dialogar se parto de que ‘pronúncia’ do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros que jamais reconheço e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar, se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?<sup>40</sup>

<sup>38</sup> FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 12. ed. Prefácio de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 30.

<sup>39</sup> STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 333. Freire (1976) parte da ideia de que não há “pronúncia” do mundo sem consciente ação transformadora sobre ele. Trata-se de práxis, ação e reflexão concomitantes, atuando em um processo e, no mesmo sentido, crítico e libertador.

<sup>40</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005a, p. 30.

O grande desafio de sua proposta político-pedagógica é construirmos novos saberes a partir da situação dialógica que provoca a interação e a coerência para uma educação humanizadora. Portanto, os homens e as mulheres, enquanto seres de comunicação, são constituídos como sujeitos de relações essencialmente de diálogo e, desta forma, o próprio diálogo surge como uma condição existencial. O diálogo passa a ser, então, o caminho possível para a realização da pronúncia verdadeira, que vai contribuir para que os seres humanos adquiram a sua autenticidade e possam realizar a sua vocação ontológica.

Conforme Paulo Freire, o ser humano tem possibilidade de transcender e emergir com uma nova consciência e compromisso. Fé no ser humano, como esclarece em sua obra *Pedagogia do oprimido*: “Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens” [...] fé no seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar. “Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas, direito dos homens”.<sup>41</sup>

Neste sentido, um verdadeiro amor, uma verdadeira humildade e uma fé nos homens geram confiança entre eles. A confiança, diz Paulo Freire, vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na ‘pronúncia’ do mundo. A confiança é construída por atitudes de respeito, acolhida e humildade. Considera-se que o diálogo e a escuta ou visão devem partir de um “não saber”, como fonte de possibilidades e, como não, ápice de sabedoria. O diálogo, em si mesmo, é uma virtude educadora. O diálogo, com as diferenças no cotidiano pedagógico, abre possibilidades para a solidariedade, não apenas dos sujeitos entre si, como também, das culturas que se mostram carregadas de riquezas e também de fragilidades.

#### 1.4 A LIBERDADE HUMANIZA

Paulo Freire acredita que o ser humano é um universo inesgotável de possibilidades. Em um contexto marcado pela dominação, opressão e injustiça, os seres humanos se desumanizam, não encontrando condições históricas adequadas para a realização da sua vocação ontológica.<sup>42</sup> A sua educação, como prática da liberdade, opõe-se à prática da

<sup>41</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a, p. 118.

<sup>42</sup> STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 416. Este conceito é essencial para o desenvolvimento de todo o pensamento antropológico, filosófico e pedagógico de Paulo Freire, já que é, a partir da compreensão da nossa vocação ontológica, direcionada para o ser mais, que cada pessoa assume a condição de sujeito de sua própria história, a partir da qual podemos pensar o processo educativo e a possibilidade de humanização e libertação histórica. Existir, para o ser humano, é tarefa sem fim, processo permanente de construção de si. Nossa existência se destina a ser o que ainda não somos. Realizamo-nos na história e no tempo. Cada pessoa é um processo que não acaba nunca.

dominação e pauta-se em uma pedagogia em que o oprimido possa descobrir-se e conquistar-se, enquanto sujeito de sua própria história. Como seres humanos, fazemos história e, neste fazer história, vamos nos fazendo, visto que a nossa condição de seres inacabados e a nossa vocação, projetada para o ser mais, nos lançam na infinita tarefa e no compromisso de conquista de nossa existência humanizada, livres de todas as formas de opressão.

“[...] a educação, como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado no mundo, assim também, na negação do mundo, como uma realidade ausente nos homens”.<sup>43</sup>

A educação libertadora, proposta por Paulo Freire, é aquela que, inscrita na luta pela humanização, deve levar ao desvendamento da realidade desumanizadora. A conscientização acerca das estruturas da dominação tem como objetivo o engajamento profundo pela libertação, sonhando pela humanização, tanto dos opressores, como dos oprimidos, pois a desumanização atinge as duas realidades. Em suas primeiras palavras, na *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire afirma que este é um “trabalho para homens radicais” “O radical [é aquele que,] comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em ‘círculos de segurança’, nos quais aprisionam também a realidade”.<sup>44</sup> Sendo assim, o autor acredita em uma pedagogia que permita ao oprimido extrojetar, de dentro de si, o opressor, a fim de resgatar o seu ser-livre e plasmar uma história de liberdade para todos. Vê a educação como uma luta permanente a favor da humanização e contra as estruturas que proíbam e impeçam o ser humano de se realizar, enquanto sujeito.

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue; permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com as outras relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.<sup>45</sup>

Paulo Freire optou ainda por uma prática pedagógica ‘ética humanista prévia’: o amor ao ser humano oprimido contra a sua opressão e em favor da vida e liberdade. Com esta colocação, no prefácio de *Pedagogia da Esperança*, Leonardo Boff ainda afirma que: “Poucos, na história da educação, têm valorizado tanto ‘o saber de experiências feito’,

<sup>43</sup> FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b, p. 81.

<sup>44</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a, p. 28.

<sup>45</sup> FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 39.

elaborado pelos pobres e oprimidos, quanto Paulo Freire”.<sup>46</sup> É visível, em toda a sua obra, que era contra toda a desumanização, fazendo, então, um apelo pelo compromisso da liberdade desses seres. Apresenta-se sob um discurso de indignação, porém, sem deixar de sonhar com um mundo mais justo. A prática da dominação, que contraria a prática da liberdade na educação, mantém o educando em uma posição sempre ingênua, acomodando-o e alienando-o, com uma forma desumanizadora.

Desde o nascimento, o ser humano é envolvido na trama de reconhecimento. Como cidadão, recebe um nome, e os documentos comprovam que a pessoa existe e faz parte de uma estatística da sociedade. Quem não é identificado não é reconhecido. Enquanto cristão, também recebe os sinais sacramentais. Biblicamente, o ser humano é reconhecido como imagem e semelhança de Deus. Portanto, a pessoa tem necessidade de ser reconhecida. Todo o intercâmbio da palavra entre o eu e os outros ocorre através de uma perspectiva de proximidade, de confiança, pois torna reconhecido o eu e o outro, o qual passa a não ser mais um estranho.

Segundo Lévinas, o reconhecimento implica a fé no outro.

Eu o reconheço, ou seja, eu creio nele. Mas, se este reconhecimento fosse minha submissão a ele, esta submissão anularia minha dignidade, pela qual o reconhecimento tem valor. Daí que, para Lévinas, a palavra é relação entre liberdades que não se limitam nem se negam, mas se afirmam reciprocamente. [...] se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica ação e reflexão dos homens sobre o mundo, para transformá-lo.<sup>47</sup>

A educação libertadora, na visão de Paulo Freire, dá a ideia de construção de mulheres e homens novos, com o compromisso de realizar a vocação ontológica de cada ser humano em *ser mais*.<sup>48</sup> Propõe a educação na educação dialógica. Podemos dizer que pensar a liberdade e a humanização é buscar o seu contraditório: a opressão. A práxis da libertação é uma tarefa de superação, que mantém certa coerência radical na relação entre teoria e prática.

<sup>46</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

<sup>47</sup> EMMANUEL, Levinas. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 61.

<sup>48</sup> STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 369. A *vocação para a humanização*, segundo a proposta freiriana, é uma característica que se expressa na própria busca de ser mais, através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar pela afirmação/conquista de sua liberdade. Essa busca de ser mais e de humanização do mundo revela que a natureza humana é programada para ser mais, contudo não determinada por estruturas ou princípios inatos. A categoria de “ser mais” encontra-se situada na obra de Paulo Freire como um conceito-chave para a sua concepção de ser humano.

Essa verdadeira coerência é pertinente à práxis libertadora, exige uma postura madura do mestre, e o próprio Paulo Freire cobrava de si mesmo:

[...] A *Pedagogia do oprimido* é, para mim, um momento importante de minha vida de que ela, *Pedagogia*, expressa certo instante, exigindo, ao mesmo tempo, de mim, a coerência necessária com o nela dito.

Entre as responsabilidades que, para mim, o escrever me propõe, para não dizer impõe, há uma que sempre assumo. A de, já vivendo enquanto escrevo a coerência entre o escrevendo-se e o dito, o feito, o fazendo-se intensificar a necessidade desta coerência ao longo da existência. A coerência não é, porém, imobilizante. Posso, no processo de agir-pensar, falar-escrever, mudar de posição. Minha coerência assim, tão necessária quanto antes, se faz com novos parâmetros. O impossível para mim é a falta de coerência, mesmo reconhecendo a impossibilidade de uma coerência absoluta.<sup>49</sup>

Paulo Freire nos fala igualmente do seu modo de ser e agir, em sua sintonia profunda entre o dito e o feito. É a sua dialogicidade inserida que o leva à sua mais profunda motivação de descobrir os mecanismos de dominação para trabalhar e lutar pela liberdade dos que vivenciam a dor da indiferença, da exclusão e da opressão.

Na concepção de Freire, é impossível entender o fenômeno educativo sem compreender o ser humano e o seu ser no mundo. Somos o que a educação faz de nós. Somos seres educáveis, porque a nossa existência é marcada pela incompletude.

Nós, seres humanos, não só somos seres inacabados e incompletos como também temos consciência disso. Por isso, precisamos aprender com o outro. Aprender com, porque precisamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediatizados pelo mundo, pela realidade em que vivemos.<sup>50</sup>

É a própria experiência, profunda de descobrir a si mesmo no outro oprimido e excluído, que leva a pessoa não apenas compadecer-se de seu sofrimento, como ainda a lutar com ela pela libertação e dignidade. De acordo com Paulo Freire, ao tornarmo-nos indiferentes à opressão, somos cúmplices da ausência da solidariedade, da violência que mata os sonhos, que empurra os seres à margem da sociedade. Estamos negando o ato de amor pelo qual Deus deixa a sua própria condição, para permitir que o ser humano possa ser aqui: ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com o Criador, tendo o homem, na

---

<sup>49</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a., p. 34.

<sup>50</sup> GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 47.

transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua Fonte que o liberta<sup>51</sup>. A prática da educação libertadora não deixa de ser um mergulhar na Fonte do amor.

Todo o processo de transformação não se dá apenas pela razão, como também, pelo fascínio que exerce o testemunho daqueles que se colocam ao lado dos “profetas”, que assumem a libertação com suas próprias vidas. Para Sung, na medida em que não se pode puramente ensinar os valores fundamentais da vida, adquire importância “o testemunho de vida das pessoas que nos mostre que vale a pena apostar a nossa vida nesse sentido”.<sup>52</sup>

Extremamente importante aqui é a conscientização dos homens para essa realização de não ‘depósitos’ sobre a crença da liberdade. A liberdade, que é luta pela humanização, é a liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. Paulo Freire enriquece essa ideia com Erich Fromm:

[...] Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo, nem uma peça bem alimentada da máquina. Não basta que os homens não sejam escravos; se as condições sociais fomentam a existência de autômatos, o resultado não é o amor à vida, mas, o amor à morte.<sup>53</sup>

Quando dizemos que a educação é um ato político, significa dizer que, no quadro social, a educação não está separada das características da sociedade, pois ela é determinada por essas características, visto que nela está totalmente inserida. Podemos observar que, muitas vezes, a educação serve aos interesses de uma ou de outra classe social, logo a consciência de justiça e equidade deve ser o compromisso de todos os educadores. A educação deve ser criadora e antecipar o modelo de “sociedade que buscamos [na América Latina] na personalização das novas gerações, aprofundando a consciência de sua dignidade humana, favorecendo a sua livre autodeterminação e promovendo o seu senso comunitário<sup>54</sup>”. Na concepção educativa de Paulo Freire, a liberdade é o ponto central para a concretude de qualquer projeto que está a favor da vida.

[...] A libertação é o fim da educação. A finalidade da educação é libertar-se da realidade opressiva e da injustiça; tarefa permanente e infundável. [...] A educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não, como objetos.<sup>55</sup>

<sup>51</sup> GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 47.

<sup>52</sup> SUNG, Jung Mo. *Educar para reencantar a vida*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006, p. 150.

<sup>53</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2005a, p. 62.

<sup>54</sup> MEDELLIN., 4, II, n. 8.

<sup>55</sup> GADOTTI, Moacir (Org). *Paulo Freire – Uma biobibliográfica*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília; UNESCO, 1996, p. 80-81.

Com esse pensar, a *Pedagogia do oprimido* expressa uma metodologia e um lutar por uma educação libertadora, eis que educar não é um ato que se restringe a depositar, narrar, transferir ou de transmitir conhecimentos e valores aos educandos, como na educação bancária, em que o educando é mero ouvinte, não digere, não dialoga e não permite ousar de seus sonhos frente a história, mas, um ato humano, dinâmico, problematizador e libertador. O autor vê a história como possibilidade.<sup>56</sup> A história não é aquela que virá ‘porque fora dito que virá’, mas aquela em que o sujeito, consciente da própria incompletude, da própria inconclusão, busca, no caminho, a transformação do meio em que vive. “A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação, quando alcança a transformação da sociedade<sup>57</sup>”.

Na *Pedagogia do oprimido*, valoriza-se o educando como um sujeito de seu próprio conhecimento, considerando-o como um ser em potencial, isto é, aquele que é capaz, que sabe aonde quer chegar e, assim, poderá se tornar uma pessoa que tem consciência de sua ação no mundo. Então, a partir de si próprio, constrói a história e transforma o mundo.

Paulo Freire ainda explica que o educador é aquele que não só deposita palavras, que faz decorar regras, como também é aquele que, através dos conteúdos desenvolvidos, conduz o aluno a pensar “certo”. E pensar certo, para ele, é contextualizar o que lê na realidade, experienciada pelo ser humano, ou seja, estabelecer uma relação entre o que se lê e o que ocorre na realidade atual, partindo de sua história de vida, de sua cultura para o exercício significativo da cidadania.

Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar. É ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender.<sup>58</sup>

As pessoas que trabalham para a libertação estão engajadas, segundo Paulo Freire, em uma “práxis social [...] ajudando a libertar os seres humanos da opressão que os sufoca em sua realidade objetiva”. Ele acredita que “a educação verdadeiramente libertadora só pode ser

---

<sup>56</sup> STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 324. A possibilidade, na obra de Paulo Freire, está associada a uma atitude transformadora que o educador necessita ter frente a realidade observada. Na *Pedagogia da indignação* (2000), a possibilidade se apresenta, como: decisão, escola e intervenção na realidade. A possibilidade está "em desafiar os grupos populares, para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta" (FREIRE, 2000, p. 82).

<sup>57</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança – Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a., p. 100.

<sup>58</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2005a, p. 23.

posta em prática fora do sistema comum e, mesmo assim, com grande cautela, por aqueles que superam a sua ingenuidade e se comprometem com a libertação autêntica”.<sup>59</sup> A pessoa humana não ficará acomodada diante desse entendimento e dessa compreensão de ser livre. O aspecto político-pedagógico, característico do método de alfabetização, por exemplo, torna o ser humano capaz de buscar a liberdade. “É a educação como prática da liberdade”<sup>60</sup>.

### 1.5 A CONSCIENTIZAÇÃO COMO ESSÊNCIA DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Conscientização e alfabetização<sup>61</sup> são duas palavras-chave na pedagogia de Paulo Freire. O termo “conscientização” foi trazido por ele para o contexto dos grupos de alfabetização de jovens e adultos com os quais trabalhava na zona rural de Pernambuco. Mostrava que alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever ou reconhecer vocábulos ou palavras – é muito mais que isto. Alfabetizar-se é um processo em que “a vida como biologia passa a ser biografia”.<sup>62</sup> É aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história.

O autor destaca que a tarefa humana dos homens e das mulheres de cumprirem a sua vocação ontológica de “ser mais” pode partir do princípio de que os seres humanos, por um lado, “existem como seres mais além de si mesmos – como projetos – como seres que caminham para frente” e, por outro, como seres “seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica, também, é inacabada”.<sup>63</sup> Apresenta, assim, um ser humano que caminha para frente, inserido em uma história igualmente inacabada. Nesta perspectiva, Balbinot argumenta que:

O sentido da vocação ontológica – a partir desse prisma, adquire duas dimensões centrais: uma dimensão transcendental pelo que se percebe um aspecto intuitivo na obra freiriana – e uma dimensão histórica. Freire acredita que o ser humano carrega potencialidades além do que já é, mas isso acontece historicamente ao unir fé existencial e ação histórica.<sup>64</sup>

A união entre fé existencial e ação histórica indica que a pessoa não realiza nada sozinho, mas, no processo histórico, por ser uma pessoa inacabada. E isso induz as pessoas a se tornarem cada vez mais humanas. Esse processo requer uma ação transformadora sobre o

<sup>59</sup> FREIRE, Paulo. *Professora sim! Tia não! Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d’água, 1997, p. 102.

<sup>60</sup> FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 22.

<sup>61</sup> STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 31. *A alfabetização é um ato de conhecimento, de criação e não, de memorização mecânica*.

<sup>62</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2005a, p. 18.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 73-72.

<sup>64</sup> BALBINOT, Rodinei. *Ação pedagógica entre verticalismo pedagógico e práxis dialógica*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 115-116.

mundo, por meio de uma práxis compartilhada, que delineie uma nova história, na qual a superação da realidade, opressora por uma realidade de libertação, seja a existência histórica dos seres humanos. Uma educação que se ocupe com o desenvolvimento da consciência crítica das pessoas passa a ser uma ação cultural que liberta e não domestica, e isto possibilita o ser humano atuar em seu contexto, refletindo sobre ele e transformando-o.

Essa realidade sobre o seu contexto permite uma tomada de consciência de seu papel no mundo e, por isto, uma educação verdadeiramente libertadora não pode se limitar a uma prática educativa que não desvele criticamente a realidade. Não basta uma tomada de consciência, o que implica apenas uma percepção espontânea da realidade, caracterizada basicamente pelo senso comum. É necessário que essa tomada de consciência alcance um verdadeiro processo de conscientização, o que significa superar a percepção da realidade pelo senso comum por uma posição epistemológica de apreensão da realidade.

As relações da educação, como processo de conscientização com a educação como conquista da liberdade, constituem marcas constantes do discurso político-pedagógico de Paulo Freire, desde os seus primeiros escritos sobre conscientização e alfabetização na década 1950 e 1960. Porém, essas relações passam por mudanças significativas ao longo da construção do seu discurso. O conceito de “conscientização”, por exemplo, inicialmente pensado como um produto psico-pedagógico, progride para o entendimento da “consciência de classe”.

Na palavra “conscientização”, característica ligada ao “primeiro” pensar pedagógico de Freire, já se torna evidente o lugar central ocupado pelo conceito do termo:

Ao ouvir, pela primeira vez, a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade [...]. No nível espontâneo, o homem, ao aproximar-se da realidade, faz simplesmente a experiência da realidade na qual está e procura. Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência.<sup>65</sup>

No desenvolvimento crítico da consciência, a educação tem um papel central. O momento histórico (décadas de 1950 e 1960) exigia, conforme Paulo Freire, uma ampla conscientização das massas brasileiras através da educação, que as colocasse numa postura de

---

<sup>65</sup> FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 25.

auto-reflexão e reflexão sobre seu tempo e espaço. A meta seria conseguir um determinado grau de consciência que ensejasse a compreensão da necessidade do desenvolvimento nacional e da democracia liberal.

Neste momento brasileiro, Paulo Freire propunha que a alfabetização investisse na passagem da “consciência ingênua à consciência crítica”, num processo voltado para a “responsabilidade social e política, para a decisão”. Uma educação realmente libertadora provocará uma atitude crítica de reflexão, uma educação conscientizadora que busca a liberdade como construção da pessoa<sup>66</sup>. Segundo essas concepções, o processo educativo deveria propiciar a elevação de um nível de consciência para outro superior.

A sua metodologia de alfabetização foi usada em inúmeras campanhas de alfabetização conscientizadora, espalhada por todo o país.

Na verdade, Paulo Freire não tem sequer uma teoria pedagógica definida. Ele tem um afeto e a sua prática. Por isso, fica difícil teorizar a seu respeito, sem viver a prática que é o sentido desse afeto. Por isso, é fácil compreender o que ele tem falado e escrito, quando se parte da vivência da prática do compromisso que tem sido, mais do que sua teoria, a sua crença.<sup>67</sup>

O método de Paulo Freire conduz a uma reflexão distante da ideia de ser um conjunto de técnicas ligadas à aprendizagem da leitura e escrita. O método oportuniza ao alfabetizando ter consciência de seu próprio empenho e ser sujeito do seu ser e agir, sendo protagonista da sociedade excludente em que vive. Mudar a história significa mudar o estilo de vida dos seres humanos e as estruturas que o sustentam.

Não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda a possibilidade que tenha não apenas de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes [...]. É porque podemos transformar o mundo, que estamos como e com os outros. Não teríamos ultrapassado o nível da pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a possibilidade de, pensando a própria adaptação, nos servir dela para programar a transformação.<sup>68</sup>

O seu envolvimento era em prol dos que estavam à margem da sociedade e, com a intenção de incluir todo o povo brasileiro, tirá-lo da situação de submissão, da escravidão, da passividade e incluir todos os que ainda não tinham acesso à palavra escrita. Desta forma,

<sup>66</sup> FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b.

<sup>67</sup> BRANDÃO, Rodrigues Carlos. *O que é o método de Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 102.

<sup>68</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000, p. 17.

pensava em uma sociedade “onde não houvesse a exclusão ou a interdição da leitura do mundo aos segmentos desprivilegiados do mundo”. O autor queria, então, uma educação que desse a uma grande maioria de brasileiros “acesso a esse bem a eles negado secularmente: o ato de ler a palavra lendo o mundo”.<sup>69</sup>

O seu “método” inovou a concepção de ensino. Paulo Freire procurou enxergar a realidade do ensino a partir da realidade do mundo e, mais especificamente, a partir da realidade do aluno que, “pretendendo provocar uma profunda modificação no tipo de relacionamento do alfabetizado com a realidade, só se impõe se for estabelecido forte liame psicológico entre a atividade alfabetizante e as situações de vida do analfabeto”.<sup>70</sup>

O autor insiste que “é preciso fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo, provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação”.<sup>71</sup>

Defende o diálogo como veículo pedagógico principal da educação conscientizadora que busca a liberdade como alternativa de construção da pessoa, contra a massificação e a alienação e contra a sombra da alienação. Para o autor, “a educação é um ato de amor, por isto, de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade não pode fugir da discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.<sup>72</sup> Esta tomada de consciência pode ser, inclusive, ingênua, enquanto a conscientização, ao contrário, relaciona-se ao aprofundamento das leituras do mundo que o sujeito faz em sua ação consciente. “A conscientização visa a esta mudança de percepção dos fatos e se funda na compreensão crítica dos mesmos”.<sup>73</sup> A conscientização vai além da tomada de consciência em uma relação comprometedora, não de forma individual, mas, coletiva.

[...] ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. [...] As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência de mundo. [...] o mundo e a consciência juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história.<sup>74</sup>

<sup>69</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 40. (Col. Leitura).

<sup>70</sup> LIMA, Lauro de O. Paulo Freire: processo de aceleração de alfabetização de adultos. In: *Tecnologia, educação e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 175-176.

<sup>71</sup> FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 90.

<sup>72</sup> *Ibidem*, 1984a, p. 98.

<sup>73</sup> FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003, p. 235.

<sup>74</sup> FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 19.

A conscientização foi construída por Paulo Freire como o caminho para que o indivíduo superasse a sua alienação, através de um processo que o levasse a participar, comprometidamente, das circunstâncias apresentadas pela sociedade.

A relação da educação, como processo de conscientização, e a educação, como prática da liberdade, são constantes no discurso político-pedagógico de Paulo Freire, embora ocorram, em uma constante releitura do seu próprio discurso, sempre em movimento. Segundo o educador, só pode acontecer a conscientização em uma ação horizontal entre homens e mulheres em uma relação dialógica. Partia do pressuposto teórico de que o desenvolvimento da consciência levaria o povo ao exercício da democracia. Ele entendia como urgente superar a “concepção assistencialista da educação que anestesia os educandos e os deixa, por isso mesmo, acrílicos e ingênuos diante do mundo”.<sup>75</sup> Acreditava que o trabalho pedagógico propiciaria a elevação de um nível de consciência a outro.

Em uma perspectiva fenomenológica, segundo a qual a consciência se caracteriza pela intencionalidade, o método de conscientização corresponde à própria dinamicidade espontânea da consciência que, em situações históricas concretas de opressão, é negada.

A intencionalidade da consciência humana não morre na espessura de um envoltório sem reverso. Ela tem dimensão sempre maior do que os horizontes que a circundam. Perpassa além das coisas que alcança e, porque as sobrepasa, pode enfrentá-las como objetos. [...] Por isto, porque se projeta intencionalmente além do limite que tenta encerrá-la, pode a consciência desprender-se dele, libertar-se e objetivar, transubstanciando o meio físico em mundo humano.<sup>76</sup>

Ainda, “se a consciência se distancia do mundo e o objetiva, é porque a sua intencionalidade transcendental a faz reflexiva”.<sup>77</sup> Neste sentido, a reflexividade da consciência intencional possibilita a objetivação. Por isso, a consciência é capaz de crítica. Com esse entendimento, Paulo Freire pensou e praticou um método pedagógico que procurasse devolver nos seres humanos oprimidos a oportunidade de se re-descobrirem, por meio da retomada reflexiva do próprio processo em que eles vão se descobrindo, manifestando e configurando. Assim, é o método de alfabetização proposto por ele.

---

<sup>75</sup> FREIRE, Paulo. *Extensão e Comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 81. (Col. O mundo, hoje; v. 24).

<sup>76</sup> FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 13.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 14.

Segundo Paulo Freire, a alfabetização deve investir na passagem da “consciência ingênua à consciência crítica”, em um processo voltado à “responsabilidade social e política, para a decisão”. Uma educação realmente libertadora provocará uma atitude crítica de reflexão, e será esta uma educação conscientizadora que busque a liberdade como construção da pessoa.

Para o autor, o método de alfabetização de adultos é, ao mesmo tempo, um ato político e um ato de conhecimento, um ato criador. Não se reduz à atividade pedagógica de alfabetizar no simples ato de ir ‘enchendo’, com suas palavras, as cabeças supostamente ‘vazias’, mas que a palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designe apenas as coisas, transformando-as não só no pensamento, como também, na práxis.

A conscientização comporta um “ir além da (apreensão) fase espontânea da apreensão até chegar a uma fase crítica na qual a realidade se torna um objeto cognoscível”.<sup>78</sup> Um processo pedagógico em que o ser humano tenha a oportunidade de descobrir-se por meio da reflexão sobre a sua existência. A conscientização, conforme Paulo Freire, no processo de alfabetização, deveria ir além do aprender a ler. Ler o mundo, para poder transformá-lo, pensar criticamente, “pensar certo”. “Pensar certo significa procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos. Descobrir, por exemplo, que não é o ‘mau-olhado’ o que está fazendo Pedrinho triste, mas, a verminose”.<sup>79</sup>

O comprometimento implica não apenas a consciência da realidade, como ainda, o engajamento na luta para transformá-la. Requer o desenvolvimento da criticidade, aliada à curiosidade epistemológica. O educador deve criar condições para a construção do conhecimento pelos educandos, a partir da definição conjunta de conteúdos a serem trabalhados e o estabelecimento de um diálogo crítico e problematizador, buscando formar “pessoas críticas, de raciocínio rápido, com sentido de risco, curiosas, indagadoras”.<sup>80</sup>

A ação transformadora da realidade, como um exercício da criticidade em direção à práxis política, constitui-se, então, a partir de práticas educativas que despertem a curiosidade epistemológica dos educandos. Na educação, como um ato de conhecimento, é preciso que os:

---

<sup>78</sup> GADOTTI, Moacir. (Org.). *Paulo Freire, uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996, p. 117.

<sup>79</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 77.

<sup>80</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a, p. 105.

[...] os educandos descubram e sintam a alegria nela embutida que dela faz parte e que está sempre disposta a tornar todos quantos a ela se entreguem. A alegria, na escola [...], não é só necessária, mas também, possível. Necessária porque, gerando-se numa alegria maior – a alegria de viver – a alegria na escola fortalece e estimula a alegria de viver [...] significa mudá-la, significa lutar para incrementar, melhorar e aprofundar a mudança. [...] lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança no mundo.<sup>81</sup>

Segundo Paulo Freire, essa educação, como ato político, como ato de conhecimento e como ato criador, e conscientizadora não é apenas empregada para criar uma nova sociedade, mas também apresenta-se como uma proposta “politicamente mais humana, a de criar, com poder do saber do homem libertado, um homem novo, livre também de dentro para fora”.<sup>82</sup>

A proposta pedagógica de Paulo Freire é extremamente relevante para o educador comprometido em nossa época. O educador consciente sabe que tem parte da responsabilidade do processo e vai de encontro à desumanização, na qual se encontram milhares de pessoas, mergulhadas na “cultura do silêncio”. Em suas mãos, está igualmente a responsabilidade de ensinar. Esses educandos são aqueles que acreditam que é, por meio de uma educação libertadora, que a humanidade desenvolve a consciência de perceber as possibilidades que existem no mundo, através dos e nos quais eles podem se encontrar.

É preciso acreditar que a educação não é uma experiência sem alma, não são atos neutros. Como sugere Paulo Freire, os homens e as mulheres não são seres programados, mas têm potencial para aprender e, “portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir”, Assim é que ele entende a prática educativa, ou seja, “como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos.”<sup>83</sup> Por isso, educação é muito mais do que transmissão de conteúdos, de conhecimentos científicos, ela deve conduzir o ser humano ao diálogo, ao posicionamento e à atitude diante do outro e do mundo, que é diferente de mim.

Uma proposta educativa diferenciada encontra-se na pedagogia de Jesus, que alicerça o caminho dos seus seguidores, principalmente na pedagogia do Caminho de Emaús. É a partir da leitura de mundo real, que Paulo Freire sente-se motivado a pensar a educação humanizadora. Foi, no caminho de Emaús, que os dois discípulos retomaram à sua realidade verdadeira de ir ao rumo certo.

<sup>81</sup> SNYDERS, Georges. *Alunos felizes*. São Paulo: Paz e Terra, 1993, p. 9-10.

<sup>82</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 87.

<sup>83</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 164. (Col. Leitura).

Ser educador cristão hoje, portanto, exige um olhar para o Mestre Jesus e criar um novo perfil deste profissional. Enfatiza-se que os educandos chegam até nós não só com desejo de receber conhecimentos, como ainda de alimentar a sua sede de infinito. Podemos dizer que cultivar a sua espiritualidade na busca do transcendente é fundamental, para educar o ser humano em sua integralidade.

Propomos não apenas uma reflexão sobre o modelo de Mestre, mas também, como uma figura de discípulos, por intermédio do episódio do Evangelho de Lucas 24,13-35, que tem por fundamento a pedagogia de Jesus. A transformação acontece a partir do reconhecimento da vida, assim a educação transformadora se dá no momento em que se encontra sentido de viver. O discípulo vai aderindo ao projeto Mestre, mediante a sua experiência pessoal. Logo, Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos.

## 2 A PEDAGOGIA DE JESUS NO CAMINHO<sup>84</sup> DE EMAÚS<sup>85</sup>

A pedagogia de Jesus é a do encontro, motivado pela lógica do amor. É somente na lógica do amor que poderemos compreender a realidade do diálogo que aconteceu entre o Mestre Jesus e os dois discípulos no caminho de Emaús. Falar da pedagogia de Jesus é refletir e encarnar-se na sua pessoa, pois Jesus se dá a conhecer como: Caminho, Verdade, Vida (Cf. Jo 14,6). O caminho de Emaús é um dos mais belos relatos registrados pela Palavra de Deus, que apresenta Jesus como o Mestre por excelência. A história acontece em um momento especial na vida dos discípulos – momento pós-ressurreição. Podemos perguntar: Qual era a situação desses dois discípulos e o seu estado de ânimo? É claro que o momento mereceria uma atenção especial.

Observando os acontecimentos históricos, narrados pelo evangelista Lucas,<sup>86</sup> que descreve a paixão de Cristo, podemos imaginar a situação daqueles discípulos. Interessante notar que é exatamente, em meio às tragédias e aos desânimos da vida, que o Mestre se apresenta com uma nova proposta de ensino e orientação.

<sup>84</sup> DICIONÁRIO BÍBLICO. Disponível em: <www.bibliaonline.net>. Acesso em: 14 maio 2011. Caminho: Esta palavra aparece na Bíblia no sentido de via, de estrada (Gn 16,7 – Nm 14,25 – Mc 10,32). Muitas vezes, o termo “caminho” significa os simples hábitos de vida – “endireitai os vossos caminhos” – “todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra” (Gn 6,12 -19,31 – Jr 32,19). O “Caminho do Senhor” quer dizer o que Ele é em relação a nós: “os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos” (Is 55,8). Ir “pelo caminho de todos os da terra” (Js 23,14) significa estar para morrer, na sua viagem, para a sepultura. Caminho duro representa o caminho dos pecadores (Jz2,19). Jesus Cristo é chamado de o “Caminho” (Jo 14,6), pois que é por Ele somente que os crentes obtêm a comunicação com o Pai. Estas expressões “o Caminho”, “este Caminho”, são usadas no que diz respeito à crença e prática cristãs (At 9,2 – 19,9-23 – 22,4 – 24,14,22), talvez para contrastar com o sistema judaico de regras para a vida diária, denominadas “Halacote” ou “Caminhos”.

<sup>85</sup> Ibidem. Várias localidades da Palestina levam este nome. A mais famosa é a aldeia para a qual, no dia da ressurreição do Senhor, caminhavam os dois discípulos dos quais fala Lc 24,13-35, situada a uns 11 ou 12 Km de Jerusalém [atualmente El – Qubeibeh], ainda há aqueles que a identificam com /‘amwas, a 24 km.

<sup>86</sup> Ibidem. Lucas foi o companheiro de Paulo e o segundo, a quase unânime crença da antiga Igreja, que escreveu o Evangelho que é designado pelo seu nome e também os Atos dos Apóstolos. Ele é mencionado somente três vezes pelo seu nome no N.T. (Cl 4,14 – 2ª Tm 4,11 – Fm24). Pouco se sabe a respeito de sua vida. Têm alguns julgados, nos quais ele seria um dos setenta discípulos, mandados por Jesus evangelizar (Lc 10,1); outros pensam que foi um daqueles gregos que desejavam vê-lo (Jo 12,20) – e acredita-se também que Lucas é uma abreviação de Lucanos, o qual foi identificado como Lúcio de Cirene (At 13,1). Dois de seus pais da Igreja dizem que era sírio, natural de Antioquia. Na verdade, não parece ter sido de nascimento judaico (Cl 4,11). Era médico (Cl 4,14). Ele não foi testemunha ocular dos acontecimentos que narra no Evangelho (Lc 1,2), mesmo que isto não exclua a possibilidade de ter estado com os que seguiam Jesus Cristo. Todavia, muito se pode inferir do emprego do pronome da primeira pessoa na linguagem dos Atos. Parece que Lucas se juntou a Paulo em Trôade (At 16,10) e foi com ele até à Macedônia – depois, viajou com o mesmo Apóstolo até Filipos, onde tinha pessoas conhecidas, ficando, provavelmente, ali por certo tempo (At 17,1). Uns sete anos mais tarde, quando Paulo, dirigindo-se a Jerusalém, visitou Filipos, Lucas juntou-se novamente com ele (At 20,5). Se Lucas era aquele “irmão”, de que se fala em 2 Cor 8,18, o intervalo deveria ter sido preenchido com o ativo ministério. Lucas acompanhou Paulo a Jerusalém (At 21, 18) e, com ele, fez viagem para Roma (At 21,1) e, nesta cidade, esteve com o Apóstolo durante a sua primeira prisão (Cl 4,14 – Fm 24) o qual se achava-se aí também.

Temos, nesta história, uma significativa orientação didático-pedagógica sobre como educar sob uma perspectiva do diálogo com o Mestre dos mestres.

Os discípulos, no seu convívio com Jesus, foram assimilando, progressivamente, o jeito do Mestre, a sua filosofia, pedagogia, teologia e ética. Em Jesus, havia uma sensibilidade incomum. Ele era diferente, olhava e via de forma mais profunda, captava a raiz da situação em questão.<sup>87</sup>

A pedagogia de Jesus leva as pessoas a se encontrarem com a sua verdade mais profunda. A essência da pessoa está enraizada em Deus e d'Ele recebe a “seiva” da vida espiritual (cf. Jo 15,1-11). Por essa “seiva”, torna-se, portanto, canal de amor, de bondade, de ternura para com os irmãos. “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12). A pessoa é gerada para a vida-espiritual, no amor e para o amor. O ser humano é conduzido à comunhão, chamado a superar a mediocridade de uma vida baseada no desumano. A relação de Jesus com o outro não era como a dos demais, havia Nele uma transparência peculiar, o seu amor em forma de solidariedade, manifestada em sua práxis de justiça e compaixão. Ensina que as diferentes funções existem para a eficácia do amor mútuo e a consolidação das relações de fraternidade e igualdade.

O princípio pedagógico essencial de Jesus era o Amor. Na educação do ser humano, é impossível ser efetivo sem ser afetivo. Diz Esclarín que “nenhum método, nenhuma técnica, nenhum currículo, por avultado que seja, pode substituir o afeto na educação”.<sup>88</sup>

No caminho de Emaús, o Deus que Jesus revela é bem diferente do até então esperado (poderoso, libertador...). Ele é a questão central. Jesus deu forma humana à experiência que ele mesmo tinha do Pai.

O caminhar dos cristãos com Jesus e com os discípulos de Emaús leva-nos a aprofundar a espiritualidade e a missão cristã, alicerçada no diálogo. É preciso que a reflexão do texto de Lucas 24,13-35 nos faça penetrar nos desígnios de Jesus, para sermos seguidores, principalmente, quando nos encontramos tristes, desanimados na busca de uma educação que ajude o ser humano a seguir um caminho certo, sem desistir do compromisso humano e cristão. “As atuais narrações de vocação reladas por Marcos, embora padronizadas com finalidade exortativa ou paradigmática, esclarecem bem esta novidade: ser discípulo depende

---

<sup>87</sup> MEIER, Celito. *A educação à luz da pedagogia de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 46.

<sup>88</sup> PEREZ-ESCLARÍN, Antonio. *Educar para humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 141.

da iniciativa de Jesus (1,16-20; 2,13;3,13). O papel do discípulo é determinado pelo escopo da vocação: estar com Jesus, para compartilhar o seu destino e a sua missão (3,14)”<sup>89</sup>.

## 2.1 EMAÚS: CAMINHO DE DISCÍPULOS<sup>90</sup>

O relato da aparição de Jesus ressuscitado, do ponto de vista teológico, se dá no Caminho de Emaús, com dois discípulos em uma experiência de encontro e de diálogo com o Mestre ao longo do caminho. O episódio começa com o afastamento dos dois discípulos de Jerusalém que pertenciam ao grupo dos discípulos que o seguiam.

“Na verdade, estão fugindo. É caminho do medo, da insegurança, da frustração. O projeto daquele Galileu fracassou. Se Ele foi morto na cruz, que não poderá ocorrer com os seus seguidores. Cabisbaixos, amargam a derrota e a desilusão”<sup>91</sup>.

A proposta do Reino de Deus terminou em nada! Esta situação de fuga se repete nos dias de hoje em termos planetários. Famílias aos milhões são expulsas do campo. Trabalhadores dos países pobres se aventuram em direção aos centros da riqueza e do poder. Multidões, em êxodo, trilham pelas estradas do mundo. “Cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor.” (Mt 9,35). No Antigo Testamento, Javé é um Deus a caminho, o Deus da tenda e do cajado, do livro do Êxodo, o Deus do “amorreu errante”, como mostra o chamado credo histórico (Dt 26.5-10).

Neste percurso, os discípulos fizeram a experiência de uma passagem de fechamento para a abertura, do não-reconhecimento para o reconhecimento. Emaús era uma aldeia, cuja localização distava 66 estádios de Jerusalém<sup>92</sup>, ou seja, 11 km (Lc. 24.13). A profundidade da experiência faz com que os discípulos retornem pressurosamente à comunidade, mas não

<sup>89</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. *Os evangelhos*. I tradução e comentários. São Paulo: Loyola, 1990, p. 541.

<sup>90</sup> Ibidem. Discípulo é aquele que aprende com alguém ou o que segue os princípios de um Mestre, seja de Moisés (Jo 9,28), ou de João Batista (Mt 9,14), ou dos fariseus (Mt 22, 16), mas, de um modo preeminente, se dá a qualidade de discípulo. Ou, em geral, o termo é utilizado aos que seguiam Jesus Cristo (Mt 10,42), ou, de um modo restrito, aos Apóstolos Mt 10,1).

<sup>91</sup> BASSO, Neli; BROILO, Elda. *Polígrafo – Jesus Cristo se faz caminho na história, hoje*. Texto de Pe. Alfredo Gonçalves, cs. 2005, p. 5.

<sup>92</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Pastoral do Menor. *Mística da pastoral do menor*. “Seguir Jesus no compromisso com as crianças e adolescentes empobrecidos”. In: V ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL DO MENOR. 24-28 maio 2005, p. 24. (Livro: *A esperança dos pobres vive* – artigo de Frei Luiz Carlos Suzin). Jerusalém: a cidade santa e pecadora. Jerusalém era uma cidade de Jebuseus. Portanto, Davi não foi um fundador de cidade, pois ela já era uma realidade. Mas, trazendo para ela a Arca da aliança, Davi organizou-a e tornou-se a “sede da justiça.” O privilégio de Jerusalém está em sediar a Arca da aliança e se tornar, assim, a sede da justiça. É a aliança que a torna teologicamente relevante, polo do mundo, sacramento da bênção e das promessas, lugar da habitação de Deus, mesmo ainda antes da existência de um templo.

percebem o cansaço nem a distância. O evangelista Lucas lembra-se de que era necessário que Jesus sofresse para entrar na glória. Na crucificação, portanto, está o fundamento de toda esperança cristã e a garantia de que o ser humano é resgatado e transfigurado em filho, eternamente amado de Deus (Gl 4,4-7).

Mostrar o caminho para quem se dispõe a ser discípulo de Jesus é fazer a leitura e a releitura do Caminho de Emaús. Discípulo não é aquele que sabe, mas o que segue o Mestre, que quer e tem uma relação dialógica pessoal e demonstra, na vida concreta, o interesse pelo projeto do Mestre e pelo seu projeto de vida e de cristão.

Na educação, temos o educador e o educando e, acerca disto, Paulo Oliveira ensina que o:

Educador não nasce educador, quer dizer, já pronto, acabado. Embora seja chamado por Deus, a resposta ao chamado vai exigir preparação e aprendizado constantes. Jesus, depois de chamar os discípulos, preparou-os durante três anos. A formação permanente é uma consequência da própria fé: quem se sente chamado coloca-se a caminho, procurando sempre ser mais fiel a quem o chamou. A cada dia, renova sua resposta a Deus, empenhando-se mais e mais para realizar o seu propósito.<sup>93</sup>

Jesus teve discípulos desde o começo de sua missão e até nos dias de hoje. São aqueles que, com a teoria e a prática, conseguem dialogar com a realidade e transformar, conforme o projeto de Deus, com e para o ser humano. “O discípulo é um ser humano totalmente comprometido com Jesus e, com ele, empenhado no anúncio do Reino não só com palavras, mas também, com uma opção de vida”.<sup>94</sup> São os profetas que anunciam a verdade e denunciam as injustiças na área social, na Igreja, nas escolas e nas universidades e em outros recantos da sociedade. Para os seguidores de Jesus, o serviço, prestado por amor, não diminui a liberdade nem a dignidade. Jesus reúne o grupo que formou, servindo-o, lavando os pés deles. É atitude que liberta, servindo. “Eu lhes dei um exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz”. (Jo 13,16). A manifestação de Cristo aos discípulos na Galileia, acompanhada da missão, é material próprio de Mateus, porém corresponde à aparição em Jerusalém em João (Jo 20,19; Lc 24,35). Em Lc 24, Jo 20 e Mt 28,8-10, as aparições do Ressuscitado acontecem em Jerusalém e arredores.

Dom Helder Câmara dizia: “Gosto da solidão povoada. Habitada pelo Senhor e por todas as pessoas do mundo”.<sup>95</sup> Toda pessoa deve cultivar a sensibilidade e a paixão pela vida,

<sup>93</sup> OLIVEIRA E. Paulo. *Mestre que segue o Mestre. Uma espiritualidade do educador*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 54-55.

<sup>94</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. *Os evangelhos*. I tradução e comentários. São Paulo: Loyola, 1990, p. 541.

<sup>95</sup> CÂMARA, Helder. *II Vangelo com dom Helder*. (Tradução do Francês) 2. ed. Assis: Cittadella, 1988, p. 140.

para tornar-se capaz de ouvir a voz do Mestre de ontem e de hoje, que caminha com o seu povo e de progredir no discernimento para dar respostas corajosas e convictas aos sinais dos tempos, ao que hoje, é, verdadeiramente, libertador para uma autêntica humanidade.

João Batista Scalabrini, educador que encarnou essa postura profética e de peregrino nos caminhos de uma sociedade em mobilidade, sinalizando e antecipando horizontalmente maior vida para os que foram excluídos de sua pátria ao longo da história, assim se expressa:

Aos Mestres,... educadores da juventude, que apreçamos de modo singular, uma palavra para vós. O problema do futuro está nas vossas mãos. Muitos se perguntam se as coisas, no final serão melhores, mas não sabem o que responder. Sim, respondemos nós, sem medo de errar; serão melhores, se os vossos esforços forem dignos da nobre missão a vós confiada, se colocardes todo esforço, para que o mesmo ensino seja sadio e plenamente conforme a fé católica, tanto nas letras, como nas ciências. Assim formareis ótimos cidadãos. A religião e a sociedade, o céu e a terra, os homens Deus esperam silenciosos a vossa obra, a hora suprema, o êxito decisivo.<sup>96</sup>

Jesus agia de acordo com uma realidade atual e pessoal em sua missão. Foi motivação, caminho, luz para Paulo Freire como educador, para que ele buscasse, no horizonte da fé, manter diálogo com o mundo, com os homens e Deus, em uma perspectiva de libertação. Daí um educação que colabore para que as pessoas se insiram na história não pode ser uma “educação para a dominação”, mas uma educação como “prática da liberdade, um educação do homem-sujeito” e não objeto”.<sup>97</sup>

Paulo Freire se dirige ao setor da educação e percebe a dificuldade de as pessoas falarem e se manifestarem sobre os entraves da vida. Como educador, ele foi trilhando o caminho com e para a educação que sustentava a esperança.

A relação mestre-discípulo poderá ocorrer em certa passagem de diálogo, na qual podem existir, diante de normas, instituições, grupos, desde que não sejam postas como opressão. Jesus tinha a sua proposta evangélica de vida e não, apenas de ensino. Moacir Gadotte reflete sobre esta visão, dizendo que:

Mestre não é, necessariamente, um superior hierárquico. Muitas vezes, o inferior pode tornar-se mestre de seu superior, enquanto é exemplo de êxito em sua afirmação. Um Gandhi, um Sócrates, atesta esta verdade fundamental: existe, na verdade, uma hierarquia em nada semelhante à hierarquia baseada no sangue ou na riqueza, no poder, na tradição ou na competência.<sup>98</sup>

<sup>96</sup> SCALABRINI, Carta pastoral pela Santa Quaresma de 1879.

<sup>97</sup> FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 44.

<sup>98</sup> GADOTTI, Moacir. *Comunicação docente*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 59.

O essencial testemunho do mestre não diz respeito a um saber ou a um saber-fazer, mas, sim, do saber-ser mestre. É pelo seu testemunho, pela sua maneira de vida, que impulsiona o outro ao sentido de viver e de existir.

O ato pedagógico não se dá como um fato isolado. A educação procura ser um espaço gerador de vida, pois não trabalha em gavetas, mas, na integralidade do ser humano. A proposta de Jesus não é vivida em bloco, porém é caminho, processo. O fazer de Jesus seguia o ser, isto é, Jesus fazia o que dizia, o que ensinava. Na educação, o que faz e o que diz indicam que educação não é ensinar algumas ideias como alguém que sabe tudo. A vida também é um caminho, e ninguém aprende tudo de uma vez só, exige-se, por conseguinte, um contínuo cultivo pessoal, social e espiritual. É um processo em que o ser humano vai se fortalecendo na direção que quer dar à sua vida, com os objetivos de prosseguir no seu caminho de amadurecimento e mais vida.

Na proposta de Jesus, considera-se a vida humana como valor essencial que contraria a visão econômica do capitalismo neoliberal, que enfatiza o maior lucro e o maior consumo. Jesus quer que os discípulos entendam que a centralidade da vida está em alimentar-se do amor do Pai e não, nos meios humanos de sobrevivência.

Explica Pius Sidegum que “a preocupação, centrada nas coisas terrenas, eclipsa a visão cristã do sentido último da vida, por obstruir a relação filial ao Pai. Viver a gratuidade e a pertença filial pressupõe corações livres e desapegados”.<sup>99</sup> Conforme Giuseppe Barbaglio:

Não se pode separar o ensinamento da pessoa do Mestre. Aceitar sua palavra quer dizer aderir a ele. Em última análise, trata-se de tornar-se seus discípulos. É esta a resposta adequada do homem à vinda do Reino: *Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres a soma arrecadada e terás um tesouro no céu; depois vem e segue (Mt 19,21)*. Tanto mais que Jesus confirma seu ensinamento com a força do seu exemplo. O querer do Pai guiou, constantemente, as suas escolhas.<sup>100</sup>

O mestre, o educador, assume um caráter quase sacramental, na medida em que ele, com a sua presença, significativa e motivadora, atinge o coração do discípulo, desperta um olhar atento para a verdade pessoal. Sendo assim, o ensino, no coletivo, está associado à verdadeira pedagogia, que é um caso individual, um processo de pessoa a pessoa. Muitas vezes, as técnicas conduzem a uma grande presença, porém as Palavras: “Às vezes, não muito

<sup>99</sup> SIDEGUM, Pius. *Jesus o Semeador: exercícios espirituais*. São Leopoldo: Gráfica Portão, 2011, p. 31.

<sup>100</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. *Os evangelhos*. I tradução e comentários. São Paulo: Loyola, 1990, p. 55.

pretensiosas, são as que conseguem o fruto do amadurecimento, de um despertar no discípulo. Isto acontece porque o outro é sempre um mistério”.<sup>101</sup>

A relação só se torna verdade, quando há uma relação com a consciência, e a voz que dialoga torna educadora. Em consequência,

O fundamento de uma pedagogia verdadeira deve ser deslocado da esfera técnica para a esfera do diálogo, no qual duas personalidades se defrontam, apesar das instituições ou por meio delas, apesar do ensino ou por meio dele. Para além do diálogo puramente técnico, ou como técnica de atrair o outro para a própria esfera de influência, existe o diálogo aberto e imbuído de uma personalidade igualmente ampla e comum aos dois participantes: a verdade, a relação entre mestre e discípulo só se torna realmente diálogo, quando existir esta inovação de verdade.<sup>102</sup>

Fundamentalmente, o diálogo se configura na própria comunidade humana, eis que é um diálogo de existências. Necessita assumir os desafios de uma época histórica, impostos por uma sociedade. A educação vive a experiência de acerto e desacerto, entretanto está em busca do caminho, no qual o ser humano possa encontrar o sentido da vida em sua história.

Jesus viveu em um contexto, com uma história política, social, cultural e religiosa semelhante a nossa. Dominada pelos romanos, a Palestina do tempo de Jesus Cristo sofria com a ocupação de um povo que se considerava superior. As negociações dos romanos, ocupantes do Poder Político local, colaboravam com o domínio do primeiro sobre o povo judeu, mantendo uma situação, em que uma minoria estrangeira dominava a grande massa da população que trabalhava para a perpetuação dos privilégios daqueles. No entanto, Jesus, este homem simples, nasceu e viveu no meio desse povo marginalizado e explorado.

O evangelista Lucas, no relato dos discípulos de Emaús lembra que era necessário que Jesus sofresse para entrar na glória. Que conhecesse todo abandono, ódio e crueldade que a pessoa pode sofrer: a má fé, a perseguição, o interrogatório humilhante, as torturas e até a morte atroz na cruz. Essa realidade continua interpelando e desafiando a vida e as ações de todo cristão, que se propõe seguir e assumir a proposta do Mestre Jesus Cristo.<sup>103</sup>

Um dos desafios do caminho de Emaús é conduzir o ser humano a uma profunda experiência do mistério de Cristo, através da sua experiência na relação do diálogo com o

<sup>101</sup> GADOTTI, Moacir. *Comunicação docente*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 61.

<sup>102</sup> Ibidem, p. 65-66.

<sup>103</sup> SIDEGUM, Pius. *Jesus o Semeador: exercícios espirituais*. São Leopoldo: Gráfica Portão, 2011, p. 128.

outro. O diálogo com o Mestre do caminho<sup>104</sup> de Emaús leva o ser humano a fazer a sua experiência pessoal de ser discípulo, de ser amado, orientado e guiado por uma educação a serviço da vida. Perguntemo-nos até que ponto somos verdadeiramente “companheiros de caminho” de Jesus. Barreiro enfatiza que:

Para ser discípulos e seguidores de Jesus, para anunciar o Evangelho, percorrendo todos os caminhos até os confins da terra, precisamos, como pressuposto e condição imprescindível, fazer, como a fizeram os discípulos de Emaús, a experiência de caminhar longamente com Jesus, de ser companheiro de Jesus, de fazer parte da companhia de Jesus. Os caminhos que levam ao encontro com Jesus podem ser os mais diversos e mais longos, mas a experiência do encontro pessoal com ele é imprescindível para conhecê-lo. É essa experiência que, em última instância, muda nosso modo de pensar, de sentir e de agir; é essa experiência que nos converte em seus discípulos e seguidores.<sup>105</sup>

O discípulo que caminha com o mestre, que vive e se relaciona com ele e que dialoga faz a verdadeira experiência da existência humana. Segundo Giuseppe Barbaglio,

As condições para ser discípulo: a plena liberdade em relação ao passado, aos vínculos e ligações de parentescos (3,31-35) e à propriedade; à pobreza como disponibilidade à missão (cf. 6,8-11; 10,23-30). Uma disponibilidade que chega arriscar a própria vida no seguimento de Jesus, que vai rumo a um fim violento. Sob a ocupação romana, o discípulo expõe-se à morte de cruz, visto que se empenha num movimento messiânico (cf. 8,34).<sup>106</sup>

A narrativa dos discípulos de Emaús ilumina a importância de uma educação que se fundamenta na fé, nos valores cristãos e no comprometimento de estar sempre dialogando com o outro em uma atitude de acolhida ao diferente. Sendo assim, a ação tem a possibilidade de transformar a realidade oprimida. A realidade é o lugar de decisão, de encontrar o verdadeiro sentido da história e da vida humana.

<sup>104</sup> BARREIRO, Alvaro, sj. *O itinerário da fé pascal. A experiência dos discípulos de Emaús e a nossa*. (Lc 24,13-35). 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 37. Lucas gosta de apresentar Jesus a caminho. O verbo “caminhar” é usado 150 vezes no Novo Testamento, das quais 88, mais da metade, nos escritos lucanos. Toda a segunda parte do Terceiro Evangelho é uma longa subida para Jerusalém. No relato dos discípulos de Emaús, os termos “caminhar” e “caminho” aparecem no início, no meio e **no fim da narrativa** (vv. 13, 15, 17, 28, 32 e 35).

<sup>105</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>106</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. *Os evangelhos*. I tradução e comentários. São Paulo: Loyola, 1990, p. 541-542.

É neste vasto horizonte que os educadores cristãos são chamados a contribuir com a missão evangelizadora da Igreja. “A Igreja exerce a sua missão, adaptando os meios às novas condições dos tempos e às novas necessidades do gênero humano”.<sup>107</sup>

O caminho não está pronto. Ele se refaz e se molda à medida que o ser humano vai descobrindo novas perguntas, novos desafios, novos argumentos, para responder às propostas que a vida oportuniza. O caminho de Emaús, o caminho do ser humano, é uma jornada individual, porém leva à dimensão da vida comunitária. A caminhada do discípulo é um processo, não, algo acabado, mas, um contínuo amadurecimento.

“Ser discípulo é um dom destinado a crescer”. O acontecimento de Jesus Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo, que surge na história e a quem chamamos discípulos.<sup>108</sup>

No caminho de Emaús, Jesus foi um conhecedor especial da realidade de seu povo. Passou a maior parte de sua vida discernindo a sua Missão, a partir da vontade do Pai e desta realidade. O projeto de vida do Mestre era essencialmente a compaixão. Ele deixa transparecer que o conhecimento e a indignação com a realidade o ajudaram em seu discernimento. Jesus partia da realidade das pessoas e as levava à transformação da mesma, através da conversão pessoal, não, da massa, porém, daquele que aderiu ao seu projeto, propondo-se a assumir uma vida nova. Não basta dizer que o Mestre Jesus é Senhor, que é Caminho, Verdade e Vida. Se faz necessário descobrir e fazer a experiência de discípulo que quer segui-lo.

## 2.2 O TEXTO E O CONTEXTO

Para fazer uma caminhada que espelha as duas etapas do itinerário que acontece, através de um profundo diálogo entre o Mestre Jesus e os seus discípulos, precisamos nos dispor a percorrer o indicativo que melhor nos mostre a realidade que é: o caminho de Jerusalém a Emaús, com símbolos que expressem desesperança, e o caminho de Emaús a Jerusalém, com símbolos de vida e esperança, visando a mostrar a experiência transformadora vivida no caminho. O caminho é uma metodologia dialógica entre a teoria e a práxis. Na passagem, conhecida como *Os Discípulos de Emaús*, Jesus se mostra um educador compreensivo, fraterno que encarna a realidade de seus discípulos.

---

<sup>107</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo <Gaudium et Spes>*.

<sup>108</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA, n. 243, 2007.

O texto, transcrito na íntegra, utilizado como referencial na reflexão que vai sendo construída, encontra-se no Evangelho de Lucas 24,13-35. Lucas, evangelista do primeiro século da Era Cristã, utiliza fontes para narrar o seu evangelho, a história de Jesus e dos seus discípulos, a partir da compreensão que possuía como pessoa, que vivenciou os primeiros momentos da Igreja Cristã, na condição de médico, que tinha a sensibilidade de ver a vida de forma diferente dos demais historiadores e evangelistas.

A partir da presença e do diálogo de Jesus e da pedagogia revelada por sua ação, buscamos encontrar, em fontes seguras, o norte para uma significativa práxis pedagógica.

Nesse mesmo dia, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos e não o reconheceram. Então, Jesus perguntou: ‘O que é que vocês andam conversando pelo caminho?’ Eles pararam, com os rostos tristes. Um deles, chamado Cléofas, disse: ‘Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias?’ Jesus perguntou: ‘O que foi?’ Os discípulos responderam: ‘O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras diante de Deus e de todo o povo. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo e não encontraram o corpo de Jesus. Então, voltaram, dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus estava vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus’.

Então, Jesus disse a eles: ‘Como vocês costumam para entender e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram. Será que o Messias não deveria sofrer tudo isso para entrar na sua glória?’ Então, começando por Moisés e continuando por todos os profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele.

Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: ‘Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando’. Então, Jesus entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso, os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles.

Então, um disse ao outro: ‘Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?’. Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: ‘Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão! Então, os dois contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinha reconhecido Jesus quando ele partiu o pão (Evangelho de Lucas 24,13-35).<sup>109</sup>

Para os discípulos, tudo parecia terminado, mas o propósito de Jesus não. Enquanto lamentavam o passado, Jesus Cristo inaugura um futuro glorioso. Sendo o terceiro dia, a

<sup>109</sup> BÍBLIA JERUSALÉM. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2008, p. 1833.

ressurreição era uma realidade. O plano do Mestre era que eles permanecessem em Jerusalém, mas, estavam indo para Emaús, segundo a vontade própria.

Naquele momento, Jesus manifestou o seu amor e a sua infinita misericórdia, ao surgir no meio da estrada e caminhar com eles. A sua chegada não foi para repreendê-los asperamente, mas foi para eles voltar e dar-se conta de que o seu projeto era outro. a todo custo. Jesus demonstrou mansidão e compreensão com os discípulos naquele momento em que a fraqueza os dominava. O Mestre aparece como uma nova luz de esperança no horizonte dos discípulos e hoje, com certeza, reacende a esperança no horizonte de toda a humanidade que caminha e busca, na pedagogia do Mestre, o ensinamento do amor.

Diante do contexto vivido, Paulo Freire resolveu não mais recuar, não mais calar, porque o povo estava vivendo dentro de um contexto sem voz e sem vez. A prática do silêncio, muitas vezes, é caminho de favorecimento da ação do opressor, para que, nos caminhos da vida dos oprimidos, não haja esperanças para ele.

O novo surge com a prática do diálogo. “Sem ele, não há comunicação e, sem esta, não há verdadeira educação”<sup>110</sup>.

Com certeza, ele aprendeu a viver com um profundo amor pela causa que o motivou e a lutar por uma educação verdadeira, transparente, que condiz com a vida humana. “Finalmente, não há diálogo verdadeiro, se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro”.<sup>111</sup>

Os discípulos de hoje passam por situações parecidas com as dos discípulos de Emaús. Quando parece que a fé falha e que a vida não tem mais sentido, nem se tem mais convicção daquilo que era algo empolgante, surge, então, uma luz que faz vislumbrar novos horizontes. As decepções fazem tomar caminhos e trilhar na contramão, ou as decisões tomadas são as que indicam caminhos distantes do projeto de Deus. Contudo, seguir Jesus hoje, nesta sociedade desafiadora, é assumir com Ele a mesma luta em defesa da vida, participar e comungar do mesmo projeto, para também ressurgir com ele na manhã de uma vida mais plena de felicidade. Como os discípulos de Emaús, o ser humano se encontra, no geral, em meio às situações sombrias. Parece que Deus nos abandona ou quer o sofrimento. Porém, ele é o Deus da vida e quer que todos tenham vida e vida em abundância (Cf. Jo 10,10).

---

<sup>110</sup> FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b, p. 119.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 118.

Jesus anuncia o Reino a todos! Não exclui ninguém. Mas o anuncia a partir dos excluídos. Sua opção é clara, seu apelo também: não é possível ser amigo de Jesus e continuar apoiando um sistema que marginaliza tanta gente. E aos que querem segui-lo, Ele manda escolher: “Ou a Deus, ou ao dinheiro! Servir aos dois não dá” (Mt 6,24) E acrescentou: “Vai, vende tudo que tens, dá aos pobres. Depois, vem e segue-me” (Mt 19,21).<sup>112</sup>

O diálogo, provocado por Jesus, parte de uma tomada de consciência despertada nos dois discípulos. Mesmo depois de tê-lo acompanhado e participado da vida com o Mestre, ainda não estavam conscientizados acerca disto, pois o aprendizado não tinha atingido totalmente o auge do saber. No coração dos discípulos, havia um grande vazio e queriam entender a profunda tristeza que, no momento, sentiam pela perda do grande Mestre Jesus.

A experiência da morte de Jesus tinha sido tão dolorosa que eles perderam o sentido de viver em comunidade e abandonaram o grupo de discípulos. De certo modo, sentiram-se impotentes diante do poder que eliminou a vida de Jesus. Tudo parecia ter findado, até mesmo as esperanças em suas profecias. O desaparecimento físico do Mestre parecia ser também o dos seus ensinamentos. A frustração era tão grande que nem reconheceram Jesus, quando este se aproximou e passou a caminhar com eles. Mas Jesus não os paralisa, ao contrário, abre-lhes os olhos.

O ponto de partida da viagem para Emaús não foi, portanto, o que aconteceu em Jerusalém naqueles dias, contudo, a íntima frustração pessoal. Tinham convivido com o Mestre, e a convivência os educou, encantaram-se com o seu projeto, criaram uma profunda esperança, pois parecia terem a certeza de que Jesus, o Mestre, era o Salvador de Israel.

A morte na cruz sepultara todas as expectativas e a fé que os discípulos cultivaram. Hoje, diante da diversidade vivenciada pelo ser humano, é comum quando há frustrações de seus projetos, o cansaço na vida, conduzindo-o a uma descrença no que se refere aos valores, o qual passa a vivenciar o descartável, o desencanto e a falta de cuidado pela própria existência.

O modelo de educador que Jesus propõe é o modelo, em que o ser humano retoma a si próprio, e isto deverá acontecer de dentro para fora, e não, ao contrário.

---

<sup>112</sup> MESTERS, Carlos. *Com Jesus na contramão*. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 86-87.

Quando a pessoa é capaz de manter um diálogo interior consigo mesma, a superficialidade apodera-se de sua vida e logo experimenta a amargura do vazio. Para manter vivo e fresco esse diálogo interior, as pessoas precisam encontrar espaços de silêncio, de reflexão e de oração. Sem esses espaços, o diálogo interior fica bloqueado.<sup>113</sup>

Partilham a dureza daquela experiência e conversam sobre os acontecimentos. Segundo o Evangelho, também o discutem entre si. No entanto, neste momento difícil de suas vidas, o Cristo deles se aproxima e se põe a caminhar com eles. Estavam cegos espiritualmente, a ponto de não reconhecerem o Ressuscitado, com quem antes já haviam convivido e do qual eram discípulos.

A descrição do caminho de Emaús, para nós, gera muitas consequências evangelizadoras ricas. No texto, constata-se que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou, começou a caminhar com eles e notou a tristeza, bem como a confusão de seus amigos (as). Os discípulos estavam decepcionados e sem esperança. “Nesse mesmo dia, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido” (Lc. 24,14). Os dois discípulos tinham acompanhado Jesus em sua caminhada por toda a Palestina e recordavam a sua experiência de convivência com o Mestre.

Salienta-se que um discípulo tem nome, Cléofas, e o outro, não. Este, sem nome, carrega, em si, uma realidade da época, marcada pela marginalização e exploração vivida por estrangeiros, pobres, doentes, mulheres, viúvas, órfãos, crianças e outros. Mas Jesus não vai somente ao encontro dos reconhecidos, mas também, dos sem nome e dos esquecidos. Jesus usou de sábia pedagogia no processo da formação cristã, partindo do acolhimento e diálogo. Igualmente, nos dias atuais, a Igreja lança o seu olhar evangelizador e provoca os discípulos missionários a se espelharem no projeto do próprio Evangelho, como afirma o DA:

Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. De fato, João Paulo II, dirigindo-se a nosso continente, sustentou que<sup>114</sup> “converter-se ao Evangelho, para o povo cristão que vive na América, significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertence à ordem social e à obtenção do bem comum.”<sup>115</sup>

<sup>113</sup> MORENO I, Ciriaco. *Educar em valores*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 183.

<sup>114</sup> DA, n. 391, 2007.

<sup>115</sup> *Ibidem*.

Esse caminho caracteriza-se pela dificuldade de ver, sentir, perceber e reconhecer Jesus que fez parte de todo o processo de convivência formativa. No meio da dor da perda, das dificuldades, do limite da fé, os discípulos não reconhecem a presença do Ressuscitado. A tristeza fechava os olhos dos discípulos, visto que os “seus olhos estavam vendados, incapazes de reconhecê-lo”. (Lc 24,16). Faltava o olhar da fé. Cada cristão sente dificuldade de enxergar a revelação de Deus na Vida, pois esta sempre carece de sinais concretos.

Afirma o texto de Lucas que, enquanto eles discutiam, ao longo do caminho, “o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles” (Lc 24,15). Depois de escutar e comungar com a tristeza, toma a iniciativa de dialogar e tocar na ferida da dor dos discípulos. Porque Ele conhece e ama os que aderem à sua proposta e quer acalantar o coração, fazer renascer neles a esperança e a alegria. No caminho de Emaús, Jesus, depois de acompanhar os dois discípulos ao longo da estrada com a sua companhia silenciosa, recorre à pedagogia do diálogo. O texto diz que, a certa altura, o forasteiro, que se fez seu companheiro de caminhada, tomou a iniciativa de entrar em diálogo com os dois, perguntando-lhes pelos motivos da tristeza, refletida em seus rostos, e da preocupação que carregavam no coração.

Os discípulos caminham e percebem que um peregrino se aproxima, caminha e, silenciosamente com eles, acompanha todo diálogo sem interromper, como se fosse mais um daqueles que esperavam um Mestre poderoso, vitorioso. O ponto central é que os discípulos não reconhecem o seu Mestre. Mas Ele respeita a caminhada dos discípulos, já que conhece a intenção do coração, sabe que, se revelasse quem Ele era, eles voltariam a Jerusalém para anunciar aos outros a grande alegria e para dizer aos demais discípulos: Ele vive! Nós o reconhecemos! Ele está presente no meio de nós. Faz um caminho, um processo de educar na fé, dando-se a reconhecer gradualmente.

A atitude de Jesus de aproximação e escuta é um ensinamento para quem é discípulo Dele. Esta é também a primeira lição para um autêntico discipulado aproximar-se das pessoas e caminhar com elas. A humanidade anseia por alguém que a acompanhe em sua difícil caminhada de descobrimento de si e do mundo.

Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, os seus legítimos desejos e o seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres. Dia a dia, os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam os seus filhos na fé, vivem constantemente a solidariedade entre parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja. À luz do evangelho, reconhecemos sua imensa dignidade e seu valor sagrado aos olhos de

Cristo, pobre como eles e excluído como eles. A partir dessa experiência cristã, compartilharemos, pois, com eles a defesa de seus direitos.<sup>116</sup>

Quando as palavras somem, Lucas (15,16) narra um Jesus se aproximando e caminhando, porém, tudo isto em silêncio. O seu método parte do princípio de que é necessário escutar antes de falar. Não emite opinião precipitada. Muito pelo contrário, Jesus entende que as pessoas precisam falar, desabafar e colocar para fora as suas ansiedades e frustrações. Por isso, decide se aproximar e, em silêncio, escutar a conversa, sem forçar uma amizade.

Jesus toma a iniciativa e entra no diálogo como um colaborador do contexto, querendo saber o que os preocupa e pergunta: “O que é que vocês andam conversando pelo caminho?”. Eles pararam, com os rostos tristes. A iniciativa do diálogo é de Jesus: Ele faz a primeira pergunta, qual seja: “O que vocês andam conversando pelo caminho?” (Lc 24,17).

O caminho de Emaús é, então, a primeira comunidade que convida a aprender a ler a história com os seus rostos, os seus novos sujeitos, as suas novas linguagens e presenças. Emaús apela para que não se abandone a realidade, para que não se fuja ou escape dela, mas, para que se caminhe nela e ali se deixe encontrar.

Jesus caminhava educando, assim como fez em Emaús. Durante toda a sua presença entre os discípulos, Ele se portou como um peregrino da mensagem que trazia para todas as pessoas, sem qualquer tipo de exclusão. Não se preocupava com a força da tradição; usava de uma pedagogia de se colocar aberto às descobertas dos educandos que, no caso, eram os seus discípulos e o povo que o acompanhava. Reconhecia, no entanto, a necessidade de respeitar a tradição, expressa no texto sagrado da história do seu povo – conteúdo este que hoje poderíamos comparar com o conhecimento construído historicamente pela humanidade, necessário para elevar o nível intelectual, a fim de uma melhor compreensão da realidade.

O Mestre se coloca em posição inicial de escuta e nunca como sabedor e controlador do processo, mesmo tendo um conhecimento (o saber) de uma situação além do conhecimento dos seus discípulos, que traria alegria para eles. Didaticamente paciente, Jesus age como um colaborador na descoberta, facilitando, desta forma, o despertar das consciências. Ele interpela, questiona e, por vezes, até confunde. Uma confusão saudável, que podemos entender como momento de conflito intelectual, visando a que o conhecimento novo se alicerce e encontre respaldo para a sua compreensão e assimilação.

---

<sup>116</sup> DA, n. 398, 2007.

O silêncio deve ser um exercício diário. Vivemos em um mundo agitado por tantos tipos de ruídos que quase não temos tempo para exercitarmos corretamente os nossos ouvidos. Assim sendo, encontramos dificuldades em escutar as necessidades do outro e, em muitos casos, os ensinamentos de Deus. O próprio salmista chega a exclamar: “Escutarei o que Deus, o Senhor, disser, pois falará de paz ao seu povo e aos seus santos [...]” (Sl 85,8). Jesus nos ensina através do silêncio. Nossa educação se faz no caminho, no processo e, em geral, no silêncio, em que a voz do afeto, do amor, da compaixão, da abertura do coração fala mais alto à vida de nossos educandos.

Dom Helder Câmara concluía uma das suas crônicas, dizendo que “quando os cuidados adormecem, quando nos entregamos, de verdade, nas mãos do Senhor, o grande silêncio nos mergulha na paz, na confiança, na alegria [...] E a voz de Deus se faz ouvir!”<sup>117</sup>

### 2.3 A TEOLOGIA DE EMAÚS

O último capítulo do Evangelho de Lucas conta sobre o dia da Páscoa, isto é, o episódio do sepulcro vazio (Lc 24,1-12), a aparição aos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), depois aos onze apóstolos (Lc 24,36,49), enfim, a Ascensão (Lc 24,50-53). O capítulo 24 de Lucas é a última parte de toda a composição do seu Evangelho. Apresenta uma característica particular: a conclusão de todo o caminho realizado por Jesus e seus discípulos.

Entre os fatos que se relacionam com a Ressurreição de Jesus e as suas aparições, está o acontecido com os dois discípulos de Emaús. Os discípulos nos apresentam uma teologia que, muitas vezes, é a mesma que nos acompanha no dia a dia.

O diálogo no caminho de Jerusalém até Emaús, ao longo do qual o peregrino ainda desconhecido explica as Escrituras, fazendo com que supere o escândalo da cruz – o conteúdo desta etapa pode ser visto como uma longa catequese sobre o mistério pascal de Jesus e sobre o itinerário de seus seguidores. É de uma grande riqueza teológica o recurso literário das oposições e contraste entre o início e o fim do relato. Elas mostram a conversão radical operada nos discípulos pelo encontro pessoal com o Senhor e revelam também as características paradoxais do itinerário da fé pascal.<sup>118</sup>

O relato começa com o afastamento dos dois discípulos de Jerusalém e do grupo dos onze (vers. 13) e termina com o retorno a Jerusalém, onde estão “reunidos os onze e seus

<sup>117</sup> CÂMARA, Helder. *Um olhar sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 32.

<sup>118</sup> BARREIRO, Álvaro. *O itinerário da fé pascal*. A experiência dos discípulos de Emaús e a nossa. (Lc 24,13-35). 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 15.

companheiros” (verss. 33-35). Jesus toma, então, a iniciativa de aproximação e somente, no final, é ele reconhecido.

A tristeza fechava os olhos dos discípulos. “Seus olhos estavam vendados, incapazes de reconhecer.” (vers. 16). Mesmo estando em profunda tristeza, eles não tiveram outro assunto durante a caminhada; preferiram falar dos acontecimentos relacionados a Jesus.<sup>119</sup>

Ao refletir sobre a pedagogia do Mestre, o aspecto que chama atenção, em primeiro lugar, é que Jesus se aproxima deles, colocando-se em seu caminho, posicionando-se à altura de sua caminhada, interessando-se por sua história. Busca conhecer o interior dessas pessoas. Durante o caminhar, a pedagogia do Mestre possibilita a *catarse*, ou seja, provoca e estimula os discípulos a falarem daquilo que lhes aflige o coração.

Há pessoas que querem falar de Deus, falar das coisas de Deus, contudo, com os olhos fechados sem ter direção, sem ter uma fé madura e a convicção de que, para falar das coisas do Pai, é necessário fazer a experiência de estar com ele, empenhar-se no seu projeto que liberta e gera vida, onde há sinais de morte. Jesus não desconhece nenhum daqueles que o Pai lhe confiou.

Acolhe a caminhada dos discípulos, conhece a intenção do coração, sabe que, se revelassem quem era Ele, imediatamente voltariam para anunciar aos outros as boas novas. Como exemplo, podemos citar o episódio do Bom Samaritano (Lucas, 10,25-37). O “caído” à beira da estrada requer uma resposta. A situação do pobre interpela o grupo de Jesus. “Eu era peregrino e me acolhestes.” (Mt 25, 31-46). Faz um caminho, um processo de educar na fé e teve a paciência de fazê-los reconhecer gradualmente.

No encontro, o peregrino pergunta, interroga e escuta. O Mestre quebra o silêncio. Já havia tomado conhecimento da situação. Ouviu um pouco da conversa e decidiu dialogar. Esse diálogo é iniciado em forma de pergunta: “Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?” Vale a pena observar a resposta de Cléofas: “És o único, porventura que, não tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências desses últimos dias?” (Lucas, 24,17).

A resposta, recebida em forma de pergunta, poderia ter posto fim ao diálogo iniciado por Jesus. Como reagiríamos se recebêssemos uma resposta assim? Entretanto, o Mestre

---

<sup>119</sup> DONZELLINI, Mary Ir. *Espiritualidade e missão. Caminhando com Jesus e com os discípulos de Emaús*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 12.

estava disposto a conversar e simplesmente disse: “Quais?” Pergunta suficiente para desencadear um grande diálogo.

O caminho dos dois discípulos foi uma verdadeira vivência de “páscoa”. Isto é, uma passagem do fechamento para a abertura do não-reconhecimento para o reconhecimento. No itinerário dos dois discípulos, houve ainda outras “páscoa/passagem” sobre as quais nos deteremos mais longamente ao contemplar as diversas cenas do relato: a “passagem” do abandono da comunidade para o retorno à comunidade, do afastamento para a aproximação, do isolamento para a comunhão; a “passagem” do lamento para o agradecimento, da tristeza para a alegria, do fechamento para a partilha; a “passagem” do desânimo para o entusiasmo, da lentidão para a prontidão; em resumo, a “passagem” do coração vazio e duro para o coração transbordante e abrasado.<sup>120</sup>

Mostra-se, desta forma, que o testemunho do Ressuscitado é progressivo. É colocar-se em um caminho de volta, para refazer o projeto do Mestre.

Os discípulos apresentam a ideia que eles tinham de Jesus, qual seja: “homem profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo” (vers. 19). Sendo profeta, falou do projeto do Pai, dialogando e vivendo no meio da humanidade. Hoje há muitas ideias distorcidas de Jesus, fala-se que era uma pessoa importante. Assim se faz, tendo em vista os interesses pessoais e econômicos, para se tirar proveito da imagem de Jesus, o que o distancia do núcleo central que é Ele: o caminho, a verdade e a vida.

O coração dos discípulos recusa-se a aceitar as razões apresentadas pela razão para esquecer “todos aqueles acontecimentos”. Tanto a experiência da felicidade, causada pela convivência e pela amizade com Jesus, como a experiência da ruptura dessa convivência e amizade e da destruição da esperança tinham sido profundas e, no fim, tão dilacerantes, que as feridas causadas neles por todas essas rupturas estavam ainda em carne viva e continuavam a sangrar.<sup>121</sup>

Os discípulos, ao dialogarem com Jesus, traziam à tona a sua realidade existencial, não escondendo a tristeza, mesmo diante de um forasteiro desconhecido. Eles nos ensinam que a transparência de coração, a humildade e, permite ao ser humano não fugir de sua origem, da sua história, dos seus sonhos e buscas.

Muitas pessoas buscam refúgio em religiões que oferecem curas milagrosas, não permitindo a vivência com esse Jesus que veio não apenas com uma missão política, mas também, para resgatar e salvar a humanidade. O diálogo com o Mestre levou os discípulos a

<sup>120</sup> BARRETO, Alvaro. *O itinerário da fé pascal*. A experiência dos discípulos de Emaús e a nossa. (Lc 24,13-35). 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 16.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 25.

confiarem em suas palavras ainda que as evidências mostrassem o contrário. Aos discípulos de Emaús podem ser explicadas as palavras do místico árabe medieval Ibn Araci: “Quem pega a doença de Jesus não sara mais”. Dom Helder assinala:

Que toda palavra deve nascer da ação e meditação. Sem ação ou tendência à ação, ela será apenas teoria que se ajuntará ao excesso de teoria que está levando os jovens ao desespero. Se ela é apenas ação, sem meditação, ela acabará no ativismo, sem fundamento, sem conteúdo, sem força [...] Presta honras ao Verbo eterno, servindo-te da palavra, de forma de recriar o mundo.<sup>122</sup>

É preciso reconhecer que não se faz educação sem diálogo e sem perguntas. Contudo, vale a pena refletir sobre qual conteúdo dos nossos diálogos, bem como quais perguntas estamos endereçando aos nossos educandos. Há perguntas e perguntas! Muitas delas podem bloquear um diálogo definitivamente, e os nossos objetivos de educação podem fracassar, quando não direcionamos um diálogo sincero. Nossa educação não somente se faz no caminho e em silêncio, como também, através do diálogo e da pergunta.

Se a história de Cléofas e de seu amigo constitui uma cena de reconhecimento, a aparição do Ressuscitado aos Onze associa-se aos reencontros do anúncio de uma missão.

#### 2.4 NO DIÁLOGO DO CAMINHO, JESUS REVELA AS ESCRITURAS

Todo verdadeiro encontro de pessoas acontece no diálogo; e toda contribuição de riqueza interior tem-se no diálogo, que ocorre entre duas ou mais pessoas, percorrendo um caminho de luz. Portanto, é um ato livre e recíproco que indica a luz e a verdade que certamente cada um possui.

Jesus, nos seus encontros, e, frequentemente, também nos seus discursos, recorre ao diálogo com o objetivo de favorecer um clima de relação com todos aqueles que encontra. Ele opta por colocar-se acima de qualquer partido religioso e político do seu tempo.

No caminho de Emaús, houve o diálogo da escuta e palavra, que se conduzia a uma relação do Mestre com os discípulos. Em uma atitude de respeito à realidade, vivida pelos discípulos, Jesus se aproximou de forma lenta, cuidadosa, respeitando o momento vivido por eles.

---

<sup>122</sup> CÂMARA, Helder. *O deserto é fértil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 101.

Como um verdadeiro Mestre que educa se educando, busca conhecer o sentimento do outro, para, a partir daí, estabelecer o conteúdo a ser transmitido, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.<sup>123</sup> Jesus assume o processo da busca de auxiliar na formação daqueles que acompanha. Para isso, é importante conhecer o que pensam, pois as ideias que apresentam revelam os desejos, as necessidades, os interesses, e, somente a partir do conhecimento de tudo isto, é que o Mestre toma a iniciativa do diálogo por meio das palavras e as traz para a prática.

A mensagem de Jesus é de radical e total libertação da condição humana de todos os seus elementos alienatórios. Ele mesmo já se apresenta como o homem novo, da nova criação, reconciliada consigo mesma e com Deus. Suas palavras e atitudes revelam alguém libertado das complicações que os homens e a história do pecado criaram. Vê claras as realidades mais complexas e simples e vai logo ao essencial das coisas. Sabe dizê-los breve, concisa e exatamente. Manifesta em extraordinário bom senso que surpreende a todos que estavam ao seu redor. Talvez esse fato tenha dado origem à originalidade de Jesus e de responder a pergunta: Mas quem afinal és tu, Jesus de Nazaré?<sup>124</sup>

Jesus revela a sua sabedoria, isto é, algo concreto da vida e do ser humano, além de ser aberto, é também relacional. A possibilidade de diálogo permite a sua pertença a um grupo que o integra realmente na vida social. Em uma dimensão de pertença, suscita a solidariedade e estabelece a convivência.

Identificar-se com Jesus Cristo é também compartilhar o seu destino: “Onde eu estiver, aí estará também o meu servo” (Jo 21,26). O cristão vive o mesmo destino do Senhor, inclusive até a cruz: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, carregue a sua cruz e me siga” (Mc 8, 34). Estimula-nos o testemunho de tantos missionários e mártires de ontem e de hoje em nossos povos que têm chegado a compartilhar a cruz de Cristo até a entrega da própria vida.<sup>125</sup>

Neste sentido de pertença de vida que o Mestre Jesus se coloca em posição inicial, de escuta e nunca como sabedor e controlador do processo, mesmo tendo um conhecimento (o saber) de uma situação, além do conhecimento dos seus discípulos, que traria alegria para eles, didática e pacientemente, Jesus age como um colaborador na descoberta, facilitando o despertar das consciências. Ele interpela, questiona e, por vezes, até confunde. É uma confusão saudável, que podemos entender como momento de conflito intelectual, para que o conhecimento novo se alicerce, bem como encontre respaldo para a sua compreensão e assimilação.

<sup>123</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 25. (Col. Leitura).

<sup>124</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo o libertador*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972, p. 93.

<sup>125</sup> DA., n. 140, 2007.

Ao fazer indagações aos seus discípulos, Jesus dialoga, e é justamente, na relação dialógica entre educador e educando, que brota a consciência crítica. Ambos se percebem como sujeitos, pois, ao mesmo tempo em que um influencia o outro, também sofre influência do outro. Na abertura, podado de todo preconceito, florescem novos conhecimentos e, na síntese deles, a percepção mais adequada da realidade.

Após a escuta silenciosa e prolongada, Jesus, sabendo da preocupação dos discípulos, pergunta justamente o que os preocupava. Mas o seu questionamento é direcionado a alguém que não está entendendo nada do que está acontecendo, nem entendeu o diálogo dos discípulos. “O que é que vocês andam conversando pelo caminho?” Eles pararam, com os rostos tristes, como pessoas que sentem a experiência de uma dor, de um abandono, porém a pergunta do acompanhante, até o momento desconhecido, é respondida com a provocação de outra pergunta. “Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias”? Jesus tem a humildade de não demonstrar que o conteúdo do diálogo era Ele próprio, perguntando como se nada tivesse ouvido: “O que foi?” Os discípulos responderam: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras diante de Deus e de todo o povo. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu” (cf. Lc 2,19-21).

Percebe-se que a escuta de Jesus é maior que a dos discípulos, os quais demonstram saber realidades vivenciadas por eles. Entretanto, em certo momento, depois de caminhar, escutar e tocar o coração deles no diálogo, Jesus se coloca como Mestre e exige uma reciprocidade. A escuta faz Jesus ter paciência com a cegueira dos discípulos, contudo dá umas sacudidas e entra no processo da leitura da dura realidade, mas, real.

Jesus toca o coração com a sabedoria divina, age como um educador que resgata o conteúdo das Escrituras, trazendo presente todo um passado, vivenciado por eles com o Mestre. Lucas lembra a censura feita pelo Ressuscitado aos discípulos, pela sua incredulidade e dureza de coração. “Como vocês costumam para tender e como demoram, para acreditar em tudo o que os profetas falaram” (Lc 24,25). O evangelista Lucas recorda ainda que:

A incredulidade na ressurreição de Cristo podia significar incredulidade nas divinas *Escrituras* nas quais Deus, mediante os profetas, traçara o esboço do plano salvífico: do opróbrio da paixão à jubilosa proclamação da penitência e do “perdão dos pecados a todas as nações” através da “glória” da ressurreição (cf. v. 46,-47). O fato

de invocar as profecias vétero-testamentárias – de sumo valor em ambiente judaico – e não as mais claras do próprio Cristo, explica-se, aqui, por que Jesus ainda não se manifestara.<sup>126</sup>

O retorno à experiência faz compreender que todo o conteúdo do diálogo no Caminho de Emaús foi necessário para consolidar e corrigir o coração do discípulo. A realidade foi vivida com o Mestre e compreendida com e para Ele. Jesus não queima etapas com quem ele ama e se dá a conhecer. Ele entra na realidade de cada ser humano e penetra na realidade humana.

Portanto, uma comunicação solidária entre homens não se fundamenta na relação de um sobre o outro, mas, na solidariedade de saberes entre ambos, com a intenção de transformar o mundo, tendo presente a realidade da pessoa. Na proposta educacional de Jesus, há um forte sentido de comunidade, de sociedade, do saber, que é construído no contato e no diálogo com o outro. É sempre uma relação de vida, de confiança no ser humano e um olhar de fé na possibilidade da transformação da justiça do ser mais, autêntico e transparente. “Os atuais evangelhos encontram-se no final de uma longa tradição cristã comunitária, que se origina das palavras e ações de Jesus. Um momento decisivo e qualificante é constituído pela experiência de encontro com o Ressuscitado”.<sup>127</sup>

No caminho de Emaús, Jesus ajuda os discípulos a desvendarem a sua realidade. A sua presença de escuta e diálogo entra na vida dos discípulos, claramente mostrando a sua libertação integral. É uma libertação da consciência.

O silêncio de Jesus foi o verdadeiro e profundo respeito à realidade, vivida pelos discípulos, para entrar na vida e na experiência do cotidiano. O ser humano, por sua natureza, tem o dom de silenciar e a oportunidade de expressar-se através do diálogo. Somente, quando o Mestre fala, os discípulos tomam consciência de sua presença, eis que são eles que fazem o silêncio e escutam com o coração. Disso, pode-se presumir que toda a transformação acontece de dentro para fora e que cabe ao educador fazer emergir esse potencial que está no educando.

Nenhum ensino é frutífero, se o mesmo não levar a sério o compromisso com os princípios vivos do Reino de Deus. Os discípulos entenderam o método utilizado pelo seu Mestre e aceitaram o chamado. Cabe a nós, assim, uma série de reflexões sobre os métodos didáticos e pedagógicos, utilizados em nossas escolas e igrejas e, de maneira especial, em nossa vida

<sup>126</sup> LANCELLOTTI, Angelo; BOCCALI, Giovanni. *Documentário ao Evangelho de São Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 232.

<sup>127</sup> BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos I*. Tradução e comentários. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990, p. 17.

particular. Nosso trabalho educativo é avaliado pelos resultados efetivos produzidos na vida de homens e mulheres do nosso tempo. Somos chamados à restauração da dignidade humana e devemos fazê-lo sob a orientação pedagógica do Mestre dos mestres, Jesus Cristo.

A fé cristã foi construída em cima da pessoa de Jesus Cristo. Contudo, Jesus jamais deu qualquer indicação de que desejava um culto pessoal de si mesmo. Nunca. Muito pelo contrário. Mais de uma vez, rejeitou o que era de pessoa em relação a si, sempre indicando para o Pai. Veio em nome do Pai (cf. Jo 10,18), falava do que vira junto ao Pai (cf. Jo 1,18;8:38), recebia ordens do Pai (cf. Jo 10,18: 14,31), realizava as obras do Pai (cf. Jo 5,36). Sua prática de vida se resumia em fazer a vontade do Pai.

## 2.5 TRANSMITIR A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE

O caminho de Emaús revela a primeira experiência de frustração na vida da comunidade, no entanto começa uma vida de apostolado sem o Mestre e, então, se instala uma estrada de crise. Dois discípulos do Senhor, na tarde da Ressurreição, desanimados, cabisbaixos e frustrados, voltam para Emaús, para a aldeia próxima de Jerusalém, ignorando totalmente o fato histórico da Ressurreição de Cristo, julgando-se informados do fato. A andança dos discípulos acontece entre tristezas, confusão e, também, assombro. Levam, dentro de si, o sabor da experiência de vida compartilhada com Jesus, com o qual tinham sonhado com esperança, contudo, agora, conhecem e vivenciam um profundo vazio. O olhar triste revela a dor e a indignação. Não lhes resta outra coisa a não ser conversar e discutir sobre o acontecimento (Lc 24,14).

Olhando para o relato de Lucas 24,25-27, um aspecto importante é observado: Jesus, depois de caminhar, escutar e perguntar, para permitir que os discípulos expressassem e, assim, revelassem o que traziam no coração, inicia o seu diálogo. Este, assim, “começa pela escuta, a escuta da realidade dos discípulos, descrita da maneira como eles a entendem. A Bíblia é um ato segundo”.<sup>128</sup>

É a hora da tomada de consciência, de mergulhar no mais íntimo do ser, de revelar a sua verdadeira missão e tomar a iniciativa para dar início ao diálogo. Percebendo a incredulidade dos discípulos, Jesus os interpela, os repreende, devido ao não entendimento deles, durante toda a convivência, dos diferentes acontecimentos e ao não acreditarem no que

<sup>128</sup> DREHER, A. C. *A caminho de Emaús. Leitura bíblica e educação popular*. 8. ed. São Leopoldo: Contexto, 2008, p. 21.

ele mesmo havia proclamado e o que deveria acontecer. Todavia, logo em seguida, Jesus explica a eles sobre as Escrituras. Faz um verdadeiro diálogo, a fim de mostrar-lhes que nada estava fora das Escrituras e, igualmente, tenta fazê-los acreditarem na Ressurreição.

Jesus escuta a narrativa dos dois discípulos e a recordação dos fatos que geraram aquele momento. Todavia, o Mestre continua insatisfeito. A memória dos discípulos não passava de um final de semana. Eram mentes repletas de tragédias e desesperanças. Na continuidade do diálogo, o Mestre coloca em risco toda a sua estratégia pedagógica. Usa palavras duras, ao dirigir-se aos discípulos e os repreende.

Então, Jesus disse a eles: “Como vocês costumam para entender e como demoram em acreditar em tudo o que os profetas falaram! Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?” Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele (Lc 24,25-26).

Em outras palavras, Ele estava dizendo que eles haviam esquecido uma grande e importante parte da história. Apenas um final de semana os fizera esquecer toda a História da Salvação. Por isso, era preciso falar de Moisés, dos profetas e de toda a escritura. O Mestre corre o risco de perder os seus discípulos, mas o faz com convicção.

As Escrituras haviam sido revistas de forma tão profunda por Jesus nos seus contatos com os discípulos, que isto ficou marcado em suas lembranças. Posteriormente, esse momento “mágico” do processo de tomada de consciência da descoberta de quem era aquele que estava caminhando ao lado deles foi descrito como uma relação de profunda emoção vivida pelos discípulos, pois, de acordo com o texto, os seus corações estavam ardendo quando, Jesus falava pelo caminho e lhes explicava as Escrituras.

A Escritura ajuda a entender o momento histórico que os discípulos estavam vivendo e a perceber a presença de Jesus no caminho. A Igreja insiste na Importância da Palavra de Deus, como alimento da fé e da identidade cristã. No *Documento de Aparecida*, há uma referência a um texto de São Jerônimo, o qual ensina que “desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo e renunciar a anunciá-lo”.<sup>129</sup> Nesta mesma linha de pensamento, recorda-se o Sínodo dos bispos sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. Para eles, “encontrar e rezar a Palavra é a suprema vocação do cristão”.<sup>130</sup> Na resposta de Jesus aos discípulos, percebem-se aspectos significativos para a sua ação evangelizadora. Provoca ver a

<sup>129</sup> DA., n. 247, 2007.

<sup>130</sup> XII Sínodo dos Bispos, *Lineamenta*, 25.

realidade de uma forma inquietante, que despertou o abrir para novos horizontes, à luz de sua Palavra. Jesus mexe com o coração dos discípulos. Explicar as Escrituras é lembrar a prática, a missão e os ensinamentos, vivenciados face a face com o Mestre.

Jesus de Nazaré, homem simples, humilde, vivendo entre os seus, foi capaz de perceber o mundo além do aparente. É interessante notar o seguinte: somente depois que os discípulos mostraram toda a sua realidade interior e limitações humanas, é que Cristo se põe a evangelizá-los. Às vezes, isto não acontece com as pessoas em seu contexto. Gostamos, não raro, sem saber qual é a dimensão de seu vazio ou o nível de riqueza que já trazem, passamos a expressar nossas ideias ou convicções. Não nos esqueçamos de que o Evangelho é profundamente humano, e, quando pensamos que o estamos levando a alguém, não raro, ele aí já se encontra, às vezes, até em um grau maior do que em nós, pela experiência da vida dessa pessoa.

Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8).<sup>131</sup>

Sem a Palavra revelada, não há o diálogo do cristão, pois, sem ela, não é possível conhecer Jesus Cristo, não é possível ter a vida “iluminada” e não é possível ser “inteligente”, isto é, compreender o mistério de Jesus. Toda dinâmica de missão da Igreja não se conhece sem a Palavra de Jesus. Com a Palavra revelada, é respondida toda e qualquer interrogação, qualquer limitação humana, ilumina-se, assim, a caminhada feita pelos discípulos e os seus problemas. “Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram!” (Lc 24,25). É a Palavra de Jesus que nos torna “inteligentes” para compreender os profetas e ligar estas profecias à Palavra e à Pessoa de Jesus.

A atitude de Jesus para com eles é de um Mestre verdadeiro, eis que explica que o Plano de Deus tem uma lógica diferente da lógica humana, destacando que o sofrimento faz parte desse desígnio divino e que se trata de um meio pelo qual Deus purifica e leva tudo à plenitude. O acontecimento com Jesus não é um absurdo, já que Deus oferece o caminho, a partir do qual nos encontramos em e com Jesus através da Bíblia. Logo, os justos perseguidos se tornaram salvos por Ele.

---

<sup>131</sup> DA., n. 145, 2007.

O próprio Mestre Jesus mostra que Ele é o conteúdo que, na Bíblia, se refere a Ele, o qual transparece em duas realidades concretas: o primeiro, na Palavra de Deus, que é o fundamento das primeiras comunidades, as quais conhecem Jesus de Nazaré, mediante a leitura da Bíblia; o segundo é a realização do projeto do Pai através do Filho. A Palavra de Deus, na Bíblia, é um lugar privilegiado, em que a presença do Ressuscitado se manifesta. É na leitura comunitária em torno da Palavra que as pessoas encontram Jesus que dá sentido à vida, principalmente pela justiça e dignidade humana. Ele espera o tempo de cada um e, à medida que a pessoa se abre, começa uma vida nova para ela e com muito vigor. Aqui começa a revolução para os discípulos. Olhamos o que acontece, quando reconhecem Jesus. Conforme Babaglio Giuseppe, foi, na experiência com o Ressuscitado, que:

A partir deste momento, o grupo de homens, já reunido em torno de Jesus antes de sua morte, começa a proclamar abertamente a formidável novidade: Jesus de Nazaré é o Cristo, ressuscitado por Deus; é o Senhor. O evangelho se forma ao redor deste núcleo de anúncio. Este é um testemunho de fé e um convite.<sup>132</sup>

É impossível deixar de pensar na importância de correr riscos em nosso trabalho educativo, os quais contribuem para o crescimento, quando feitos sob a orientação divina. Nossa educação se faz no caminho, em silêncio, e através do diálogo e da pergunta.

## 2.6 O CONVITE, A PARTILHA DO PÃO E O RECONHECIMENTO DO GRANDE AMOR

Ao longo do caminho, Jesus ia revelando-se, iluminando os olhos, fazendo arder o coração. Consequentemente, o reconhecimento do Senhor é a restauração da comunhão plena que se deu no momento de partir e repartir o pão. “Aproximando-se da aldeia para onde iam, Jesus fez como se fosse mais adiante. Eles, porém, insistiram, dizendo: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina”. Entrou na casa, então, para ficar com eles (Lc. 24,28-29).

Ao aproximar-se da aldeia, Jesus provoca um novo aprendizado, uma atitude fraterna, não mais sendo considerado um forasteiro, mas, um amigo que entra em casa. Entrar, ficar e permanecer com os da casa é uma experiência que somente é dada aos amigos íntimos. O evangelista Lucas mostra isto mais explicitamente no livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,42ss; 4,32ss: “A partilha é a característica fundamental das comunidades cristãs. Partir o

---

<sup>132</sup> BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos I*. Tradução e comentários. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990, p. 17.

pão, no sentido de pôr em comum o que todos têm para que ninguém passe necessidade, é a prática das comunidades, aprendida de Jesus em tantas vezes que repetiu este gesto”<sup>133</sup>.

A retomada dos discípulos não se dá totalmente, quando Jesus falava das escrituras, nem ao tocar, fazer arder os corações e abrir os olhos dos discípulos. O reconhecimento totalmente se deu na prática do partir o pão.<sup>134</sup>

A Eucaristia, como pão para a vida do mundo, ensina o jeito comunitário e solidário de conviver. Ela torna a pessoa, que dela se alimenta, generosa e solícita para com os empobrecidos. *Ficar com eles:*

é a frase central que explica o sentido do fato: Jesus quer ficar com os seus. Isto se realiza neste episódio de vários modos: com a Escritura, que fala dele, com a sua aparência de peregrino, com o pão partido, com a visão pascal, com o amor nos corações deles, com a fé.<sup>135</sup>

A Eucaristia é a grande lição dentro de todo o contexto da nova pedagogia do Pai. (Lc 22,7-20). Lucas revela com sabedoria e estilo próprio:

A lição da mesa como uma prerrogativa para participar do banquete do Reino. Dentro da pedagogia da mesa, sinal absoluto e radical da partilha e da fraternidade, está a própria pedagogia da partilha. Jesus não partilhou coisas com o seu povo. Ainda que algumas vezes tenha demonstrado ser necessário partilhar o alimento, os bens, etc., acima de tudo, Jesus fez com o povo uma partilha de vida. Desta forma, a Eucaristia não se fundamenta nas coisas, mas, no modo de ser.<sup>136</sup>

A partilha do pão foi que abriu os olhos aos discípulos e provocou a mais importante descoberta da fé. Passaram, então, a ter a certeza de que Ele estava vivo, no meio deles (Lc 24,30-31). Essa descoberta deu-lhes força para voltarem a Jerusalém. O medo, a tristeza e o desespero tinham ficado definitivamente para trás. Aquele Jesus, a quem chamavam de Cristo, lhes tinha aberto os olhos e devolvido a esperança.

<sup>133</sup> CRB. *Pelo Caminho de Emaús*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 123-124.

<sup>134</sup> MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983. Na Bíblia, frequentemente “o pão” significava alimento em geral, como, no Pai Nosso. O pão da proposição era um pão ofertado no santuário. Um pedaço de pão era recompensa de uma prostituta (Pr 6,26). Os viajantes levavam o seu pão em um saco (Mc 6,8; Lc 9,3). “Comer pão, no Reino de Deus”, significa participar do banquete messiânico (Lc 14,15; cf Refeição). Falando em eucaristia, Jesus chama-se a si mesmo de verdadeiro pão, pão da vida, pão que desce do céu (Jo 6,32ss). A participação do pão, na Eucaristia, simboliza a unidade dos cristãos em um só pão e em um só corpo (1Cor 10,17).

<sup>135</sup> LANCELLOTTI, Angelo; BOCCALI, Giovanni. *Documentário ao Evangelho de São Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 233.

<sup>136</sup> MAZZAROLLO, Isidoro. *A Bíblia em suas mãos*. 2. ed. Porto Alegre: Est., 1996, p. 124.

Jesus era, de fato, o vencedor do caos e da morte! Não era fantasia das mulheres. Era uma realidade escondida, misteriosa, que só pode ser descoberta por quem aprende a partilhar, a se entregar, a sair do círculo vicioso, dos interesses egoístas, para lutar junto com os outros pela vida de todos.<sup>137</sup>

A partilha do pão é partilha do amor verdadeiro. O amor tem a sua origem no Pai cheio de ternura, gerador incansável da vida. Quanto mais a pessoa aprofunda o amor e o conhecimento interno de Cristo pela Eucaristia, mais ela se afeiçoa e se familiariza com o sentido eucarístico da existência humana. Esse amor que se mantém fiel até ao extremo de dar a própria vida para que todos a tenham (Jo 10,10).

Na *Dei Verbum*, Jesus Cristo, o Mestre, completa a Revelação do Pai.

Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus ultimamente nestes nossos dias, através de Filho (Hb 1,1-2). Com efeito, enviou o seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e explicar-lhes os segredos de Deus (cf. Jo 1,1-18). Jesus Cristo, portanto, Verbo feito carne, enviado “como homem para os homens”,<sup>138</sup> “fala as palavras de Deus” (Jo 3,34) *DEI VERBUM*.<sup>139</sup>

A Revelação de Jesus referente ao Pai ocorre, sem dúvida, somente pela fé e nos assegura um Pai, que não tem limites na compaixão com a pessoa. A sua vontade é que nenhum de seus filhos se perca. Neste sentido, assinala-se que Dom João Batista Scalabrini teve compaixão com todas as pessoas que partiam de sua pátria, as quais eram tratadas como coisas, como animais. A sua preocupação era que tivessem assistência não somente material, mas também, espiritual. O aspecto pedagógico da educação scalabriniana, por conseguinte, é o desafio de estarmos atentos à pessoa como um todo. Certamente, é preciso oferecer uma boa educação às pessoas que estão à margem de sua dignidade, devolvendo-lhes, assim, a sua dignidade. Para isto, faz-se necessário o engajamento na proposta do Evangelho, na qual Jesus mostra qual é o verdadeiro caminho que educa a pessoa, como alguém capaz de transformar-se e transformar o meio em que vive.

Veremos, no seguinte capítulo, onde é possível ver sinais de uma educação transformadora, voltada para o humano, que busca a sua transcendência frente aos valores cristãos.

<sup>137</sup> MESTERS, M. L. C. *O avesso é o lado certo. Círculos Bíblicos sobre o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 143.

<sup>138</sup> *Epistola ad Diognetum*, c. VIII, 4: Funk, *Patres Apostolici*, I, p. 403.

<sup>139</sup> *DEI VERBUM. Constituição Dogmática sobre a revelação Divina*. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 9.

### 3 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA COMO MISSÃO DA EDUCAÇÃO SCALABRINIANA

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas<sup>140</sup> tem por carisma o Serviço Evangélico e missionário, especialmente voltado aos mais necessitados.

Ao longo da história da Congregação, dedicaram-se e continuam dedicando-se aos migrantes e às populações mais necessitadas, mediante os serviços da educação, da saúde, da ação social, da catequese, da pastoral das migrações, pastoral da saúde, pastoral escolar e outras pastorais em colaboração com a Igreja local.<sup>141</sup>

O fundador, João Batista Scalabrini, acreditava em uma educação da pessoa como um ser integral, não apenas na transmissão de conhecimentos e preparação tecnológica, como também, na preparação da pessoa para a vida e para a formação de caráter. Preocupava-se com a formação intelectual e cristã dos imigrantes e de seus filhos que, em muitos lugares de destino, eram privados de qualquer meio educativo. “A instrução se dirige ao intelecto, a educação se endereça à vontade. A instrução faz pessoas sábias, a educação forma os homens virtuosos. Sendo que a primeira se preocupa com a ciência, a segunda visa à consciência”.<sup>142</sup>

A Congregação procura ser fiel ao legado deixado pelo fundador. Há uma constante busca da volta às fontes, às origens, para que sejam redescobertos os caminhos de uma educação transformadora frente a realidade atual. Todas as irmãs da Congregação e os leigos, que estão mais diretamente envolvidos na missão educativa, são convocados a refletirem sobre a educação em uma dimensão de responder aos desafios da sociedade e da Igreja, por meio de estudos, seminários, congressos e da formação permanente.

A visão cristã do homem, da sociedade, da educação, certamente, encontrará pontos de afinidade com outras leituras antropológico-sociais, em que a pessoa humana assume valor inquestionável e a sociedade é pensada numa linha de justiça, solidariedade e igualdade fundamental.<sup>143</sup>

<sup>140</sup> DOCUMENTO: *Proposta Scalabriniana de Pastoral Escolar*. Um jeito scalabriniano de ser no mundo da educação. Julho de 2010. Definição etimológica: o termo “scalabriniana” tem a sua origem etimológica no sobrenome do Beato João Batista Scalabrini, Pai e Apóstolo dos migrantes e fundador da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas que possui como co-fundadores os Servos de Deus Pe. José Marchetti e Madre Assunta Marchetti, eméritos educadores, cuja finalidade é colaborar na preservação da fé nos migrantes e, entre eles, os mais vulneráveis.

<sup>141</sup> CONSTITUIÇÕES DAS Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas. Roma, 1985.

<sup>142</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 231.

<sup>143</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Educação igreja e sociedade*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 33. (Documentos da CNBB, 47).

A Congregação investiu, nos últimos anos, em um trabalho em rede<sup>144</sup> das escolas scalabrinianas, cuja dimensão objetiva acompanhar as exigências da sociedade, da formação profissional, humana, cristã e tecnológica. A educação transformadora tem a ver com a educação de cidadãos comprometidos, conscientes e solidários e com os valores do Evangelho.

### 3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA CONGREGAÇÃO – MSCS

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas – MSCS foi fundada pelo Bem-aventurado, Dom João Batista Scalabrini,<sup>145</sup> bispo da diocese de Piacenza, Itália, no dia 25 de outubro de 1895. São co-fundadores da congregação os irmãos Padre José Marchetti e Madre Assunta Marchetti.<sup>146</sup>

A obra do Bem-aventurado Dom João Batista Scalabrini foi criada em uma época de profundas mudanças econômicas, sociais e políticas que provocaram as grandes migrações europeias para as Américas. O governo italiano, preocupado com a sua organização político-administrativa, não tinha como dar assistência aos problemas sociais relacionados à falta de terra para muitos, ao desemprego, bem como à crescente condição de pobreza e miséria que atingiam inúmeras famílias. A questão social, na Itália, agravava-se à proporção que a riqueza ia se acumulando nas mãos de poucos, excluindo o operário e o agricultor, sobre os quais pesavam os impostos.<sup>147</sup> Scalabrini narra o seu primeiro impacto diante da dura realidade do momento vivido por seus paroquianos:

---

<sup>144</sup> REDE: na rede integrada das escolas, o caminho era a Congregação, que era o suporte dos colégios pertencentes a ela. Cada um com a sua liberdade de ação e as suas características culturais, sem perder o vínculo com o núcleo que os coordena.

<sup>145</sup> João Batista Scalabrini nasceu em Fino Monasco, na Itália, em 8 de julho de 1839. Com 18 anos, ingressou no seminário Santo Abôndio, na cidade de Como, e, em 1863, foi ordenado sacerdote. Em 1870, Scalabrini tornou-se pároco de São Bartolomeu, uma paróquia na periferia industrial de Como. Ali as suas atenções se voltaram às crianças, aos jovens, doentes e operários. Ao mesmo tempo, continuou a estudar e a atualizar-se. Em 1876, com apenas 36 anos, foi sagrado bispo de Piacenza. Com ele, Piacenza se tornou um centro irradiador de muitas reformas e iniciativas em favor da pessoa.

<sup>146</sup> PROVÍNCIA IMACULADA CONCEIÇÃO. *Percorrendo caminho*. Caxias do Sul-RS: Lorigraf, 1997. A história das Irmãs MSCS está ligada a uma família da paróquia de Lombrici, distrito de Camaiore, Lucca, na Itália. Eram 11 irmãos, entre eles: José e Assunta, a mãe Carolina Ghilarducci, pessoas simples, escolhidas pela providência, para a concretização do sonho de Scalabrini frente a necessidade de uma congregação missionária.

<sup>147</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 267.

Em Milão, há vários anos, assisti a uma cena que me deixou na alma um sentimento de profunda tristeza. Passando pela estação, vi o salão, os pórticos laterais e a praça vizinha, tomados por trezentas ou quatrocentas pessoas mal vestidas, divididas em diversos grupos. Sobre as suas faces bronzeadas pelo sol e sulcadas pelas rugas precoces que a penúria sói imprimir, transparecia a agitação dos sentimentos que invadiam os seus corações naquele momento. Eram anciãos curvados pela idade e pelas fadigas. Homens na flor da idade. Senhoras que arrastavam os filhos atrás de si ou os carregavam ao colo, meninos e meninas, todos irmanados por um só pensamento e guiados para uma única meta.

Eram emigrantes. Pertenciam às várias províncias da Alta Itália e com trepidação esperavam o trem que os levaria para as praias do Mediterrâneo, donde zarparia para as longínquas Américas, com a esperança de terem menos hostil a fortuna e menos ingrata a seus suores a terra.

Partiam os pobrezinhos: uns chamados pelos parentes que os haviam precedido no êxodo voluntário, e outros, sem saber bem para onde, levados pelo poderoso instinto que faz migrar as aves. Iam para a América, onde, tantas vezes, ouviram dizer que havia trabalho bem remunerado para qualquer pessoa dotada de braços fortes e de boa vontade.

Com lágrimas, tinham-se despedido do torrão natal, que os ligava a si por numerosas e doces lembranças. Mas, sem remorsos, abandonavam a pátria, que apenas lhes era conhecida sob duas formas odiosas: o recrutamento e a cobrança dos impostos. Pois, para o deserdado, a pátria é a terra que lhe garante o pão. E lá, bem longe, esperavam consegui-lo menos parcimonioso e menos custoso.

Parti comovido. Uma onda de sentimentos tristes me invadia o coração. Quem sabe quantas desgraças e privações, pensava comigo mesmo, tiveram que suportar para que se lhes afigurasse leve um passo tão doloroso! E quantas ilusões, quantos novos sofrimentos lhes reserva um futuro incerto! Quantos deles, na luta pela vida, sairiam vitoriosos?! Quantos sucumbiriam no burburinho das cidades ou no silêncio das planícies desertas?! E quanto, mesmo encontrando o pão do corpo, faltaria o pão da alma, não menos necessário do que o primeiro, e perderiam, numa vida totalmente materializada, a fé de seus pais?! Desse dia em diante, surpreendi-me muitas vezes com o pensamento voltado para esses infelizes.<sup>148</sup>

Dom João Batista Scalabrini, depois de viver a experiência em seu coração de pastor na estação de Milão, percorreu as principais cidades da Itália, conscientizando o povo e a Igreja acerca do fenômeno migratório da época. Sensível às necessidades em que se encontram os migrantes e solidário com os seus sofrimentos, João Batista Scalabrini empreende uma ação pastoral específica, comprometendo-se pessoalmente com a causa e reunindo colaboradores e continuadores de sua obra.

Em 1887, Scalabrini fundou a Congregação dos Missionários de São Carlos e, em 1889, instituiu a Associação de Patronato São Rafael.<sup>149</sup> Da ação sócio-pastoral, realizada pelos leigos scalabrinianos da Associação de Patronato São Rafael e dos padres Missionários de São Carlos, surgiram igrejas, escolas, orfanatos, hospitais e outros serviços em favor dos imigrantes italianos.

<sup>148</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 355-356.

<sup>149</sup> Associação do Patrono São Rafael é a associação dos leigos, para auxiliar nas atividades da migração.

A constatação de que a missão scalabriniana deveria ser complementada com a participação pastoral de uma congregação feminina motivou Dom João Batista Scalabrini à nova fundação. Scalabrini, interpelado providencialmente pelo missionário scalabriniano, Pe. José Marchetti, funda, em 25 de outubro de 1895, na Itália, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, MSCS, com as candidatas preparadas e enviadas imediatamente em missão a São Paulo, Brasil.

No ano de 1894, o Padre José Marchetti inicia uma primeira viagem ao Brasil. Durante a travessia do mar, a rudeza do destino dos emigrantes colocou-lhe no colo um orfãozinho, recém-nascido.<sup>150</sup> No Orfanato Cristóvão Colombo, em São Paulo, no Brasil, estabelece-se a primeira comunidade de Irmãs MSCS. Vieram da Itália, no mesmo ano de sua fundação, com a finalidade de atender aos órfãos, filhos de imigrantes italianos. Ali acolhidos, os primeiros destinatários de sua ação missionária, atendiam, deste modo, a sua missão originária: o serviço evangélico e missionário aos migrantes, preferencialmente aos pobres e necessitados.

A Congregação MSCS teve a sua primeira missão no Brasil, no ano de 1895. Em 1936, expandiu-se para Europa; em 1941, na América do Norte e, nos últimos anos, em vários países da América Latina, da Ásia e da África. Atualmente, marca presença em 28 países, contando com 156 comunidades, e tem sua Sede Geral em Roma, Itália. Constitui-se de seis grupos denominados “Províncias”, com as suas respectivas sedes administrativas nas seguintes localidades: Piacenza – Itália; Illinois – Estados Unidos da América do Norte; São Paulo – SP, Brasil; Várzea Grande – MT, Brasil; Porto Alegre, RS, Brasil; e Caxias do Sul – RS, Brasil. Fiel à sua missão originária, a Congregação MSCS ampliou a sua atuação entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul desde 1915, inicialmente em Bento Gonçalves, dedicando-se ao serviço da educação, saúde, pastoral social e formação religiosa. A nova presença tornou-se vertente de vitalidade congregacional, por se juntarem a ela numerosas novas vocações e por dar origem a várias iniciativas missionárias, entre elas, a criação da Província Imaculada Conceição em 1927, com sede em Caxias do Sul, RS.

As Irmãs Missionárias Scalabrinianas, ao longo do desenvolvimento da história da Congregação, dedicaram-se e continuam dedicando-se aos migrantes e às populações locais

---

<sup>150</sup> PROVÍNCIA IMACULADA CONCEIÇÃO. *Percorrendo caminho*. Caxias do Sul-RS: Lorigraf, 1997, p. 30-31. Assim narra o episódio, mais tarde, D. Scalabrini: “A bordo do navio em que viajava um meu missionário, o P. José Marchetti, morria uma jovem esposa, deixando um orfãozinho de colo e o marido sozinho no desespero. O missionário, para acalmar aquele homem desolado, que ameaçava atirar-se ao mar, prometeu-lhe cuidar da criança. Desde daquele momento, a ideia de fundar, em São Paulo, para onde se dirigia, um Orfanato para os filhos de italianos, lhe invadia a mente. De uma necessidade, surge o orfanato Cristóvão Colombo, no alto do Ipiranga.

necessitadas. Os seus serviços, que são permeados pela obra de evangelização, ultrapassam as áreas ou as divisões dos serviços prestados; é como o sal que dá sabor a todo o alimento ou o fermento que leveda toda a massa, transformando-a em alimento que nutre e dá vida nova aos que dele se saciam.

### 3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SCALABRINIANA

Os colégios scalabrinianos nasceram do ideal de um homem, comprometido com o ser humano em todas as suas dimensões, mas, em particular, com a pessoa mais necessitada no contexto atual. Bispo italiano, Dom João Batista Scalabrini, na metade do século XIX, iniciou uma ação missionária junto aos milhares de italianos em êxodo para as Américas. Sacerdote missionário, homem culto, humilde e sensível à realidade, soube analisar as necessidades humanitárias de sua época e, através de uma ação política planejada, criou estratégias capazes de mobilizar e transformar as demandas sociais. Entre os valerosos legados do Bem-aventurado João Batista Scalabrini, está a educação. Segundo ele, somente “a educação é capaz de remover as misérias do mundo”.<sup>151</sup>

Essa afirmação revela que as demandas sociais, às quais João Batista Scalabrini dedicou a sua vida, continuam presentes nos dias de hoje, sendo uma das principais fragilidades para o desenvolvimento humano. “Chama-se educar ao aperfeiçoamento harmônico das capacidades do homem. E a educação abrange o corpo e o espírito, o coração, os afetos, a imaginação e a vontade com a inteligência”.<sup>152</sup>

João Batista Scalabrini convida o mestre a educar, tocando o coração do aluno, despertando-o para a prática da justiça, da acolhida e do compromisso com o outro. Assim, expressava Scalabrini:

Não é possível uma educação verdadeira, sem a religião. Educar a criança é depositar a verdade, toda a verdade, na sua mente, da mais simples à mais elevada; é abrir o seu coração aos mais nobres sentimentos, os de pureza mais delicada e de honra mais pura, é fazer palpitar a sua alma com as palavras: Deus, Pátria, Liberdade, Igualdade, Fraternidade, as quais o Evangelho consagra.<sup>153</sup>

---

<sup>151</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 233.

<sup>152</sup> *Ibidem*, p. 230.

<sup>153</sup> Educação Cristã. *Placencia*, p. 8-9, 1889.

Nas últimas décadas, o cenário da educação particular brasileira mudou de feição. As lideranças das escolas confessionais (ligadas a grupos religiosos) foram cedendo terreno aos chamados sistemas de ensino,<sup>154</sup> também conhecidos como redes de ensino.

Foi observando o crescimento da realidade descrita acima que se chegou à conclusão de que o caminho da educação hoje está fundamentado em “parcerias”. As redes de ensino têm alcançado um êxito incontestável. Então, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo (MSCS) não poderia ficar de fora dos atuais questionamentos e procedimentos de trabalho no campo da educação, já que, desde o Concílio Vaticano II, cada congregação religiosa foi convidada a atualizar a ação evangélico-missionária nos diversos setores, de acordo com os sinais dos tempos.

A Congregação MSCS sempre reconheceu na educação um aspecto fundamental para possibilitar a homens e as mulheres alcançarem a vida plena e abundante, prometida por Jesus Cristo nos Evangelhos.<sup>155</sup>

Em 2003, nasceu a Rede<sup>156</sup> ESI – Educação Scalabriniana Integrada.<sup>157</sup> A organização é formada pelos colégios scalabrinianos, que iniciaram as suas atividades, em sua maioria, no século XX, sendo o primeiro, em 1915. A Rede veio consolidar os ideais de educação, fundamentada nos valores evangélicos e scalabrinianos.

Na raiz dessa responsabilidade pela qualidade de sua vida e de sua história, está a liberdade do ser humano. Liberdade de escolher não tanto entre fazer isso e aquilo, mas, principalmente, a liberdade pessoal de agir em conformidade com a sua consciência, iluminada pelos valores objetivos de uma vida humana, numa ação em que se realiza plenamente como pessoa.<sup>158</sup> A educação está a serviço da liberdade. Ela é libertadora não só no sentido de que considera o educando como sujeito do seu próprio desenvolvimento (Medellin), em comunidade (Puebla), mas, enquanto visa à plena liberdade do educando como pessoa. Seu objetivo é o de ajudá-lo a libertar-se dos condicionamentos e dominações que dificultam o seu desabrochar efetivo e a assumir, como sujeito, o seu crescimento pessoal.<sup>159</sup>

<sup>154</sup> Sistema de ensino: abrange uma série de ações que a escola, a direção, as coordenações e os serviços assumem juntos.

<sup>155</sup> Documentos da secretaria e da escola da Província Imaculada Conceição. 2003.

<sup>156</sup> Rede: algo que entrelaça. Na educação, são várias as escolas que possuem a mesma filosofia e seguem os mesmos critérios, mantidos por uma central, no caso da rede ESI, que é mantida pela mantenedora AESC. (Associação Educadora São Carlos).

<sup>157</sup> ESTATUTO DA REDE ESI. São Paulo, 2009.

<sup>158</sup> “A dignidade do homem exige que ele possa agir, de acordo com uma opção consciente e livre, isto é, levado por uma convicção pessoal e não, por força de um impulso interno cego ou debaixo de coação externa” (GS,17).

<sup>159</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). 1992, p. 39-40. (Documentos da CNBB).

A educação scalabriniana sempre deu ênfase à construção da cidadania. A ESI (Educação Scalabriniana Integrada), em qualquer lugar<sup>160</sup> do Brasil, tem um olhar sensível e atento sobre o tempo e o espaço que as escolas ocupam e se constrói, por meio da ação educacional, cultural, religiosa, científica e social. As escolas scalabrinianas são centros geradores de cultura e, na sua dinâmica pedagógica, busca produzir conhecimento que promova a vida e as atitudes de respeito em relação ao seu semelhante.

Com este breve relato, resgatamos a raiz, a gênese do processo fundacional da ESI e do processo de integração da educação scalabriniana nas Províncias da Congregação, para que se perpetue na memória de quantos fazem ou vierem a fazer parte deste novo caminho a educação scalabriniana, que é a ESI.

É um caminho importante, porque novos parceiros – os colégios da Província Imaculada Conceição, da Província Nossa Senhora Aparecida e da Província Cristo Rei – agora, como uma grande família, fazem parte desta rede. Há agora 13 Unidades Escolares, compondo a Rede ESI de Ensino, que busca uma educação integrada e tem como missão: “Promover uma educação evangelizadora de excelência, comprometida com a cidadania universal, capaz de construir conhecimentos e responder, criativamente, aos desafios do mundo”.<sup>161</sup>

Esta riqueza de experiências e esta soma de esforços já mostram hoje os seus promissores frutos, nos levando sempre mais para o caminho da unidade, do diálogo e da partilha fraterna.

A educação, desde os primórdios da Congregação das Irmãs MSCS, sempre foi um dos principais focos missionários. A nascente congregação tinha como objetivos específicos: a educação na fé e a educação da juventude nas colônias, bem como dos órfãos e abandonados no exterior. Essa missão consistiu em dar aos jovens e às crianças a possibilidade de vencerem na vida, sendo promovidas integralmente, através de uma boa formação, uma educação de qualidade, as quais desenvolverão as habilidades profissionais, artísticas, entre outras. Neste sentido, a educação visa à formação da pessoa na sua totalidade do ser, isto é, espírito e matéria, mente e coração, como incentivava Dom João Batista Scalabrini, a partir do qual as escolas da Rede ESI se inspiram. É “A maneira de desenvolver os germes que estão no coração do educando e trazer à luz aquilo que está escondido naqueles germes”.<sup>162</sup>

---

<sup>160</sup> O aluno que estudar em qualquer cidade ou estado e migrar a outra encontram a mesma filosofia pedagógica.

<sup>161</sup> ESTATUTO DA REDE ESI, 2009.

<sup>162</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 230.

João Batista Scalabrini preocupava-se com a formação intelectual e cristã dos imigrantes e de seus filhos que, em muitos lugares de destino, eram privados de qualquer meio educativo. Assim, João Batista Scalabrini via na missão e na ação de seus missionários e missionárias um meio privilegiado de responder junto aos migrantes quanto a estas necessidades. João Batista Scalabrini, profundo admirador de São Carlos Borromeo, procurou trazer para o seu tempo os aspectos da “educação preventiva e da escola-família”, preconizadas por São Carlos.

A família, segunda alma da humanidade. Depois da religião, não existe na terra coisa mais bela que a família. Ela foi chamada a segunda alma da humanidade. Nada de mais verdadeiro, pois é no seio da família que o homem forma as idéias, os afetos, os desejos, os costumes. A família é o primeiro ninho da alma, a primeira escola para a inteligência, o primeiro abrigo para a fé, o primeiro refúgio para o amor.<sup>163</sup>

Padre José Marchetti soube captar muito bem esse desejo do fundador, tanto que a sua obra educativa (os orfanatos) nasce justamente para suprir essas duas lacunas entre jovens e crianças, órfãos e abandonados. Madre Assunta Marchetti e, sobretudo após a morte precoce de Padre Marchetti, soube conduzir, com firmeza, os objetivos educativos, advindos do Carisma Scalabriniano. Ela os transmitiu com tanto zelo e dedicação que, até hoje, subsistem mais de cem anos depois.

Diante dessa rica herança de objetivos, conceitos e fundamentos, as escolas da Rede ESI sempre desenvolveram um trabalho significativo na área da educação. Mais do que a união em torno da marca, a Rede significa a união da tradição e da modernidade, em que o conhecimento, a cultura e o desenvolvimento humano são transmitidos aos seus alunos por meio de modernas práticas pedagógicas por educadores, em constante formação, que diariamente dedicam-se e têm por objetivo: “Promover uma educação de excelência na sua diversidade, formando pessoas comprometidas com a cidadania universal, fundamentada nos valores cristãos”.<sup>164</sup>

O compromisso com a pessoa, com a qualidade de ensino e com a ética na educação são características presentes em todos os serviços prestados pela Rede na Congregação, por meio de seus colégios. Contudo, era preciso caminhar mais, adequar-se aos novos tempos e aos novos desafios no campo educacional. Seguindo o sábio conselho do fundador, que dizia “o mundo anda

---

<sup>163</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 236.

<sup>164</sup> Projeto Político Pedagógico da Rede ESI – das escolas Scalabrinianas, 2003.

depressa e nós não podemos parar”,<sup>165</sup> a congregação decidiu trilhar em um caminho novo, na área educativa. Foi assim que nasceu a ESI – Educação Scalabriniana Integrada.

A educação e a escola católica encontram-se perante novos desafios, criados pelo contexto sociopolítico e cultural. Trata-se da crise dos valores pessoais e coletivos. E é neste vasto horizonte que os educadores são chamados a contribuir com a missão evangelizadora da Igreja e proclamarem a todos a boa nova da salvação. “A Igreja exerce a sua missão, adaptando os meios às novas condições dos tempos e às novas necessidades do gênero humano”.<sup>166</sup> No encontro com as diversas culturas e perante as conquistas incessantes da humanidade, a Igreja, mediante o anúncio da fé, revela “ao homem de todos os tempos o fim transcendente, o único que dá à vida o seu sentido pleno”.<sup>167</sup>

No que tange a sua missão: “A Igreja reconhece nas escolas um meio privilegiado para a formação integral do homem: a escola é, com efeito, um centro em que se elabora e se transmite uma concepção específica do homem e da história”.<sup>168</sup>

Nesta busca para responder, com fidelidade, ao carisma, a congregação sempre esteve aberta aos apelos da Igreja e da sociedade quanto à reflexão, à avaliação e ao discernimento, iniciando, nas escolas, um processo de redimensionamento, o qual foi acolhido com muita determinação e seriedade por todos os envolvidos no processo educativo. Observou-se, desta forma, um renovado entusiasmo, um novo impulso missionário, vários avanços na formação do educando, inovação pedagógica e didática, destacando-se a busca e o compromisso de um efetivo trabalho em rede, em âmbito de congregação.

Tudo isso se reverte em contributo, para que essas escolas se tornem, cada vez mais, um ambiente de educação e cultura, espaço de evangelização e de educação integral, do diálogo e da aprendizagem. O chamado a participar da missão da Igreja, no campo da educação, “como um meio fundamental para realizar o apostolado específico da Congregação das Irmãs MSCS”.<sup>169</sup> A educação scalabriniana é sempre um caminho a percorrer com muita perspicácia e esperança. Utiliza-se a palavra “caminho”, como vimos na história dos discípulos de Emaús, porque esta “nos faz lembrar dinamismo, movimento, superação de distâncias, nos convida a sairmos de nós mesmos, aperfeiçoarmos o que sabemos fazer e

<sup>165</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 109.

<sup>166</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo <Gaudium et Spes>*, n. 4.

<sup>167</sup> PAULO VI. *Alocução a Sua Em.cia o Senhor Cardeal Gabriel-Marie Garrone*, 27 nov. 1972.

<sup>168</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A Escola Católica*, n. 7, 1997.

<sup>169</sup> Constituições das Irmãs MSCS, 115.

melhorarmos o lugar onde nos encontramos. É marcha, é abrir novos horizontes, é não aceitar o já, mas lançar-se além”.<sup>170</sup>

O caminho é uma verdadeira pedagogia das Escolas da Rede ESI da Congregação – MSCS. Jesus revela o seu projeto no caminho aos discípulos e, certamente, no nosso caminho e o de nossas escolas, que assumem a proposta de estar apostando em uma educação humana, inserida no contexto comunitário e cristão.

A Igreja é chamada a promover, em suas escolas, uma educação centrada na pessoa humana que é capaz de viver na comunidade, oferecendo a esta o bem que a Igreja possui. Diante de o fato de muitos se encontram excluídos, a Igreja deverá estimular uma educação de qualidade para todos, formal e não-formal, especialmente para os mais pobres. Educação que ofereça às crianças, aos jovens e aos adultos o encontro com os valores culturais do próprio país, descobrindo ou integrando neles a dimensão religiosa e transcendente. Para isso, necessitamos de uma pastoral da educação que seja dinâmica e acompanhe os processos educativos, que seja voz que legitime e salvguarde a liberdade da educação diante do Estado e o direito a uma educação de qualidade para os mais despossuídos.<sup>171</sup>

No contexto da educação scalabriniana, o ser humano é visto como um ser que se exprime, comunica, atua na realidade e é capaz de transcender-se. A escola é lugar propício para o desenvolvimento da capacidade de acolher o outro; o lugar onde o educando está para entender o mundo diferente de cada pessoa, respeitando e valorizando as diferenças e, no qual, possa crescer e se desenvolver. Um contexto de educação scalabriniana é, sobretudo, um caminho de confronto, de descoberta mútua e de diálogo e um processo de constantes avanços, um encontro que gera outros encontros e contínuas novidades vida.

### 3.3 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO SCALABRINIANA

A educação, proposta pela filosofia da Rede Scalabriniana, leva a criar um espaço para o diálogo, a convivência, a partilha, a fim de que as pessoas sejam acolhidas, valorizadas, participativas e colham ensinamentos para a vida. Contempla uma educação que possa responder às necessidades do pleno desenvolvimento da pessoa humana, isto é, que favoreça os aspectos intelectuais e psicológicos e a disposição contemplativa da mente, bem como a abertura do coração para o transcendente, como lembra Dom João Batista Scalabrini: “[...] a

<sup>170</sup> *Revista Convergência*, n. 352, maio 2002. (Conferencia dos Religiosos do Brasil-CRB).

<sup>171</sup> DA, n. 334, 2007.

educação abrange o corpo e o espírito, o coração, os afetos, a imaginação, a vontade e a inteligência”.<sup>172</sup>

No processo da humanização da pessoa, importa não só o aprender a aprender, mas também aprender a ser como forma de superação do ego. Neste sentido, a educação pode equilibrar o modo de pensar, agir e fazer, para construir uma sociedade mais justa, solidária, fraterna e cristã. É preciso que educadores e educandos, ou seja, a comunidade educativa compreenda e carregue, em si, um jeito novo de aprender e ensinar, vivenciando o valor da acolhida como um gesto de compartilhar a vida. A ação evangelizadora precisa considerar diversos aspectos: estilo pessoal de cada um, as características da cultura, a situação social das pessoas, os limites e as capacidades individuais, pois o ser humano está se desenvolvendo e precisa ser orientado e valorizado a partir do seu contexto.

Assim, a Pedagogia do Antigo Testamento encontra no Novo Testamento a sua expressão mais completa na maneira como Jesus, o Mestre, se relacionava com as pessoas e os acontecimentos, fala ao povo e educa o pequeno grupo de seus discípulos na compreensão dos valores do Reino.

Os estabelecimentos escolares são prédios estáticos, porém uma boa educação se faz com educadores competentes, coerentes com seu modo de ser, pensar, falar e agir. A escola precisa ser um local, onde os conhecimentos e as informações sejam base para a educação. Desta forma, as Constituições das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – MSCS dizem que:

Nossas escolas se definem e se caracterizam como escolas em pastoral, adotam como filosofia própria os princípios evangélicos, as diretrizes da Igreja e da Congregação e como pedagogia a de Jesus Cristo. Mantêm-se atualizadas em sua dinâmica pedagógica, a fim de que sejam também centros geradores de cultura.<sup>173</sup>

É necessário que a escola seja local, onde haja acolhimento, se ensine a acolher, a trabalhar a comunhão na diversidade e a estabelecer vínculos consigo, com o outro, com o cosmos e com o transcendente – é um local, onde se ensine à luz dos valores do Evangelho.

<sup>172</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 256.

<sup>173</sup> CONSTITUIÇÕES DAS Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas – MSCS, n. 116.

### 3.4 ALTERIDADE

O tempo atual vem caracterizado pelo singular desafio da alteridade. Revela-se cada vez mais atual a questão da “redescoberta do outro” e do diálogo, como desafios imprescindíveis. O reconhecimento e a acolhida da diferença emergem hoje como contrapontos à lógica excludente da identidade egocêntrica que marcou a modernidade e sintonizam um momento novo de busca de sentido.

A grande questão do nosso presente, caracterizado pela crise da identidade saturada de ideologia, é cada vez mais a do reconhecimento e da acolhida da alteridade, assim como da diferença. Trata-se de redescobrir o outro, a partir de sua dimensão absoluta e transcendente e de traduzir esta experiência em palavras, tornando-a comunicativa e libertadora para todos.

Há na base do diálogo a percepção do valor da diversidade e de que ela traduz a riqueza da experiência humana. O diálogo só pode acontecer, quando se reconhece e respeita a alteridade do outro, bem como o valor de sua convicção. Há sempre a surpresa no encontro com a alteridade, e ela deixa uma marca que transforma a relação. Como afirma Hans Georg Gadamer: “O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo”.<sup>174</sup>

A palavra “alteridade”, que vem de *alter*, do latim, significa colocar-se no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e diálogo com o outro. A pessoa que consegue realizar esse processo adquiriu uma maneira de agir com fraternidade em todos os sentidos, deixa de criticar, julgar, agredir, infringir leis e normas e passa a ser responsável pelos seus deveres e obrigações. Para a Igreja, educação é, portanto:

Um processo histórico e social que envolve a pessoa toda e todas as pessoas em sua totalidade e ao longo da vida. Isto alcança o ser humano em todas as suas fundamentais dimensões e relações, em suas várias modalidades. Então, educar é um empenho da pessoa e da sociedade, a fim de humanizar e personalizar cada pessoa humana em toda a sua trajetória de vida; desenvolver todas as dimensões da pessoa humana na relação consigo, com os outros, com a natureza e com Deus; desenvolver e harmonizar, enfim, todas as potencialidades humanas, colocando-as a serviço do bem comum e do desenvolvimento integral de todos: cidadania em sentido amplo.<sup>175</sup>

<sup>174</sup> GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método II. Complementos e Índice*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 247.

<sup>175</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Pastoral da Educação: reflexão e organização*. São Paulo: Peres, 2001, p. 12.

De acordo com a sociedade, os paradigmas atuais, utilizados pelas pessoas, são a competição e o imediatismo. Um novo paradigma que se reforça com o princípio de alteridade é a cooperação é a espiritualidade humana. Só consegue ter uma boa alteridade quem tem uma boa relação consigo mesmo, com o outro e com Deus.

O ser humano é entendido, assim, como um ser que não apenas está no mundo e o transforma pelo trabalho, mas como um ser para o qual estar e atuar no mundo significa pronunciar o mundo. O ser humano tem necessidade de reconhecer e reconhecer-se. Neste sentido, o diálogo é a tradução autêntica da alteridade.

O sentido do diálogo e da alteridade aponta para o movimento de construção, desconstrução e reconstrução do sentido no processo de comunicação. Paulo Freire enfatiza o ato pedagógico como uma ação que não consiste em comunicar o mundo, mas criar, dialogicamente, um conhecimento do mundo. Em outras palavras, o diálogo leva o homem a se comunicar com a realidade e a aprofundar a sua tomada de consciência sobre a mesma até perceber qual será a sua práxis na realidade opressora para desnudá-la e transformá-la. O diálogo se dá de forma horizontal entre as pessoas.

Para o diálogo acontecer, é preciso a concretude da presença do sujeito que fala e do sujeito que escuta. O que significa esse falar e esse escutar? Falar no diálogo com o/a diferente é falar o que me move como pessoa no mundo e falar a minha palavra de mundo. Escutar, então, passa a ser muito mais do que um momento para exercitar a capacidade auditiva, como diz Paulo Freire:

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui refletido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro.<sup>176</sup>

No diálogo verdadeiro entre diferentes, o falar e o ouvir estão diretamente ligados, quando um tem a autonomia para falar, e o outro, a autonomia para escutar. A educação deve ser, essencialmente, uma reflexão, um direcionamento de ações permeadas de sentido, uma preparação para vida. Destaca-se, assim, que a pessoa está sempre inserida em um contexto, em uma realidade histórica. Qualquer procedimento, na área da educação, visa, por conseguinte, a formar, instruir ou ensinar a pessoa. Esse relacionamento acontece de forma

---

<sup>176</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 135. (Col. Leitura).

horizontal, cumprindo um dever de estar ao lado do outro, ajudando-o a ser mais. “O diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”.<sup>177</sup>

A ação pedagógica de Paulo Freire, portanto, fundamenta-se em elementos que foram capazes de transcender a sua convicção histórica, a maneira de ler e interpretá-la, além de apontarem perspectivas e possibilidades de respostas, bem como saídas aos sinais de opressão do momento atual.

A teologia atual é, assim, desafiada a pensar de forma mais decisiva esta relação do diálogo e da alteridade. Fazendo uma analogia com o Evangelho de Lucas, ela é como os discípulos de Emaús, aqueles que conviveram com o Mestre Jesus, que acolhiam, que o amavam e que fizeram a experiência do Ressuscitado. De fato, a nova consciência da universalidade, entendida como um dom de Deus e a expressão das riquezas de sua sabedoria infinita e multiforme, tem provocado uma nova visão da teologia.

A alteridade talvez seja hoje um desafio fundamental a provocar no ser humano a consciência de estar em um mundo que é lugar de todos. É a compreensão e as atitudes da alteridade que possibilitam ao ser humano viver os valores fundamentais, que impulsionam os gestos de compaixão, atenção e cuidado com o outro. Ao despertar a alteridade, são despertados no ser humano o sentido do diálogo entre irmãos, a autoajuda, a solidariedade e o amor ao próximo. Essa conscientização vai solidificando a pessoa a fazer a experiência da bondade e do espírito cristão. Trata-se de um sair de si e integrar-se no universo do outro, um caminho rumo à transformação, feita na dimensão do amor. É assumir o outro como irmão, que habita no mesmo teto. A vivência da alteridade se dá a partir da saída de si mesmo e da entrada no universo do outro, com um espírito solidário.

A dinâmica do êxodo é compromisso que acompanha a vocação para a alteridade, presente no projeto do diálogo da educação e na vida do ser humano. Isto não significa, em hipótese alguma, uma ruptura ou descrédito do valor da identidade. A experiência do diálogo demonstra, de forma precisa, que a experiência da alteridade não constitui barreira na afirmação da identidade, mas é condição indispensável para a relação no contexto atual. O ser humano é convidado a melhorar o seu relacionamento e a sua maneira de pensar cada vez que se dispõe a assumir a alteridade do outro e aprofundar a sua maneira de dialogar.

---

<sup>177</sup> FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1967, p. 66.

O diálogo implica a presença de pessoas que atuem com a mesma dimensão de fé. Envolve a espiritualidade que é ação de solidariedade, compaixão, amor desinteressado e é capacidade de abertura à alteridade. A prática do diálogo é uma tomada de consciência da ação que liberta o ser humano. É um partilhar nossa experiência humana e cristã. O diálogo, com as diferenças do cotidiano pedagógico, abre possibilidades para a solidariedade, não apenas dos sujeitos entre si, como ainda, das culturas que se mostram carregadas de riquezas e também de fragilidades. A cultura, construída através do diálogo, aponta para a possibilidade de uma nova cultura, marcada pela acolhida com a alteridade. A descoberta da alteridade é a de uma relação, porém não, de um caminho construído de barreiras. A educação libertadora não pode se limitar a descobrir a alteridade e a diversidade, concebidas como uma relação com o outro, ela deve ir além. A aprendizagem, para reconhecer o outro como sujeito, é o primeiro objetivo da educação, lugar de aprendizado para a vida.

### 3.5 DIVERSIDADE

A pedagogia de Jesus como Mestre, que é o Caminho, e que se pôs a caminhar com os discípulos que andavam na contramão, é também salientada em Paulo Freire como educador que não só refletiu e mexeu na prática educativa, mas também se propôs a tomar rumos mais humanos. Um dos pressupostos de seu pensamento pedagógico está associado à ideia de que o ser humano é portador de conhecimentos que dão significado à sua existência. Esses conhecimentos não dependem, diretamente, do fato de se saber ler ou escrever, de tal modo que, para o autor, a leitura de mundo antecede à leitura da palavra.

O ser humano está sempre em um constante crescimento, por isto está em uma dinâmica de “vir-a-ser”, em um contínuo caminho de transformação. A realização humana requer a pessoa em uma busca de projeto educacional, construtivo que o conduza para a autonomia.

Que tipo de seres humanos queremos nas escolas, nas universidades, na sociedade, nas igrejas, no convívio? É necessário que a educação corresponda ao tipo histórico de pessoa que se pretende construir. Quer se formar um ser alienado, oprimido de si mesmo, ou um ser livre, sujeito da sua própria história? A educação existe, entre outros objetivos, em função deste novo ser humano, que se relaciona com o outro.

Propõe-se que, nas instituições católicas, a educação na fé seja integral e transversal em todo o currículo, levando em consideração o processo de formação para encontrar a Cristo e para viver como discípulos e missionários e inserindo nela verdadeiros processos de iniciação cristã. Ao mesmo tempo, recomenda-se que a comunidade educativa (diretores, mestres, pessoal administrativo, alunos, pais de família enquanto autêntica comunidade eclesial e centro de evangelização, assuma o seu papel de formadora de discípulos e missionários em todos os seus estratos. Que, a partir daí, em comunhão com a comunidade cristã, que é sua matriz, promova um serviço de pastoral no setor em que se insere, especialmente dos jovens, da família, da catequese e da promoção humana dos mais pobres. Esses objetivos são essenciais nos processos de admissão de alunos, em suas famílias e na contratação dos docentes.<sup>178</sup>

Segundo João Batista Scalabrini, esta relação se dá através do diálogo, que não é apenas uma troca de mensagens entre sujeitos, como também inaugura uma relação de responsabilidade em defesa da justiça e de direito para todos. É a reflexão e o possível olhar, o retomar sobre a prática educativa que favoreçam a humanização e que tornam a pessoa mais sensível à realidade dos educandos.

Seu pensamento de educar, para transformar, permite proximidade com os valores humanos e cristãos, portanto, fundamentados na proposta evangélica de Jesus, como Mestre, no Caminho de Emaús. Atualmente, o caminho de Emaús é o desafio na itinerância da educação que não só convida como também convoca a peregrinar na mesma missão de ensinar e aprender, como condição de comprometer-se com o outro. Jesus pede: “Sejam compassivos, assim como o Pai de vocês é compassivo”. (Lc, 6,33) A sua compaixão está ancorada na mais íntima solidariedade, uma solidariedade que nos permite dizer com o Salmista: “Este é o nosso Deus, e nós somos o vosso povo que ele apascenta, o rebanho que sua mão conduz” (Sl 95,7).

Paulo Freire, quando registra a sua intenção pedagógica na obra *Pedagogia do oprimido*, expõe os seus motivos, para refletir e analisar uma prática bancária. A educação pode ter um papel decisivo no crescimento da cidadania e na formação da consciência da dignidade da grandeza de todos os seres humanos. O propósito da educação não é transformar as pessoas em cópias uma das outras, mas, com a liberdade como referência à prática de Jesus, que pregava a formação das consciências críticas, capazes de dialogar com a realidade a ser transformada. Sendo assim, Jesus é o Pedagogo do diálogo, da humanidade, o Mestre, que trouxe os princípios eternos da educação com amor. Os princípios de aprendizagens devem ser alicerçados nos valores da pessoa humana. Na itinerância missionária de Jesus, este

---

<sup>178</sup> DA, n. 338, 2007.

abraça a humanidade livre e a assume gratuitamente. “Ninguém tira minha vida, eu a dou livremente” (Jo 10,18).

A educação não é uma doação dos que julgam saber aos que se supõe que nada sabem, porém, uma troca de saberes. O diálogo transformador entre o ensinante e o aprendiz vê o outro como sujeito da história, faz a experiência de um diálogo horizontal, educador-educando-educador. Logo, o diálogo é uma possibilidade essencial da educação, que mostra à pessoa o sentido na relação contínua do coletivo. “Portanto, o que o diálogo pretende provocar é uma transformação da existência graças à escuta”.<sup>179</sup>

Celito Meier lembra o Mestre Jesus, em seu agir, em seu relacionar-se, em suas palavras, o qual nos abre o caminho, que nos indica uma pedagogia necessária para um processo educativo libertador. Trata-se de um processo de desinstalação e um compromisso com a construção continuada de uma personalidade que se quer mais significativa. Ensina o autor que:

O espaço educativo é lugar e tempo de fazer ver e acontecer diferente. Não há processo educativo possível às margens do pulsar da vida. Podemos passar informações, mas construir conhecimento implica imersão e interação, visão da totalidade e compromisso transformador.<sup>180</sup>

A relação que acontece no ato educativo, quando as pessoas têm consciência do mundo que as cerca, das possibilidades, de suas intervenções feitas, geram vida, dignidade e transformação daquilo que impedem o diálogo acontecer e de formar coerência com a realidade.

Jesus é o caminho e aponta o caminho da educação como sendo um processo individual e coletivo, no qual cada pessoa é desafiada a construir-se na relação com os outros. Assim, é uma prática educativa, feita em uma escola que pensa em seres humanos conscientes de sua tarefa e de sua existência. Os evangelhos mostram o Mestre que se colocava em oração e ação. Sua prática, missão e ensinamentos provocaram mudanças de mentalidade e de atitude nos seus discípulos que refizeram o rumo da vida.

Consequentemente, assim como os discípulos de Emaús, as pessoas também têm necessidade desta experiência de re-encantamento no seu processo da educação e da fé. Refazem o caminho, agora com espírito novo, com melhor compreensão do compromisso cristão. Retomam o seu modo de sentir e viver, fazendo a experiência:

<sup>179</sup> CAMPOS, O. Pedro. *Educar perguntando. Ajuda filosófica na escola e na vida*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 162.

<sup>180</sup> MEIER, Celito. *A educação à luz da pedagogia de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 43.

Do afastamento – para a aproximação; da partida – para o retorno; do isolamento e da solidão – para a comunhão, do fechamento – para a abertura; da cegueira – para a iluminação; do lamento – para o agradecimento; da tristeza – para a alegria; do desconhecido – para conhecido; do medo - para coragem; do desânimo – para o ardor; das trevas – para a luz; do fugir – para assumi-lo, anunciar a missão do Cristo Pascal.<sup>181</sup>

Portanto, cabe ao educador constantemente estar revendo a sua práxis pedagógica, encantando e re-encantando o seu aluno a apaixonar-se pelo aprendizado para a vida. Nem todo sonho se realizará na postura de educador frente a seu educando, quando algo é pensado de forma estática, pronta, ou como algo de que todos estão conscientizados. A práxis, muitas vezes, ocorre em meio às pessoas alienadas ou marcadas por sentimento de exclusão, que oprimem a si mesmas. “Todo educador, a exemplo da postura do Mestre de Nazaré, encontra-se muitas vezes diante de pessoas desacreditadas de si, dos outros, do mundo”.<sup>182</sup>

Paulo Freire assume, em seu projeto pedagógico, a problematização do ser humano.

Portanto, na trajetória da obra da “Pedagogia do oprimido” desvenda um riquíssimo diálogo que apontam dois rumos: primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo e vão comprometendo-se, na práxis, com sua transformação; segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente de libertação.<sup>183</sup>

A relação educação-libertação aponta para a construção de pessoas que sejam agentes de transformação de mundo, inseridas na história, pois a humanização é uma tarefa histórica. Por conseguinte, cabe ao educador, constantemente, estar revendo a sua práxis pedagógica. Nem todo sonho se realizará na postura de educador frente a seu educando, quando algo é pensado de forma estática, pronta, ou como algo de que todos têm consciência. Todo educando que segue o exemplo e a postura do mestre de Nazaré encontra-se, muitas vezes, diante de pessoas humanas com limitações pessoais que não conseguem assumir nem ver a dimensão humana da sua própria vida.

É somente neste encontro com o Mestre que a sensibilidade é mais profundamente despertada, portanto necessita ser desenvolvida e orientada. Segundo a nossa interpretação com o olhar da fé, é impossível achar argumentos para separar a pessoa de Jesus de Nazaré e sua ‘atividade’; Ele é o objetivo e a atividade em pessoa. É desafio a cada momento, para

<sup>181</sup> BARREIRO, Álvaro. *O itinerário da fé pascal*. A experiência dos discípulos de Emaús e a nossa. (Lc 24,13-35). 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 15.

<sup>182</sup> MEIER, Celito. *A educação à luz da pedagogia de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 37-38.

<sup>183</sup> FREIRE, Paulo. *Cartas à Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2003a, p. 41.

vivenciar uma educação que abranja os apelos do ser humano neste contexto diverso. A educação scalabriniana é chamada, então:

A ser um laboratório do encontro dialógico intercultural, onde o “outro” é acolhido como recurso e riqueza no reconhecimento da sua inviolável alteridade. Usando um neologismo atualmente utilizado no âmbito misiológico, a educação scalabriniana configura-se como “xenologia”, reflexão sobre o encontro com o “outro”. Sua pedagogia é a pedagogia da alteridade, que suprime o medo do “outro” e da “diversidade”.<sup>184</sup>

Educar, nesta perspectiva, é ajudar cada educando, cada pessoa a ser o que é chamada a ser: a se amar, aceitar-se e fortalecer os seus talentos e as suas possibilidades frente a vida.

### 3.6 ACOLHIDA: A MARCA DO CRISTÃO É SER IRMÃO

A educação, proposta pela filosofia scalabriniana, leva a criar espaço para o diálogo, a convivência, a partilha, visando a que as pessoas sejam acolhidas, valorizadas, participativas e colham ensinamentos para a vida. O ponto alto da educação está em trabalhar, de maneira mais aprofundada, os valores, as características e as virtudes. “Sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29).

Um dos grandes desafios na vivência dos seres humanos é o diálogo, o relacionamento consigo mesmo, com os outros e com Deus. As relações pessoais e interpessoais têm se destacado neste âmbito, sendo merecedoras de profunda análise e reflexão. O que é acolhida?

Acolhida é uma instância importante da espiritualidade, é abrir-se à hospitalidade, é a manifestação de amor desinteressado, é respeitar o outro no seu ser, é saber ouvir, acatar ideias. Acolhida, muitas vezes, é também confronto, questionamento, proposição de desafios, assimilação da realidade humana com seus afetos e agressões, êxitos e fracassos, amores e desamores.<sup>185</sup>

Trabalhar a educação, na prática da acolhida, é fazer daqueles que estão conosco as pessoas mais importantes. “Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como fiz, também vós o façais” (Jo 13,14-15). A acolhida vem, pois, ser o nosso ato ou prática de nos aproximarmos

<sup>184</sup> COLLET, Giancarlo. “[...] Fino agli estremi confini della terra”. Questioni fondamentali di teologia della missione. Brescia: Queriniana, 2004, p. 66-68.

<sup>185</sup> EDUCAÇÃO SCALBRINIANA. *Um novo caminho a percorrer*. Organização Erta Lemos, MSCS; apresentação Maria do Rosário Onzi. Porto Alegre: Renascença, 2004.

do nosso irmão. É o nosso gesto de abertura de coração ao outro, de oferecer-lhe espaço para que possa sentir-se irmão.

A acolhida implica deixar as pessoas livres, permitindo, desta forma, que cresçam e se desenvolvam em sua originalidade, não impondo ideias, jeito de ser, mas deixando a pessoa ser. É respeitar e perceber valores, presentes em toda a crença, raça e cultura. No cotidiano, o crescente desenvolvimento tecnológico tem nos colocado cada vez mais na busca acelerada do sucesso pessoal e profissional e, gradativamente, tem nos tirado a sensibilidade para pequenas atitudes, como a da acolhida, o respeito ao diferente, aspectos estes essenciais, para o despertar do ser humano uno. São pequenos gestos que merecem atenção, para podermos construir uma sala de aula, uma escola, uma sociedade, uma Igreja, com verdadeiros valores do coração.

A acolhida é a expressão da caridade eclesial, entendida na sua natureza profunda e na sua universalidade. Esta compreende uma série de disposições que vão da hospitalidade, à compreensão, à valorização, que é pressuposto psicológico para o recíproco conhecimento, ela é isenta dos preconceitos e predispõe para uma convivência serena e harmônica. A acolhida se traduz, além disso, em testemunho cristão.<sup>186</sup>

João Batista Scalabrini explica que o conhecimento e o saber são necessários, bem como:

A instrução é necessária, porém, todo o conhecimento deve ser base para a educação e diz com profunda convicção: É necessário fazer brilhar na mente das criaturas humanas a luz daquelas verdades que devem ser a norma de seu pensar e agir e ensinar-lhes, de modo claro, fácil, respeitoso, firme e eficaz, todos os seus deveres.<sup>187</sup>

A necessidade de acolhida aumenta diante de uma sociedade globalizante, que promove a exclusão da classe dos mais fracos. Há uma falta da verdadeira acolhida, isto é, uma acolhida reverente, fruto da espiritualidade, de ver que cada pessoa é graça e dom de Deus. Uma verdadeira acolhida ajuda o outro a ser mais gente. E quem o acolhe é despertado a viver uma espiritualidade do seguimento de Jesus. “Eu era forasteiro, e tu me acolheste” (Mt 25,35).

João Batista Scalabrini afirmava que “as duas grandezas: a do migrante e do povo que acolhe se reúnem numa só: a hospitalidade”.<sup>188</sup> A educação é obra que torna os seres humanos

<sup>186</sup> JUREMA Anreoli. Disponível em: <<http://mscs-pcr.org.br/Blog.vocacional>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

<sup>187</sup> SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 233.

<sup>188</sup> *Ibidem*, p. 233.

peessoas. Não é suficiente a instrução, que é a cultura da inteligência e que faz homens sábios. É necessária a educação que crie homens conscientes e virtuosos.

Pessoas acolhedoras não são donas do amanhã, mas estão abertas, para acolher o diferente. Diz Ema Bresolin: “A escola é o lugar propício e privilegiado para educar para a acolhida e o acolher”.<sup>189</sup> Ressaltar o valor da acolhida é perceber a riqueza, o encantamento e o valor universal, que precisam ser urgentemente base na educação, objetivando uma sociedade mais humana e responsável, com vida para com Deus e com o próximo.

Um dos grandes desafios da educação scalabriniana, portanto, é o de dinamizar na unidade a verdadeira acolhida, aquela que promova a serena convivência entre os educadores, entusiasmando-os a encontrar o outro, embora diversos em suas diferentes manifestações étnicas, culturais, sociais, religiosas e econômicas. Essas diferenças trazem consigo, de fato, a revelação do mistério de Deus, concretizada na pessoa de Jesus Cristo. A acolhida, sempre na ótica scalabriniana, pressupõe dar espaço ao outro, a fim de que se possa caminhar lado a lado, empenhando-se, juntos, para a solução dos problemas da humanidade, devolvendo a cultura da paz, da tolerância, aprendendo as normas da boa convivência e harmonizando as diferenças em um processo de verdadeira liberdade.

Para Scalabrini, a educação é um trabalho paciente, porque não se limita a instruir, mas educar à luz dos valores cristãos. Acreditar na educação é a forma mais eficaz de buscar a dignidade. Quem acolhe faz a experiência do discipulado de Jesus, pois, quando bem feita, é, ao mesmo tempo, conteúdo e método da verdadeira educação cristã libertadora. É com Jesus que aprendemos que a grande massa só se torna povo quando conscientizada, organizada e articulada entre si.<sup>190</sup> A educação scalabriniana é, assim, convidada a alargar o conceito de pátria para além das fronteiras nacionais, fazendo do mundo a pátria dos homens.

---

<sup>189</sup> BRESOLIN, Ema. *Educação, Novos tempos novos caminhos*. Caxias do Sul: Imprensa Lorigraf, 2001, p. 183.

<sup>190</sup> Cf. Isaias 50,4 “O Senhor me deu uma língua de discípulo, para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã, ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido, para que eu ouça como discípulo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de uma pedagogia transformadora é o coração da escola que entra em uma dimensão de discipulado. Ela acolhe pessoas e comunica a força da expressão dos valores. Logo, deveria ser o núcleo, no qual a comunidade educativa encontra o seu sentido de evangelizar. Quem se propõe a mudar algo, se dispõe a ser discípulo, a anunciar os valores transcendentais, eis que aprendeu dos evangelhos a pedagogia do Mestre Jesus, que ensinou os caminhos em defesa da dignidade da vida. Nunca se muda algo que não saia de dentro de si. Podemos dizer que é o ato que transforma parte da fé. É a fé que predispõe e que encoraja a enfrentar desafios, além de se ter esperança.

A escola, como Instituição Católica, tem a missão de ser portadora da Boa Notícia, de testemunhar que, no Reino de Deus, há lugar para todos, cristãos e não cristãos, pobres e ricos, por estar atuando frente a diversidade de pessoas que a frequentam. Há lugar para o diálogo e o convívio fraterno, respeitando as diferenças, as diversidades de cada um, bem como as culturas.

No percurso deste trabalho, encontramos pessoas que muito contribuíram para a educação integral do ser humano que, a partir da necessidade social, humana e cristã, viram ali os seus espaços para serem profetas.

Paulo Freire, assim como Dom João Batista Scalabrini, são educadores conscientes das múltiplas facetas de contradições de nossa sociedade, na qual oportunidades, direitos e condições de vida são extremamente desiguais. Para esses educadores, o diálogo é esquecido ou é utilizado como arma do poder, já que mostram ambos a coerência, ao denunciarem essas contradições e ao anunciarem a possibilidade de novos paradigmas, de uma nova práxis para a construção da existência individual e coletiva dentro do contexto histórico.

É preciso compreender em Paulo Freire, bem como em Dom João Batista Scalabrini, a dimensão antropológica da pedagogia vivida por eles, quando colocam o ser humano na sua

condição de existência. E é a partir dessa compreensão que eles desenvolvem as suas perspectivas de educação. Assumem uma posição de radicalidade não somente em defesa de uma educação problematizadora e dialógica, alicerçada nos princípios democráticos, no respeito às diversidades culturais, no rigor epistemológico do conhecimento, como também, nos princípios do Evangelho.

Uma educação transformadora acontece onde há diálogo, inquietação, busca contínua pelo ser mais, frente a realidade que está condicionando o ser humano à indiferença e à individualidade. É nesse contexto plural e diversificado que se desenvolve a missão educativa nas escolas, envolvendo os seus vários segmentos: alunos, professores, pais e comunidade. Conforme Gadotti: “[...] Paulo Freire não pensa pensamentos. Pensa a realidade e a ação sobre ela. Trabalha teoricamente a partir dela<sup>191</sup>”.

Quanto às ideias de Dom João Batista Scalabrini, ele não era um sonhador ou um idealista, porém aderiu à realidade, na busca da promoção integral do homem. Dizia que “A educação religiosa e social sozinha nada pode; quem vive com o desespero na alma pouco compreenderá da palavra da fé! O pão da alma deve ser partilhado juntamente com o pão do corpo”.<sup>192</sup> Todo conhecimento e toda ciência deveriam nos aproximar sempre mais de Deus e nos tornar pessoas cada vez mais atentas e vigilantes nas coisas que edificam a vida.

Na postura pedagógica de Paulo Freire, há um forte sentido comunitário, social, do saber que é construído no contato com a outra pessoa – é sempre uma relação de vida, de confiança no ser humano e de fé na possibilidade da transformação, do ser mais, a qual nos caracteriza como humanos. Ele afirmava: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.<sup>193</sup> Não há educação libertadora, na qual se negue o outro, as suas experiências e as suas histórias. Cada um de nós é também as suas histórias, os seus saberes, aprendidos na escola do mundo.

Diante das tarefas e dos desafios que a escola tem para “dar conta”, encontramos espaço e sentido de trabalharmos na formação humana e cristã, através do diálogo, da acolhida, do respeito à diversidade, do cultivo de uma espiritualidade cristã e de uma educação para a solidariedade, conduzindo um processo de abertura a novas realidades em diálogo com o mundo em que vivemos.

---

<sup>191</sup> GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire, uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996, p. 77.

<sup>192</sup> Carta de João Batista Scalabrini ao Padre Vicentini, 28 de agosto de 1893.

<sup>193</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a, p. 63.

As ideias de Paulo Freire se localizam em um tempo, em que foi germinado, no continente, um pensamento teológico que ficou conhecido como Teologia da Libertação. A pedagogia de Freire sempre esteve imbuída com a reflexão teológica. Em uma correspondência, dirigida à jovem teólogo, Paulo Freire explicava o seguinte: “Ainda que eu não seja teólogo, mais um ‘enfeitiçado’ pela teologia que marcou muitos aspectos de minha pedagogia, tenho, às vezes, a impressão de que o Terceiro Mundo pode, por isto, converter-se em uma fonte inspiradora do ressurgir teológico”.<sup>194</sup> A passagem de Freire pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) foi um marco de suma importância em sua vida. É possível perceber que todo esforço de buscar pela consciência a libertação tem um valor transcendental. No seu cotidiano, Paulo Freire buscava recuperar a esperança perdida de um povo que vivia a opressão e a exclusão. Segundo ele, talvez o ponto mais importante para resgatar o sentido da esperança e da vida é a questão religiosa. Pelo fato de ter trabalhado junto à população pobre, sem perspectivas de vida, Paulo Freire deparou-se com um ser humano, cuja esperança maior estava em Deus, mas, em um Deus que se conformava com as misérias. Foi, neste momento, que Paulo Freire, com certeza, encontrou sentido na Teologia da Libertação. O Deus que nos criou é um Deus Libertador.

O fator decisivo e mais importante desta universalidade da obra de Freire foi a sua atuação durante dez anos no Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Paulo Rosas, grande amigo e companheiro de lutas desde os inícios, no Recife, escreve: ‘A partir de Genebra, Paulo projetou-se na história da educação no século XX como um cidadão do mundo’.<sup>195</sup>

A educação transformadora permite que o ser humano tenha uma formação integral, que aqueça os corações, conscientize as mentes e leve a um compromisso de transformação.

A proposta libertadora de Jesus, para Paulo Freire, assim como para Dom João Batista Scalabrini, constitui-se em um referencial para toda a prática educativa na construção de uma sociedade mais humana. É na proposta do Evangelho de Jesus, o verdadeiro Mestre, que devemos fundamentar nossos critérios, nossos diálogos, para uma prática educativa evangelizadora e transformadora.

Em todos os tipos de relações, em todas as situações, o diálogo é o melhor caminho. A teoria e a prática pedagógica somente serão concretizadas a partir do momento em que o

<sup>194</sup> TORRES, C. A. *Terceiro Mundo e Teologia. Carta a um jovem teólogo*. São Paulo: Loyola, 1979, p. 90.

<sup>195</sup> ANDREOLA, Balduino A.; RIBEIRO, Mário Bueno. Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra. *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 2, p. 107-116, 2005.

diálogo, a troca de experiências e a socialização das diversas áreas e disciplinas, dentro e fora das escolas, se tornarem presentes nas instituições de ensino e nos indivíduos.

Com o tema, Diálogo – Mestre e Discípulo, o presente trabalho, envolvendo os aspectos pedagógicos e teológicos que caracterizam uma educação transformadora, a partir da realidade, do diálogo, do amor, da acolhida no pensamento dos autores destacados e a afinidade entre eles, percorre uma reflexão, com algumas considerações, em que transparecem o ato pedagógico, fundamentado na Teologia Cristã, com o propósito de aprofundar a ação libertadora.

A proposta educacional de Paulo Freire sustenta que o ser humano pode se libertar, mediante uma práxis político-pedagógica, comprometida com a transformação qualitativa da sociedade. Nesse sentido, Dom João Batista Scalabrini mostra que Jesus é o pedagogo que quer ensinar o ser humano a trilhar o seu caminho a partir da fé, da partilha, da igualdade e da acolhida. As duas propostas pedagógicas deixam transparecer que há sincronia no ato de educar o ser humano, para transcender as estruturas sociais e desumanizadoras a partir de uma educação humana e cristã.

Paulo Freire e João Batista Scalabrini também viveram neste contexto de mundo, com o qual eles não concordavam e procuravam soluções que possibilitassem o rompimento com estruturas opressoras. As suas lutas em favor da existência humana eram ousadas, contudo deixaram plantada a semente de um mundo novo, pois quem busca afinidades na pedagogia de Jesus basta regar a semente que ela crescerá e dará frutos. Acreditamos que um dos caminhos pode ser a colaboração da teologia, para ajudar a pensar uma educação humana e cristã no processo educativo, assim como da pedagogia, para ajudar a teologia a pensar no processo em suas práticas pastorais, tanto nas escolas quanto na vida cotidiana. Considera-se, então, o espaço da escola como um ambiente vital, de partilha, de solidariedade e de transcendência.

A relação Mestre-Discípulo não se limita à transmissão de doutrina e de conteúdos teóricos. Consiste, essencialmente, na aprendizagem de um modo de vida a ser plasmado no coração do discípulo. De acordo com o exemplo dos discípulos de Emaús, nós também temos necessidade desta experiência de re-encantamento na fé. O coração aquecido lhes impulsionou para o dinamismo, para a missão, com ardor renovado pela presença e proximidade com o Ressuscitado, a partir da qual os olhos se abriram, e o coração se aqueceu.

Espalha-se um novo ardor, que sai do coração e chega à mente, à consciência e move os pés que saem a evangelizar.

Conclui-se que há um longo caminho a se percorrido na educação scalabriniana. Porém, de forma mais clara, é um caminho que indica o meio e a fonte, para trilhar um percurso que responda aos desafios e que contribua no processo formativo de um ser humano para a sua transcendência. O amor é uma das condições, para que haja diálogo, e, neste, construímos o sentido de viver, com esperança. Conforme João Batista Scalabrini, “o amor não se adapta à indiferença”. Papa Paulo VI dizia: “O mundo é um grande hospital, onde falta a medicina do amor”. A educação é um dos mais fascinantes caminhos de partilha, de aprendizagem a partir da proposta do Mestre Jesus que, em sua missão, mostrou o amor aos mais marginalizados da sociedade. Só a pessoa que vive uma singular relação com Deus será apta a viver uma educação eficaz, a dar respostas pertinentes às dores das mulheres e dos homens do nosso tempo. Impregnadas da vitalidade amorosa de Deus, temos mais condições de “servir sem nos cansar”. A escola católica luta e tem consciência da possibilidade de uma prática educacional que pode ser um diferencial no contexto na vida do ser humano, por meio do cuidado dos valores e de uma instrução que ajude a pessoa a ser mais humana. A pergunta que me faço e estendo também aos leitores desse trabalho é a seguinte: Diante de tantas propostas inovadoras na área da educação, oferecidas pelo poder público, qual é a razão de continuarmos acreditando e assumindo a missão de uma escola católica como sinal de uma educação que faz a diferença na vida das pessoas?

Não ignoramos a importância de outras categorias possíveis de serem identificadas na pedagogia freiriana e na pedagogia scalabriniana. Os escritos de Paulo Freire e de João Batista Scalabrini nos permitem tornar a categoria do diálogo como central e articuladora de tantas outras apresentadas por eles. Sem pretensão alguma de concluir questões aqui postas, continuaremos pesquisando, no sentido de contribuir para processos educativos mais incluídos, mais libertadores e que o ser humano possa fazer a experiência, no dia a dia, da sua liberdade existencial.

Jesus nos revelou o amor, tornado serviço, que é caminho para alcançar a plenitude humana. E a prática de uma educação mais humana e libertadora é o cuidado e a proteção dos fracos, dos mais necessitados, dos desvalidos e dos migrantes. A pesquisa procurou, assim, contribuir para uma reflexão maior sobre a educação libertadora, a fim de que não sejam

perdidos os sujeitos desse encontro. O discípulo e o Mestre é, por conseguinte, o itinerário que está na base da formação e educação da fé do seguidor de Jesus Cristo.

João Batista Scalabrini, assim como Pastor da Igreja, certamente, como tantos outros, viveram como ninguém a experiência e a proximidade de Deus e compreenderam que só é possível chegar a Ele por meio do irmão e que a fé deve simplificar a vida do ser humano.

## REFERÊNCIAS

- ANDREOLA, Balduino A.; RIBEIRO, Mário Bueno. Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra. *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 2, p. 107-116, 2005.
- BALBINOT, Rodinei. *Ação pedagógica: entre verticalismo pedagógico e práxis dialógica*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Educação & Espiritualidade. Fundamentos da escola em pastoral*. Xanxerê: News Print, 2010.
- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos I*. Tradução e comentários. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990.
- BARREIRO, Álvaro. *O itinerário da fé pascal*. A experiência dos discípulos de Emaús e a nossa. (Lc 24,13-35). 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BARROS, Marcelo. *Dom Helder Câmara*. Profeta para os nossos dias. São Paulo: Paulus, 2011.
- BASSO, Neli; BROILO, Elda. *Polígrafo – Jesus Cristo se faz caminho na história, hoje*. Texto de Pe. Alfredo Gonçalves, cs. 2005.
- BENINCÁ, Elli. *Educação. Práxis e ressignificação pedagógica*. Passo Fundo: UPF, 2010.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Jesus Cristo libertador*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O que é o método de Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRESOLIN, Ema. *Educação. Novos tempos – Novos caminhos*. Caxias do Sul: Impressão Lorigraf, 2001.
- BUBER, Martim. *Eu e tu*. Centauro, São Paulo: Cortez, 2001.
- CÂMARA, Helder. *II Vangelo con dom Helder*. 2. ed. Assis: Cittadella, 1988.

\_\_\_\_\_. *Um olhar sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. *O deserto é fértil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

CAMPOS, Pedro O. *Educar perguntando*. Ajuda filosófica na escola e na vida. São Paulo: Paulinas, 2008.

COLLET, Giancarlo. “... *Fino agli estremi confini della terra*”. Questioni fondamentali di teologia della missione. Brescia: Queriniana, 2004.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo <Gaudium et Spes>*.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Educação, igreja e sociedade*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pastoral da Educação: reflexão e organização*. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. Pastoral do Menor. *Mística da pastoral do menor*. “Seguir Jesus no compromisso com as crianças e adolescentes empobrecidos”. V Assembléia Nacional da Pastoral do Menor. 24-28 maio 2005.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A Escola Católica*, n. 7, 1997.

DICIONÁRIO BÍBLICO. Disponível em: <[www.bibliaonline.net](http://www.bibliaonline.net)>. Acesso em: 14 maio 2011.

DOCUMENTO DE APARECIDA. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 maio 2007. São Paulo: Paulinas, 2007.

DONZELLINI, Mary. *Espiritualidade e missão*. Caminhando com Jesus e com os discípulos de Emaús. São Paulo: Paulus, 2008.

DREHER, A. Carlos. *A caminho de Emaús*. Leitura bíblica e educação popular 8. ed. São Leopoldo: Contexto, 2008.

EDUCAÇÃO SCALBRINIANA. *Um novo caminho a percorrer*. Organização: Erta Lemos, MSCS; apresentação Maria do Rosário Onzi. Porto Alegre: Renascença, 2004.

ENCÍCLICA «Deus Caritas est» de Bento XVI. 294. Encíclica da história da Igreja.

EMMANUEL, Lévinas. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

ESCLARÍN-PÉREZ, Antonio. *Educar para humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006.

ESTATUTO DA REDE ESI. São Paulo, 2009.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Guiné-Bissau – Registro de uma experiência em processo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. 12. ed. Prefácio de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Extensão e Comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Col. O mundo, hoje; v. 24).

FREIRE, Paulo. In. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *O educador. Vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Col. Leitura).

\_\_\_\_\_. *Professora sim! Tia não! Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'água, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança – Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a.

\_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. 8. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2006c.

GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método II*. Complementos e Índice. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire, uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.

\_\_\_\_\_. *Comunicação docente*. São Paulo: Loyola, 1975.

LANCELLOTTI, Angelo; BOCCALI, Giovanni. *Documentário ao Evangelho de São Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Estórias da educação do Brasil: de Pombal a Passarinho*. 3. ed. Rio de Janeiro, 1969.

MACKENZIE, L. John. *Dicionário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

MAZZAROLLO, Isidoro. *A Bíblia em suas mãos*. 2. ed. Porto Alegre: Est, 1996.

- MEIER, Celito. *A educação à luz da pedagogia de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. *O avesso é o lado direito. Círculos bíblicos sobre o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Com Jesus na contramão*. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MORENO I. Ciriaco. *Educar em valores*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- OLIVEIRA, E. Paulo. *Mestres que seguem o Mestre. Uma espiritualidade do educador*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- PAULO VI. *Alocução a Sua Em.cia o Senhor Cardeal Gabriel-Marie Garrone*, 27 nov. 1972.
- PÉREZ, Esclarín Antonio. *Educar para humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- PILETTI, Nelson. *História da educação do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- PROPOSTA SCALALABRINIANA DE PASTORAL ESCOLAR. *Um jeito de ser no mundo da educação*. Curitiba, 2010.
- PROVÍNCIA IMACULADA CONCEIÇÃO. *Percorrendo caminho*. Caxias do Sul: Lorigraf, 1997.
- A EUCARISTIA Ele está no meio de nós. *Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC*, Florianópolis, n. 41, 2005.
- ROMONELLI, Otaísa de Oliveira. *História da educação do Brasil*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade. O ser humano a luz da fé e da reflexão cristã*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SCALABRINI, João Batista. *Carta Pastoral pela Santa Quaresma de 1879*.
- \_\_\_\_\_. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989.
- SCALABRINIANAS. *Constituições das Irmãs Missionárias de Carlos Borromeo*. Roma, 1985.
- SECONDIN, Bruno. *Espiritualidade em diálogo. Novos cenários da experiência espiritual*, São Paulo: Paulinas, 2002.
- SIDEGUM, Pius. *Jesus o Semeador: exercícios espirituais*. São Leopoldo: Portão, 2011.
- SNYDERS, Georges. *Alunos felizes*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- STORNIOLO, Ivo. *Como ler o evangelho de Lucas. Os pobres constroem a nova história*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1992.
- STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; Jaime José Zitkoski (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SUNG, Jung Mo. A. *Educar para reencantar a vida*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

TERRINONI, Ubaldo. *Projeto de pedagogia evangélica*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Col. pedagogia da fé).

TORRES, C. A. *Terceiro Mundo e Teologia. Carta a um jovem teólogo*. São Paulo: Loyola, 1979.